

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

MESTRADO PROFISSIONAL



PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA

**UMA NARRATIVA ACERCA DA RELIGIOSIDADE DO
POVO POMERANO EM SÃO LOURENÇO DO SUL**

AIRTON FERNANDO IEPSSEN

RIO GRANDE- RS

2022



Ficha Catalográfica

l22n lepsen, Airton Fernando.

Uma narrativa acerca da religiosidade do povo Pomerano em São Lourenço do Sul / Airton Fernando lepsen. – 2022.

106 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em História, Rio Grande/RS, 2022.

Orientadora: Dra. Rita de Cássia Grecco dos Santos.

CDU 21:94(816.5)

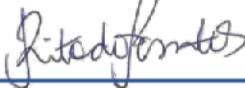
Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

ATA DE DEFESA DE MESTRADO

No dia 09 de Setembro de 2022, às 14h, na sala de reuniões do ICHI realizou-se a 88ª defesa da Dissertação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, cuja Banca, devidamente homologada pela Coordenação do Programa, foi constituída pelos docentes, Profª Dra. Rita de Cássia Grecco dos Santos (Orientadora/PPGH/FURG), Profª Dra. Adriana Kivanski de Senna (PPGH/FURG), Prof. Dr. Rogério Piva da Silva (ICEAC/FURG) e Prof. Dr. Sergio Ricardo Pereira Cardoso (PROFEPT/IFPA – Campus Bragança) para arguir o mestrando **Airton Fernando Iepsen**. Após a defesa da dissertação intitulada **“UMA NARRATIVA ACERCA DA RELIGIOSIDADE E DAS CRENÇAS DO POVO POMERANO EM SÃO LOURENÇO DO SUL”** pelo aluno, a arguição dos avaliadores seguida de defesa, a Banca reuniu-se e atribuiu o conceito **A** emitindo o parecer a seguir:

Considerando a relevância da pesquisa e a competência na elaboração da mesma, é indispensável o atendimento às considerações e sugestões da Banca Avaliadora.

Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente Ata que após lida e aprovada será assinada pelos membros componentes da Banca de Arguição.



Profª Dra. Rita de Cássia Grecco dos Santos – Orientadora

Documento assinado digitalmente



ADRIANA KIVANSKI DE SENNA
Data: 19/04/2023 16:14:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Adriana Kivanski de Senna - Avaliadora



Prof. Dr. Rogério Piva da Silva -
Avaliador

Assinado de forma digital por Sergio Ricardo Pereira Cardoso

Sergio Ricardo Pereira
Cardoso

Dados: 2023.04.18 19:55:09 -03'00'

Prof. Dr. Sergio Ricardo
Pereira Cardoso - Avaliador

AIRTON FERNANDO IEPSSEN

**UMA NARRATIVA ACERCA DA RELIGIOSIDADE DO
POVO POMERANO EM SÃO LOURENÇO DO SUL**

Trabalho de Conclusão do Mestrado – tipo Relatório Técnico para apresentação de produto à banca do Mestrado Profissional em História, da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rita de Cássia Grecco dos Santos

AIRTON FERNANDO IEPSSEN

**UMA NARRATIVA ACERCA DA RELIGIOSIDADE DO
POVO POMERANO EM SÃO LOURENÇO DO SUL**

Prof.^a Dra. Rita de Cássia Grecco dos Santos – PPGH/FURG (Orientadora)

–
Prof.^a Dra. Adriana Kivanski de Senna – PPGH/FURG

Prof. Dr. Rogério Piva da Silva – ICEAC

Prof. Dr. Sergio Ricardo Pereira Cardoso – Prof. EPT – IFPA, Campus Bragança

Rio Grande, 09 de setembro de 2022.

*E quem garante que a história
É carroça abandonada
Numa beira de estrada
Ou numa estação inglória
A História é um carro alegre
Cheio de um povo contente
Que atropela indiferente
Todo aquele que a negue
É um trem riscando trilhos
Abrindo novos espaços
Acenando muitos braços
Balançando nossos filhos.*

Canción por la Unidad Latino- Americana
(Pablo Milanés – Versão Chico Buarque)

AGRADECIMENTOS

Minha homenagem vai para a minha querida tia, madrinha e primeira professora, aquela que me alfabetizou, ensinou o abecê, estimulou no início de minha jornada como estudante e foi uma das primeiras pessoas que participou de minha pesquisa com seu depoimento, já na qualificação deste trabalho. A ti, Ivanir Peglow Bender, meu eterno agradecimento.

À minha família, esposa Doralice e filhas Luísa e Alice Meyer Iepsen, as verdadeiras responsáveis por fazer com que um quase sessentão voltasse às lides escolares e, a exemplo delas, cursar uma pós-graduação. Agradeço também o apoio em algumas tarefas, entre as quais várias horas de gravações de atividades na disciplina de LIBRAS na graduação que até hoje ainda rendem gostosas risadas. Fico orgulhoso e feliz ao ver o neto Inácio participar de mais uma vitória do vovô. Obrigado pelo apoio incondicional desde o início até o fim da jornada.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande e seus mestres comprometidos em oferecer um trabalho de qualidade, especialmente nesse período obscuro em que vivemos um verdadeiro linchamento das universidades públicas, numa tentativa concatenada entre Governo Federal e parte da sociedade sempre dispostos a falar mal dos professores. Não esquecendo os absurdos cortes de verbas que os estabelecimentos de ensino sofreram nos últimos anos para favorecer outros “projetos” federais o que, inevitavelmente, trará consequências danosas para a educação brasileira.

Gostaria de lembrar também da importância de todos e todas que participaram deste trabalho, bem como do produto final, o documentário sobre o tema da pesquisa. Aos pastores, presbíteros, professores, escritores, donas de casa, todos que foram entrevistados por esse mestrando acrescentaram um pedacinho a esta colcha de retalhos costurada a muitas mãos. Quero fazer um agradecimento especial ao Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil por fornecer preciosas informações sobre a história dessa instituição. Sei que algumas pessoas são contrárias à citação de nomes, porém faço questão de lembrar e registrar o nome de Paulo Udo W. Kunstmann, incansável nas respostas aos questionamentos. Gratidão.

A todos os colegas do mestrado profissional em História, os quais foram muito importantes no desenvolvimento deste trabalho. Gostaria de citar os nomes de três colegas

que contribuíram para que este estudo chegasse até aqui: Glênia Caetano Alves, Doris Santana e Eliana Nunes, com quem dividi o apoio da orientadora.

O documentário, produto final da pesquisa, não ficaria com a qualidade que ficou, caso não encontrasse o apoio da Ecran Produções, através de Deivid Cardoso. Competente, desde o primeiro contato, aceitou a ideia e auxiliou com dicas valiosas, seja nos cenários ou na postura dos entrevistados. Um entusiasta. Agradeço a entrega de um produto bem feito, com edição e montagem de alto nível. Ao Deivid, meus sinceros agradecimentos e, quem sabe, em um futuro próximo, poderemos fazer uma parte II, pois o material coletado foi farto. Penso que aprendemos muito com o trabalho: eu da produção de vídeos e ele de história dos pomeranos.

Aos professores que participaram na apreciação de minha qualificação do projeto, muito obrigado. Agradeço pelas contribuições de cada um com relação à elaboração do relatório final. Nesse dia pude ouvir o outro lado sobre a proposta e colocar em prática as observações dos mestres. Sou grato ao professor Dr. Rogério Piva da Silva, da FURG, meu padrinho, meu primeiro incentivador na escrita da História quando apresentei meu trabalho inaugural de pesquisa em 2015, sobre a História do Canto Coral em São Lourenço do Sul. Foi o começo. Ao professor Dr. Sergio Ricardo Pereira Cardoso, do Instituto Federal do Pará, Campus Bragança que além dos comentários, também enviou sugestões para o aprimoramento do trabalho, bem como a professora Dra. Adriana Senna. Sempre é bom ouvir conselhos de pessoas experientes.

Para finalizar, um agradecimento especial à minha professora na graduação, do mestrado e também minha orientadora no trabalho de Mestrado Profissional em História, a professora Dra. Rita de Cássia Grecco dos Santos, por sua disposição em ajudar sempre, auxiliando nas dúvidas para que o trabalho chegasse a bom termo. Foi um período de expectativas de uma resposta on-line, o qual muitas vezes “demorava” a chegar, devido a todo o envolvimento da professora Rita com as suas atividades na FURG. Ela foi minha professora na graduação no primeiro semestre e deixou marcas e lembranças inesquecíveis, instigando o pensamento crítico. Lembro que um dos quesitos para o processo seletivo era uma entrevista com professores da FURG e, mais uma vez, lá estava ela. Agradecimentos eternos a ti, professora querida!

RESUMO

A região da Serra dos Tapes possui uma concentração de descendentes do povo pomerano, oriundo do norte da Europa, que desembarcou no Brasil no final dos anos de 1850. Este trabalho é o resultado de uma pesquisa que teve por objetivo rememorar a religiosidade do povo pomerano e as suas manifestações, tendo como recorte regional o município de São Lourenço do Sul, local de estudo e entrevistas. Constituiu-se em uma pesquisa qualitativa, executada com a utilização do método da História Oral, no qual a predominância dos resultados deu-se através de entrevistas sobre a temática, trazendo um levantamento bibliográfico pertinente. Para tanto, visto que este trabalho apresenta temas como memória e identidade do povo pomerano, considerados os estudos de Halbwachs (1993), Pollak (1992), Castells (1999), além de Pierre Nora (1993). Fez-se a construção da narrativa sobre a religiosidade dos pomeranos que vivem na região, sua religião professada e suas crenças, principalmente a questão dos ritos de passagens, algo caro para eles, com manifestações transmitidas de geração para geração desde o século XIX. Dessa forma, buscou-se evidenciar a constatação de uma realidade que demonstra inegavelmente que as religiões luteranas prevalecem entre o povo pomerano, uma vez que o luteranismo veio junto com os mesmos imigrantes, inclusive em regiões onde não existem igrejas e comunidades católicas.

Palavras-chave: Religiosidade e Rituais; Pomeranos; História Oral; Memória e Identidade; Ensino de História.

ABSTRACT

The Serra dos Tapes region has a concentration of descendants of the Pomeranian people, from northern Europe, who landed in Brazil in the late 1850s. This work is the result of a research that aimed to remember the religiosity of the Pomeranian people and its manifestations, having as a regional cut the municipality of São Lourenço do Sul, place of study and interviews. It is a qualitative research, carried out using the Oral History method, in which the predominance of the results took place through interviews on the subject, bringing a relevant bibliographic survey. Therefore, since this work presents themes such as memory and identity of the Pomeranian people, studies by Halbwachs (1993), Pollak (1992), Castells (1999) and Pierre Nora (1993) were considered. A narrative was constructed about the religiosity of the Pomeranians who live in the region, their professed religion and their beliefs, especially the issue of rites of passage, something dear to them, with manifestations transmitted from generation to generation since the 19th century. In this way, we sought to highlight the realization of a reality that undeniably demonstrates that Lutheran religions prevail among the Pomeranian people, since Lutheranism came along with the same immigrants, even in regions where there are no churches and Catholic communities.

Key words: Religiosity and Rituals; Pomeranians; Oral History; Memory and Identity; History teaching.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Localização de São Lourenço do Sul, no Rio Grande do Sul
- Figura 2** – Banner para página no Facebook
- Figura 3** – Lembrança de Batismo – 1933
- Figura 4** – Certificado de Confirmação
- Figura 5** – Confirmandos anos 1940
- Figura 6** – Convite de Casamento
- Figura 7** – Casamento com noiva de preto
- Figura 8** – Horário de atendimento da benzedeira
- Figura 9** – Altar da benzedeira
- Figura 10** – Himmels-Brief
- Figura 11** – Convite para festa
- Figura 12** – Convite para festa
- Figura 13** – Convite para Café Colonial
- Figura 14** – Convite para café
- Figura 15** – Sociedade de Canto Concórdia - fundada em 1º de janeiro de 1876
- Figura 16** – Coral Sempre Alegre - Quevedos II
- Figura 17** – Baile de sócios do Coral Sempre Alegre
- Figura 18** – Professor e alunos na escola de Bom Jesus II
- Figura 19** – Pastor Guilherme Krüger e inauguração do Templo – 1962
- Figura 20** – Tema da IECLB 1982
- Figura 21** – Pastor J. J. Alves
- Figura 22** – Comunidade Manoel do Rego

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comunidades por religião no município

Tabela 2 – Distribuição de comunidades zona urbana

Tabela 3 – Distribuição de comunidade zona rural

Tabela 4 – Comunidades católicas por distrito

Tabela 5 – Comunidades católicas por distrito

Tabela 6 – Casamentos

Tabela 7 – Casamentos em comunidades da Paróquia Boa Vista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Objetivos	12
1.2 Justificativas	13
2 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	16
2.1 O referencial teórico	17
2.2 O local da pesquisa	19
2.3 Metodologia	21
3 SOBRE O PRODUTO	24
3.1 Roteiro	26
3.2 O trabalho das gravações	26
4 RELIGIOSIDADE DO POVO POMERANO	28
4.1 A origem dos pomeranos	28
4.2 Pomeranos antes da imigração	30
4.3 O Império e as razões da vinda dos colonos	32
4.4 O embarque, a chegada dos imigrantes e a nova realidade	34
4.5 A religiosidade e os problemas dos primeiros imigrantes	38
4.6 Conceitos e sujeitos	43
4.7 As comunidades	46
4.8 Religiosidade e crenças	50
4.8.1 Batismo	50
4.8.2 Confirmação	54
4.8.3 Casamento	58
4.8.4 Morte e Sepultamento	65
4.9 Benzeduras	70
4.10 Superstições	75
4.11 Festas da comunidade	77
4.12 Feriados	80
4.13 Os corais	83
4.14 Os pastores	86
5 APLICAÇÃO DO PRODUTO	94
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
BIBLIOGRAFIA	102

1 INTRODUÇÃO

Creio ser importante registrar um pouco de minha trajetória na educação como estudante até chegar a este trabalho final de mestrado, bem como, justificar o que me levou a trabalhar o tema que dá título ao relatório. Como estudante, iniciei meus estudos em uma escola multisseriada, a Escola Municipal Dr. Cassiano do Nascimento, no quinto distrito de São Lourenço do Sul. A minha primeira professora, aquela que me alfabetizou, era também minha tia e minha madrinha. A escola, as antigas brizoletas, era localizada em terreno doado por meu avô materno, de origem pomerana, assim como minha avó.

Venho de uma família onde três dos quatro avós são de origem pomerana e a convivência na infância foi sempre em contato direto com eles. Sem dúvida nossa relação, em todos os âmbitos, serviu para vivenciar e aprender. Friso que o tema Religiosidade do Povo Pomerano em São Lourenço do Sul ou na região da serra dos Tapes ora proposto não tem a pretensão de ser pioneiro no assunto, ou seja, não me considero o precursor na temática.

Foram-me muito úteis as leituras de obras sobre o tema, de autores que produziram grandes trabalhos, seja no mestrado ou doutorado. Cito alguns: o professor Dr. Carmo Thum e sua tese de doutorado, Patrícia Weiduschadt e Gislaine Maria Maltzahn em suas respectivas dissertações de mestrado, além da tese de doutorado da pastora Scheila Roberta Janke, pela Universidade de Göttingen, Alemanha.

Entendo que pelo tema de um trabalho de pós-graduação não ser inédito, não significa que não se possa contribuir com o acréscimo para pesquisas futuras. Pode-se sempre visualizar a temática sob outra ótica, outra região, com hábitos, costumes e tradições diferentes, pois o fascinante no trabalho de pesquisa, na exploração da memória realmente é isso: sempre é possível acrescentar alguma coisa, seja um documento inédito encontrado ou uma lembrança a mais em um depoimento. A história e a narrativa se constroem assim, com pequenas peças que vão se encaixando e formando uma colcha de retalhos, muitas vezes com hábitos e costumes variando conforme a região.

Após cursar a 4ª série, quem desejasse dar continuidade aos estudos deveria deslocar-se para a zona urbana do município, visto que as escolas do interior não ofereciam a 5ª série e o chamado ginásio. Dessa forma, foi necessário passar por um exame de admissão, absurdo gargalo para quem desejava prosseguir como estudante. A partir daí, realizei uma nova prova de admissão, desta vez para o ingresso na antiga Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPel),

onde obtive o diploma de Técnico em Mecânica, o qual garantiu minha carreira profissional na área.

Não satisfeito, prestei vestibular na Universidade Católica de Pelotas, em 1981, e fui aprovado para Engenharia Elétrica, mas não avancei mais de um semestre. Alguns problemas me impediram de seguir: cursava Engenharia à noite, pois durante o dia precisava trabalhar. Houve a necessidade de cursar cadeiras com pré-requisito, ofertadas somente no período diurno. A empresa onde trabalhava não concordou em me liberar para cursar as disciplinas. Assim, não pude seguir e tive de optar entre o trabalho ou o curso superior. Optei pelo trabalho, posto que a origem de minha família é humilde, com pai motorista de táxi e mãe dona de casa.

Nesse momento já tinha tirado da cabeça, inclusive, a ideia de cursar uma faculdade. Em 2014, depois de um enfarto que me deixou uma semana em uma UTI, minhas filhas, que possuem diploma de curso superior, me convenceram a realizar a prova do ENEM, depois de mais de trinta anos longe dos estudos. Em São Lourenço do Sul havia um polo EAD e a diretora na época informou sobre a abertura de uma turma de Licenciatura em História. Sempre gostei de Geografia e História, desde o tempo dos Estudos Sociais. Dessa maneira, me inscrevi, prestei exame e fui aprovado entre os trinta e seis da turma. Em março de 2019 estávamos colando grau, somente os doze remanescentes.

Entendi como oportuno um pequeno histórico estudantil, como forma de justificar a chegada a esse nível, isto é, uma pesquisa proposta para habilitação a um curso de pós-graduação e com um tema muito familiar para mim.

1.1 Objetivos

Cheguei ao Mestrado Profissional em História com o intuito de pesquisar sobre a religiosidade do povo pomerano. Os primeiros imigrantes que chegaram à região, a partir dos anos de 1850, provenientes do norte da Europa, buscavam uma nova vida, pois as perspectivas na sua terra natal não eram promissoras. Com eles vieram também suas tradições, seus costumes e sua religião, as quais mantidas e repassadas, de geração para geração. Algumas acabaram adaptadas à situação e à realidade e outras só ficaram na lembrança. Esta é a proposta do presente trabalho. Pesquisar, registrar, entrevistar, lembrar e resgatar um pouco daquilo que aqui chegou com os primeiros imigrantes, muitas das quais, desaparecidas ou adormecidas em memórias. Talvez por considerar tais lembranças irrelevantes ou sem importância.

Como objetivo geral, proponho investigar remanescências da religiosidade do povo pomerano, focando naqueles imigrantes que chegaram à Serra dos Tapes a partir de 1857, mais precisamente no município de São Lourenço do Sul.

Com os objetivos específicos pretendo:

1. Mapear os registros sobre a cultura pomerana, especialmente no que se referem à religiosidade, tais como fotografias, documentos, livros, entre outros.
2. Registrar as narrativas de descendentes de pomeranos sobre a religiosidade dos seus antepassados, bem como documentar o que sobreviveu com o passar do tempo.
3. Entrevistar pastores, lideranças espirituais, encarregados dos cultos, batismos, confirmações, casamentos e sepultamentos.
4. Analisar os dados e depoimentos coletados.
5. Elaborar um documentário como um produto educacional que sirva de interlocução entre as narrativas coletadas e o público em geral, principalmente seus descendentes.

Sabidamente, os pomeranos desde o período de paganismo até sua cristianização sempre mantiveram crenças transmitidas pelos ancestrais, povo originário dos eslavos. Dessa forma, pela identificação com o povo pomerano, pela sua valorização e o reconhecimento de sua importância para o município de São Lourenço do Sul, apresento este trabalho de pesquisa.

1.2 Justificativas

Desde o ano de 2007 os pomeranos são reconhecidos como Povo Tradicional Pomerano do Brasil, conforme o decreto 6.040/2007, assinado pelo então presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva. Santos e Azevedo (2017) citam como características dos povos tradicionais referindo-se ao decreto como

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais, de forma permanente ou temporária, de uso sustentável, como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição, voltado para a melhoria da qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras (SANTOS; AZEVEDO, 2017, p. 2494).

Nesse sentido, Thum (2017) lembra também sobre Povos Tradicionais e suas características reconhecidas:

Os modos de vida dos Povos e Comunidades Tradicionais apresentam características de uso de território, seja por ações de cultivo de alimentos, seja por ações de cunho

imaterial. Ritos, modos de fazer, conservação por uso de elementos presentes nesses espaços e componentes das territorialidades (THUM, 2017, p. 168).

Foi uma importante conquista para o reconhecimento e a valorização da identidade de um dos povos tradicionais, sujeitos protagonistas na colonização do Brasil. Esse contingente, especialmente nos estados do Espírito Santo e Rio Grande do Sul, que ainda hoje possuem os maiores números de descendentes no país, traz consigo um tema muito presente e importante na vida diária dos pomeranos: a religiosidade. Nesse contexto, vale também lembrar a marginalização e tentativas de apagamento e esquecimento da história dos pomeranos no Brasil, assim como sua importância para o país.

A partir do momento em que chegaram os primeiros imigrantes por aqui, trouxeram a crença e a fé especialmente luterana, visto que habitavam em uma região onde começou o movimento de cisão de Martinho Lutero com a Igreja Católica. Pastores como Breno Dietrich consideram que os pomeranos são filhos da reforma. Estes pioneiros domiciliados na Serra dos Tapes, cercados de latifundiários criadores de gado, encontraram toda a sorte de dificuldades. Começando pela total falta de infraestrutura, como ausência de estradas, de assistência médica, da dificuldade em se comunicar através do idioma com os vizinhos de origem lusa, bem como de professar a sua fé na religião por eles trazida.

A dificuldade em relação à sua fé deu-se simplesmente porque os pastores não vieram junto com os pioneiros. Não havia pastores disponíveis para atender aos imigrantes. Os que vinham da Alemanha não ficavam muito tempo por aqui por causa das dificuldades, com tudo a fazer desde a criação de uma comunidade até a construção de um templo. Além disso, nessa época o Brasil tinha como religião oficial de Estado, apoiada pelo Império, o catolicismo. Segundo Dreher (2014):

[...] só a religião católica era reconhecida pelo Estado e era por ele mantida. O que fazer com o batismo e o casamento protestante, quando não havia registro civil? Onde sepultar protestantes, já que os cemitérios eram administrados por irmandades? Deputados, senadores e funcionários públicos tinham que jurar defender a religião do Estado. Só católicos podiam exercer funções públicas até 1881. A chegada dos imigrantes alemães fez aflorar incongruências e perguntas nunca antes formuladas (DREHER, 2014, p. 205).

Não bastassem as dificuldades ao exercer os trabalhos pastorais, normalmente os membros da comunidade ainda solicitavam aos pastores que também servissem de professores aos seus filhos, considerando a ausência total do poder público com relação a uma oferta de escolas principalmente no interior do município. Com isso, as primeiras escolas que serviram

aos filhos de imigrantes estavam ligadas às suas comunidades, muitas vezes o mesmo local servia de templo e de estabelecimento de ensino, sendo custeado pelos seus membros.

Chamo a atenção para a relevância do tema da pesquisa, como também para o registro de depoimentos presentes no trabalho proposto, pois entendo ser necessário o reconhecimento da identidade étnica, da manutenção de costumes, das tradições e rituais, visando à recuperação de outros que sumiram com o tempo e pela falta de transmissores. Para tanto, considero que a utilização da técnica da História Oral, através dos depoimentos e consultas de documentos foi eficaz para desvendar algumas questões pertinentes à proposta.

O fato é que até um pouco mais da metade do século XX o foco sobre os pomeranos e seus descendentes no Brasil era pouco explorado, para não dizer, praticamente ignorado. O povo pomerano, pelas suas origens, eram trabalhadores da agricultura e muitos eram servos dos grandes senhores de terras, os latifundiários, para os quais prestavam serviço.

Provavelmente aqueles imigrantes pomeranos que aqui aportaram, chegaram com estes conceitos, talvez classificados como “alemães de segunda linha”. O próprio idioma pomerano era praticado no âmbito doméstico, sendo que nas escolas e nas igrejas o idioma alemão era usado nas salas de aula e nos cultos. Uma das razões para isso, sem dúvida, é que o pomerano é uma língua falada, mas não escrita. Ferreira e Heiden (2009) assim se referem com relação às diferenças entre alemães e pomeranos

Internamente, porém, as diferenças entre alemães e pomeranos foram demarcadas, sobretudo pela expressão oral, sendo um elemento de distinção positiva o domínio da língua alemã, enquanto que falar o pomerano se aproximava da caricatura forjada entre os nativos, do “alemão batata”, ou seja, o camponês de traços e hábitos rudimentares (FERREIRA; HEIDEN, 2009, p. 19).

Para que se tenha uma ideia, não há sequer registros de embarque na Europa da quantidade de pomeranos que vieram ao Brasil. Muitos embarcaram nos portos da Alemanha e Bélgica, classificados como alemães ou prussianos. Pior ainda, não se tem ideia do número de pomeranos que vivem no Brasil atualmente. Segundo Seibel (2016), é possível que somados os descendentes de pomeranos que vivem principalmente nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Espírito Santo e Rondônia que este número chegue a meio milhão de pessoas. Porém, são especulações, sem dados oficiais.

Especificamente no município de São Lourenço do Sul, onde existe uma das maiores colônias de descendentes de pomeranos no Rio Grande do Sul, sua valorização, sem dúvida, iniciou no começo do século XXI, através do governo municipal na gestão de José Sidnei Nunes de Almeida e com a criação do Roteiro Turismo Rural Caminho Pomerano. Klumb

(2009) descreve que o roteiro turístico inclui a visitação em sete propriedades onde o turista tem contato com o artesanato e a gastronomia é um dos principais atrativos é o encontro com típicos descendentes de pomeranos. Importante destacar que a ação pública objetiva especialmente a movimentação turística em uma região que praticamente não tinha contato com esta realidade. No entanto, não abandona a intenção de valorizar as tradições pomeranas.

Afora isso, acrescenta-se o aumento nos trabalhos acadêmicos na graduação, no mestrado e também no doutorado focando em temas cujo objeto de pesquisa é o povo pomerano. Explorando várias temáticas, nos mais variados âmbitos, servem no sentido de valorizar, de resgatar assuntos adormecidos, esquecidos de uma forma latente, mas que ao serem pesquisados voltam à tona na lembrança dos pomeranos.

Além disso, o tema é demais importante para esse pesquisador. Especialmente por possuir três dos quatro avós de origem pomerana, Peglow, Strelow e Nick. E por todo o significado dos relatos aqui, muitos vivenciados na minha infância e adolescência em contato com parentes mais próximos. Onde era comum a religião, um pouco em casa com os pais, na igreja e também na escola. Mas também em contato com ritos tais como as benzeduras muito presentes desde a mais tenra idade, solução mais simples (e talvez barata) no enfrentamento de enfermidades infantis. Temas instigantes, os quais eu nunca havia parado para pensar, e o motivo pelos quais tudo isso acontecia. Isso acontecia também por falta de interesse de minha parte, considerando a minha formação até então. E quando surgiu a oportunidade, através do processo seletivo para o Mestrado Profissional em História da Universidade Federal do Rio Grande e já sabia exatamente o que pretendia. E confesso que pesquisar sobre um tema que se goste e tenha familiaridade facilita o trabalho sobremaneira.

Dessa forma, como objetivo para a elaboração do trabalho de pesquisa está o levantamento de manifestações de religiosidade do povo pomerano, isto é, desde práticas que não existem mais até algumas tradições que permanecem até hoje. A ideia é registrar descobertas daquilo que Carmo Thum (2019) se refere como silenciamentos e apagamentos na vida, na cultura, na história e nas tradições e, acima de tudo, dar visibilidade a um conjunto de situações vividas pelos descendentes dos pomeranos, tais como manifestações religiosas e culturais que fazem parte do cotidiano destes que vivem na região pesquisada. Sendo assim, o trabalho proposto, registra, documenta e valoriza uma temática importante e cara aos descendentes do povo pomerano em São Lourenço do Sul: a sua religiosidade.

2 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Busco trazer aqui uma reflexão sobre a religião, religiosidade, crenças, superstições, temas espirituais de um povo antigamente pagão, o qual foi convertido ao cristianismo em circunstâncias pouco claras. Possivelmente pelo interesse ao se submeter e conquistar segurança frente a invasores, imposição das autoridades da época, pois quando isso aconteceu, Igreja e Estado tinham estreitos laços de relação, por vezes confundindo-se pelos mesmos interesses. Certamente, os primeiros imigrantes trouxeram tradições e costumes de sua terra natal, todavia, muitos deles já ficaram para trás enquanto outros, apesar dos apagamentos, se mantêm.

Considero importante ressaltar as tradições trazidas pelos pomeranos e de seu povo de origem, os *wendes*, que eram pagãos, mas acreditavam em divindades. Acrescentando a essas práticas e manifestações, a sua conversão ao cristianismo e, aos poucos, aderindo ao protestantismo por ocasião da reforma de Martinho Lutero. Essa bagagem intelecto-espiritual acompanhou os imigrantes pomeranos que se instalaram no Brasil a partir de 1858.

2.1 O referencial teórico

A proposta da pesquisa tem o foco em trabalhar com a religiosidade, investigando nesse contexto as crenças, superstições e demais manifestações religiosas praticadas pelos pomeranos em São Lourenço do Sul.

Tratando-se da conceituação de religião, Silva e Silva (2017), registram que a

[...] religião, pois, é uma categoria de análise histórica e social que pode ser definida como um conjunto de crenças, preceitos e valores que compõem artigo de fé de determinado grupo em um contexto histórico e cultural específico, lembrando que a religião é sempre coletiva (SILVA; SILVA, 2017, p. 354).

Já de acordo com Hermann (1997),

Para Durkheim toda religião é uma cosmopologia e, como fator essencial de organização e funcionamento das sociedades primitivas, seria a base de toda a vida social; para Weber uma forma entre outras dos homens se organizarem socialmente; para Gramsci um tipo determinado de visão de mundo que se situa entre a filosofia (religiosidade dos intelectuais) e o folclore (religiosidade popular), não desligando, portanto, das estratégias de poder que organizam diferentemente as sociedades; para Lévi-Strauss, baseando-se no “pensamento selvagem”, a religião pode ser definida como uma “humanização das leis naturais, um antropomorfismo da natureza”; para Freud uma ilusão coletiva cujo objetivo é dominar o sentimento de impotência que todo o homem experimenta frente às forças hostis; para Eliade a referência primordial, o sistema de mundo das sociedades tradicionais, berço privilegiado do “homo religiosus” (HERMANN, 1997, p. 486).

Utilizando uma linguagem popular, pode-se afirmar que religião é um elo na reaproximação entre criatura e criador. Inevitavelmente, se faz necessário ligar a religião à religiosidade, pois elas podem atuar juntas. Segundo registra Manoel (2007), não necessariamente as manifestações de religiosidade acontecem por meio de religiões institucionalizadas, porém para esta pesquisa, a narrativa terá foco em uma religião originária da Alemanha. Já no caso do Brasil há ramificações, como será mostrado ao longo deste trabalho, pois na época era um país predominantemente católico. O luteranismo perdurou com os primeiros imigrantes que chegaram à região da Serra dos Tapes.

Arévalo (2004) afirma que a tradição é representada na transmissão do passado de uma geração para outra, atribuindo elementos formadores da identidade dos grupos e, conseqüentemente, “[...] é uma construção social fundamentada na diferença” (ARÉVALO, 2004, p. 934). No que diz respeito ao conceito de memória, Halbwachs (2004) ressalta que:

A grande protagonista da história é a memória coletiva, que tece e retece aquilo que o tempo cancela, e que, com sua incansável obra de mistificação, redefinição e reinvenção, refunda e requalifica continuamente um passado, de outra forma, correria o risco de morrer definitivamente ou de permanecer irremediavelmente desconhecido (HALBWACHS, 2004, p. 55).

Pollak (1992) inclusive cita vários elementos constituintes da memória, entre eles os elementos vividos pessoalmente, pela coletividade ou por grupos. No entanto, ele aponta também para os acontecimentos vividos por pessoas ou personalidades, que podem ser locais ou não, bem como aos que fazem referência ao local. Ainda segundo este autor, "de fato, podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação” (POLLAK, 1992, p. 200). O autor defende que a memória é um fenômeno construído social e também individualmente.

A propósito da concepção de memória, uma das principais “matérias primas” que utilizo nesta pesquisa, na qual o povo pomerano é o foco principal, são as ideias de Motta (2012) e sua relação com o passado:

Se dissermos que a memória retira do passado alguns fatos, e os escolhe para responder às demandas do presente, isso significa dizer que elas não são meras fantasias, mas sim lembranças especiais comemoradas como tais, e que guardam um elo, ainda que linear – como já sabemos – com um passado idealizado (MOTTA, 2012, p. 29).

Patrick Hutton (1993) lembra que o interesse dos historiadores pela memória teve a inspiração da historiografia francesa, especialmente nos anos 1960 com a história das

mentalidades coletivas, que focalizava temas tais como a vida familiar, hábitos locais, e especialmente sobre o assunto abordado em nossa pesquisa: a religiosidade.

Ainda sobre a memória e sua implicação e sua ligação com a história lembramos Ferreira, referindo-se a Pierre Nora:

Nora aprofunda ainda a distinção entre o relato histórico e o discurso das memórias e das recordações. A história busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. A memória também é uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente (FERREIRA, 2002, p. 321).

Nesse sentido Schmidt e Mahfoud (1993) em trabalho baseado em Halbwachs registram que a lembrança é sempre o fruto de um processo coletivo inserido em um contexto social preciso:

Segundo Halbwachs, uma semente de rememoração pode permanecer um dado abstrato, pode, ainda, formar-se em imagem e como tal permanecer ou, finalmente pode tornar-se lembrança viva. Estes destinos dependem da ausência ou presença de outros que se constituem como grupos de referência (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 288).

Dessa forma, a pesquisa tem a pretensão de dar uma maior visibilidade às tradições e costumes desse grupo étnico com presença marcante na região onde se estabeleceu. Tal comunidade, hoje já está consolidada com importante participação em todos os âmbitos do município de São Lourenço do Sul, seja cultural, econômico, religioso, entre outros.

2.2 O local da pesquisa

Todas as entrevistas e depoimentos coletados na sua íntegra partiram de um dos municípios gaúchos que atualmente conta com uma das maiores concentrações de descendentes de pomeranos no Rio Grande do Sul: São Lourenço do Sul. O Rio Grande do Sul é o estado mais meridional do Brasil. O município de São Lourenço do Sul, que tem as suas divisas com a Lagoa dos Patos, Cristal, Canguçu, Turuçu e Pelotas está a 200 quilômetros da divisa com o Uruguai.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município conta com uma área de 2.036.125 km² (2020) e uma população estimada em 43.501 (2021). Já sua densidade demográfica, datada de 2010, é de 21,17 habitantes/km² e o nível de escolaridade de pessoas entre 6 e 14 anos está em torno de 97,6%. Na imagem abaixo está a localização de São Lourenço do Sul no mapa do estado do Rio Grande do Sul.



Figura 1: Localização de São Lourenço do Sul no Rio Grande do Sul

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Louren%C3%A7o_do_Sul

A pecuária e a agricultura são basicamente as fontes de renda do município, sendo bastante forte no cultivo do fumo, da soja e do arroz. Este último, grande parte dele cultivado especialmente nas regiões do lado direito da rodovia BR 116, sentido Pelotas-Porto Alegre. Nesse lado estão as grandes várzeas, latifúndios onde a soja começa a ganhar espaço e também é fácil constatar a presença da pecuária de corte, justamente aproveitando as lavouras depois da colheita para o engorde de gado.

Importante destacar que na parte dos distritos do lado direito da rodovia BR 116, sentido Porto Alegre-Pelotas, onde a densidade da população descendente de pomeranos é maior, encontra-se a grande maioria dos minifúndios. Aliás, uma das características das posses na região colonizada pelos pomeranos, constituindo-se em propriedades que tinham como finalidade o autoconsumo, assim como seus ancestrais, porém essa realidade mudou muito nos últimos anos.

Atualmente, com o foco na cultura do tabaco, muitos produtores acabam deixando de lado até a tradicional e básica horta do cultivo de verduras e legumes que abasteciam a casa, bem como a criação de galinhas e produção de ovos. O reflexo aparece no abastecimento da despensa, nos supermercados da cidade e nas vendas do interior, onde até a carne de frango é comprada. Entretanto, não se pode deixar de levar em consideração o avanço da cultura da soja, que em muitos locais já ocupou as terras cultivadas com o tabaco, especialmente a partir de 2020, com a questão da pandemia e a valorização no preço da cultura.

Digno de registro também, devido sua importância no abastecimento da população e na economia da cidade, está o comércio. No interior do município, predominantemente,

praticam-se as vendas. Locais com tradição centenária, algumas das quais existem até hoje com uma gama de produtos e artigos. Desde gêneros alimentícios a ferramentas, além de medicamentos básicos, tanto para uso humano como veterinário. Antigamente também era o local onde os produtores comercializavam os itens da safra que era a base da compra/venda ou troca por bens de consumo.

Em relação à religião, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no seu censo realizado no ano de 2010, os números são: 19.200 pessoas responderam que praticam a religião católica; enquanto 20.892 responderam que pertencem a religiões evangélicas e 711 responderam que são espíritas. O resultado da pesquisa, no entanto, não informa a quais igrejas evangélicas pertencem os entrevistados. Tendo esses números e comparando com a população lourenciana total, constata-se que 51% dos entrevistados são evangélicos, porém, não necessariamente luteranos.

Partindo desse recorte regional, através de entrevistas realizadas com personagens na zona urbana de São Lourenço do Sul - bem como da zona rural - foram recontadas lembranças, e histórias revividas. Percebe-se que algumas tradições ficaram para trás por conta do esquecimento, do desinteresse, talvez no entendimento de que não seriam tradições interessantes de seguir adiante ou para não parecer arcaico.

No caso das Guerras Mundiais, manter alheio às manifestações dos antepassados no sentido de preservar a liberdade, seu patrimônio e até a vida, aderindo ao que o professor Carmo Thum (2019) classifica como “silenciamentos”, fazendo com que os pomeranos passassem décadas praticamente no ostracismo e reconhecidos como alemães de segunda linha. Por terem suas origens no norte da Alemanha, os pomeranos trouxeram consigo, quando chegaram ao Brasil, a herança de serem servos dos grandes latifundiários.

2.3 Metodologia

A metodologia utilizada na elaboração e finalização do presente trabalho baseou-se em uma pesquisa qualitativa, exploratória e com bibliografia temática. Além disso, o trabalho final teve a utilização do método da História Oral como um componente básico na sua estrutura. As entrevistas foram feitas com pastores das igrejas Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), além das chamadas comunidades livres ou independentes, as quais não estão associadas a órgãos superiores.

Além disso, realizou-se entrevistas com pessoas ligadas a presbitérios de comunidades na zona urbana e rural do município e outros membros de comunidades. Este trabalho foi realizado com pessoas de várias faixas etárias, especialmente aqueles com idade superior a sessenta anos. Qual foi a motivação para essa escolha? Exatamente pela probabilidade dessas pessoas terem vivenciado manifestações de religiosidade que hoje talvez não estejam mais presentes no cotidiano.

Muito importante deixar claro que as entrevistas não foram conduzidas com algum questionário previamente preparado. A intenção, antes de questionamentos pasteurizados, era exatamente fazer a conversa fluir (com algumas intervenções por parte do entrevistador) para deixar o (a) entrevistado (a) à vontade no seu exercício de memória.

Normalmente as entrevistas fora previamente agendadas, bem como a informação aos entrevistados do tema a ser abordado. No dia marcado, estávamos presentes e antes de iniciar colocávamos uma explanação dos objetivos e da finalidade do depoimento, até para deixar os entrevistados bem a vontade. A partir daí o depoimento começava com os ritos de passagem, e a solicitação de falar sobre o que sabia e vivenciara. Posteriormente o assunto derivava para a questão de benzeduras, superstições e outras manifestações inerentes ao tema.

Portanto, o capítulo quatro deste relatório intitulado “Religiosidade e Crenças”, em sua maior parte, baseado nos depoimentos dos entrevistados e suas recordações e memórias. Le Goff (1994) afirma que a memória é a propriedade de conservar certas informações referentes a um conjunto de funções psíquicas, as quais permitem ao indivíduo atualizar informações passadas ou reinterpretadas como passadas. Foram pesquisados livros de registros de comunidades, onde constam batismos, confirmações, casamentos e sepultamentos, um trabalho paralelo aos cartórios de registros civis, além de muita produção literária sobre o tema.

Destaco dois acontecimentos que dificultou em algum momento o trabalho de pesquisa, seja nas entrevistas ou na coleta e acesso a documentos. Primeiro a questão da pandemia de SARS-CoV-2 que assolou o mundo, com sua origem na China no final do ano de 2019. A doença chegou ao Brasil no início de 2020 e teve consequência inclusive no início das aulas no Mestrado Profissional em História na Universidade Federal de Rio Grande, com as disciplinas exigidas cursadas somente de forma remota.

Sem dúvida nenhuma os trabalhos de pesquisa ficaram prejudicados, exceto a bibliográfica, pois sempre foi respeitada a questão do distanciamento. Com o advento das vacinas e a imunização dos brasileiros no início do ano de 2021 a situação foi melhorando. No entanto, o trabalho de entrevistas começou exatamente no dia 28 de outubro de 2021, depois

de muitos compatriotas já estarem completamente imunizados com as três doses da vacina. Antes disso, na tentativa de amenizar o impacto da impossibilidade das pesquisas de campo no relatório final, tentou-se através das redes sociais um contato com os possíveis participantes entrevistados. Abrimos uma página no Facebook denominada “Religiosidade e Crenças do Povo Pomerano”. Infelizmente, o objetivo não foi atingido. Estava previsto, para a ocasião, chamar a atenção e despertar o interesse de prováveis participantes. Entendo que um dos fatores para a pouca adesão à página provavelmente foi da faixa etária dos participantes da pesquisa, visto que muitos não fazem parte do mundo digital.

O segundo fator que, de alguma forma, prejudicou o andamento das entrevistas foi sem dúvida na negativa de pessoas convidadas a participar dos depoimentos. Afirmações como: “em que eu vou poder te ajudar”? “acho que não tenho nada sobre o tema”, “não lembro mais de nada”, foram respostas mais comuns aos pedidos de entrevistas. Obviamente não foi razão para desânimo ou esmorecimento, pois a pesquisa seguiu no seu cronograma, custando apenas alguns atrasos pontuais. Com relação aos entrevistados, o que mais chamou a atenção foi o nível de escolaridade das pessoas que não aceitaram o convite: justamente as que possuíam ensino superior. Paradoxalmente, as que negaram eram exatamente aquelas que, no meu entendimento, teriam mais disposição em participar e poderiam apoiar a pesquisa.

Acredito ser pertinente anexar a este relatório a arte que foi produzida por uma profissional da área para ilustrar a nossa página no Facebook, bem como o link de acesso. Apesar de não ter atingido o objetivo principal, serviu para uma espécie de diário on-line das nossas atividades. Lembro que no símbolo constava o título original do trabalho que com o tempo foi modificado. O link de acesso: <https://www.facebook.com/Religiosidade-e-Cren%C3%A7as-do-Povo-Pomerano-104499904833124>



Figura 2: Banner para página no Facebook

Arte: Caroline Azevedo

3 SOBRE O PRODUTO

O trabalho de pesquisa originou um relatório escrito mostrando as descobertas e as conclusões observadas através de entrevistas com descendentes de pomeranos, pastores e pessoas que trabalham com história. Foi feito também um documentário, cuja finalidade é mostrar um pouco da história do povo pomerano, suas origens, sua chegada e sua consolidação na Serra dos Tapes, especificamente no município de São Lourenço do Sul.

A elaboração deste documentário tem como objetivo principal a utilização nas escolas do município onde a pesquisa aconteceu. No entanto, entende-se que pode e deve ser colocado como um legado sobre o povo pomerano no município de São Lourenço do Sul, mostrando quem eram aquelas pessoas que chegaram à região no século XIX, o que encontraram como foram escolhidos pelo Império, suas dificuldades, as soluções encontradas para enfrentá-las, bem como suas manifestações de religiosidade, suas superstições, as tradições seguidas e outras inventadas por aqui e, por fim, um pouco da rotina desse povo que na Europa não existe mais. Segundo Bruzzo (1998),

Quando se anuncia um filme documentário o público se prepara para ver “a vida como ela é”. A tradicional divisão dos filmes em ficção e documentário consolidou esta expectativa, assim o primeiro conta uma história e o segundo mostra a realidade. A decorrência desta simplificação é que o filme de ficção serve ao entretenimento, enquanto atribui-se ao documentário a enunciação da verdade, portanto a possibilidade de se aprender alguma coisa. Logo este cabe perfeitamente na escola, enquanto o outro requer cuidado em seu uso pedagógico, porque, sendo ficção, engana (BRUZZO, 1998, p. 23).

Sobre o que é documentário, Rodrigues (2010) entende que somos levados a conceituá-lo como filmes que mostram/representam a realidade. Mas, por outro lado, ressalta que não existem no filme, ou fora dele, marcas explícitas que garantam a presença de um real mais que perfeito. O autor também afirma que a subjetividade é indissociável a qualquer arte. Além disso

O documentário, como arte cinematográfica, é uma obra pessoal de seu realizador. O documentarista não deve ser visto apenas como um meio para transmitir determinada realidade. É pelo fato de estabelecer um olhar próprio e subjetivo sobre determinado assunto, que um filme nunca é uma mera reprodução do mundo. É impossível ao documentarista apagar-se. Ele existe no mundo e interage com os outros, inegavelmente. O fim último é apresentar sua visão sobre determinada realidade, seja uma visão própria ou imposta por determinado mecanismo do poder. Acima de tudo, um documentário transmite-nos, não a realidade, mesmo nos louváveis esforços em transmitir a realidade “tal qual” ela é, mas, essencialmente, o relacionamento que o documentarista estabelece com um tema (RODRIGUES, 2010, p. 62-63).

Assim, a ideia é ouvir (e mostrar) as narrativas de pessoas que viveram um período de manifestação da religiosidade oriundo do povo pomerano, explorando as suas lembranças. A importância de relembrar hábitos, costumes e crenças, muitas das quais hoje estão somente na memória das pessoas, já que com o passar do tempo foram esquecidas ou deixadas de lado, substituídas por outras manifestações. De acordo com Tomain (2009) a

[...] perspectiva que adota o documentário como um “lugar de memória”, um refúgio de imagens e sons dos traços ou restos de uma memória viva, da “verdadeira imagem do passado”; portanto, uma atividade de luto que não permite que rastros se apaguem, desapareçam, sejam esquecidos (TOMAIN, 2009, p. 55).

Acredito que um produto final, no qual os depoimentos e as respostas aos questionamentos trazem como protagonistas pessoas de sua comunidade sempre tem um valor especial. O tema a ser abordado, que faz parte da vida diária do público alvo, provavelmente terá um olhar mais atento destes indivíduos.

Esse público para o qual se pretende estender o documentário, rodado na íntegra no município de São Lourenço do Sul, seria os estudantes, mas também a comunidade em geral. O trabalho de pesquisa não abordou questões sobre a educação. Não se sabe qual o nível de conhecimento dos estudantes sobre uma das etnias responsáveis pela colonização de parte do território do município.

Muito provavelmente nas regiões com alta densidade de descendentes de pomeranos sabe-se mais do que em escolas da zona urbana do município. Ou não. O certo é que, em minha visão, servirá para aumentar o conhecimento, a compreensão e quem sabe o interesse no tema. Talvez até aguce a curiosidade sobre outras etnias. Ainda assim, pelas abordagens do tema, entendo que o trabalho também possa servir para outros segmentos da sociedade e não somente de São Lourenço do Sul. Dessa forma, o objetivo foi de um registro desde o início dos pomeranos em sua região de origem até a atualidade.

Também faz jus ressaltar a importância de reportar as dificuldades na elaboração de um documentário, bem como registrar a experiência para mestrandos e seus futuros trabalhos. Primeiramente não possuo especialização na área. Isso fez com que eu procurasse alguém que dominasse a técnica para dar um suporte, principalmente no que diz respeito às filmagens e o acabamento final, como edição, montagens e legendas. Obviamente que a qualidade do trabalho fica outra na mão de profissionais com experiência.

3.1 Roteiro

O trabalho de elaboração do documentário contou com um roteiro previamente definido. A intenção é a execução, obedecendo às etapas propostas no relatório. Assim, de forma cronológica, foram abordados os seguintes temas:

1. Pomeranos: suas origens e sua ancestralidade.
2. A realidade enfrentada pelos primeiros imigrantes pomeranos em sua terra natal.
3. A opção do Império pelos pomeranos.
4. A realidade encontrada pelos primeiros imigrantes na chegada a São Lourenço do Sul.
5. As comunidades luteranas. IECLB, IELB, IELI e comunidades livres.
6. Pastores e crendices nos rituais de passagem.
7. Superstições e benzeduras.
8. Feriados pomeranos.
9. Festas de comunidades.
10. O canto coral.

3.2 O trabalho das gravações

Entendo que o relatório final serve também para compartilhar as questões de dificuldades e adversidades encontradas durante a gravação dos depoimentos. O trabalho foi executado com ajuda de um acadêmico em Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, graduado em Ciências Sociais, com experiência na parte de fotografia e filmagens. Diga-se de passagem, profissional muito competente. Os contatos foram feitos a partir da disponibilidade do profissional, que possuía folgas somente de sextas-feiras à tarde até o domingo. Com a disponibilidade confirmada e a elaboração do roteiro, o contato com os entrevistados cabia a mim. Após a confirmação do roteiro, a agenda era repassada para o colega para a aceitação final. Então, em 22 de abril de 2022 deu-se início às entrevistas, sendo o pastor Artur Eugênio Presser, na igreja da Comunidade Evangélica de São Lourenço do Sul, o primeiro a falar.

A partir daí, dentro das possibilidades do operador, deu-se início às gravações. Nesse meio tempo, enfrentamos uma dificuldade, quando depois de termos agendado as entrevistas aos finais de semana, o cinegrafista apresentou sintomas de Covid-19. Não tivemos alternativa a não ser suspender toda a agenda previamente confirmada e esperar a recuperação

do profissional, dentro daquele período protocolar de quarentena. Durante as gravações também nos deparamos com outra dificuldade prática: como deixávamos a cargo do entrevistado a escolha do local da gravação, em algum momento, tivemos um problema que era as interferências externas, entre elas a circulação de veículos e vozes de pessoas atrapalhando na questão do áudio. Porém, nada que não tivesse solução. Algumas vezes precisamos trocar o local das gravações ou pedir a colaboração das pessoas que estavam próximas. Com relação aos atores do documentário, não necessariamente foram os mesmos participantes da pesquisa, ou seja, alguns participaram das duas etapas; outros da pesquisa e determinado grupo apenas do documentário.

Outro problema sem dúvida foi a questão das gravações no interior do município de São Lourenço do Sul. Algumas localidades, especialmente aquelas com alta densidade de população pomerana, muitas das quais ficam até 50 quilômetros de distância da zona urbana. Em função disso, e devido à disponibilidade de horários seletivos do cinegrafista, algumas vezes tivemos de fazer as entrevistas em duas etapas. Além disso, muitas delas já haviam acontecido durante o estudo (pesquisa e documentário aconteceram em ocasiões distintas), necessitando assim o mesmo deslocamento em duas oportunidades diferentes, o que aumentou sobremaneira o custo para realizar o trabalho. Somam-se a essas dificuldades a ausência de bolsa e os pesados aumentos no preço da gasolina, o que resultou em uma situação econômica complicada. Vale ressaltar: a pesquisa e o documentário não tiveram qualquer aporte financeiro, seja público ou privado, sendo totalmente custeado pelo mestrando.

O trabalho de documentário ficou dividido em duas partes, a primeira falando do pomeranos suas origens e a sua chegada a São Lourenço do Sul. Está lançada no YouTube com o link abaixo: <https://youtu.be/Ff9nmDXglmw>

A parte II é específica do tema do trabalho de pesquisa, abordando religiosidade, crenças, superstições e suas manifestações no link: <https://youtu.be/P58lycXTIX4>

Ambas as partes do documentário estão disponíveis no canal Pomeranos em São Lourenço do Sul.

4 RELIGIOSIDADE DO POVO POMERANO

Antes de abordar o tema principal, a razão da pesquisa, pretende relatar um pouco sobre a história do povo pomerano: suas origens ancestrais, seu paganismo, sua realidade antes da imigração, a saída rumo ao desconhecido, os motivos que fizeram encarar um desafio em uma viagem de meses em um barco a vela, assim como as dificuldades por aqui encontradas, que só não fez muitos retornarem à sua terra natal simplesmente por falta de dinheiro. Conforme Oberacker (2020) em suas memórias “[...] se no começo as pessoas tivessem tido dinheiro para retornar à Alemanha, poucos teriam ficado no Brasil. Mas foi bom que elas simplesmente tivessem que ficar” (OBERACKER, 2020, p. 105).

Também serão abordados os verdadeiros interesses do Governo Imperial para atrair os imigrantes europeus para o Brasil após a independência de Portugal. Com a intenção disfarçada em trazer mercenários para defender o país (e escapar das convenções estabelecidas na época), fazer frente ao fim da escravidão e ademais para um branqueamento da população. O embarque na Europa foi feito especialmente em portos alemães e belgas, bem como uma identificação não muito clara da origem dos embarcados, fato que gerou equívocos na hora de analisar as relações de pessoas embarcadas ao confundir alemães e aqueles originários da Pomerânia.

Será dada atenção para as grandes dificuldades que os primeiros imigrantes do norte da Europa enfrentaram por aqui. Desde a total falta de estrutura, como as moradias, estradas para busca de mercadorias e escoamento de produção, como toda sorte de falta de assistência, que ia da médica até a espiritual. Alguns logrados no que se refere aos lotes de terra e a sua medição conforme relata Iepsen (2013).

Entendo a importância em reunir todas as questões pertinentes aos pomeranos, tentando responder às questões propostas. Para uma compreensão daquilo que se apurou na pesquisa e sua ligação com o passado, inclusive com toda a situação vivida desde os primeiros imigrantes até seus descendentes na atualidade.

4.1 A origem dos pomeranos

Segundo Hammes (2014), a região que seria futuramente a Pomerânia, no litoral do mar Báltico, era habitada por povos germânicos. Na procura por mais espaço e/ou fuga diante de povos mais poderosos, estes habitantes migraram em direção ao mar Mediterrâneo. O auge

desse êxodo aconteceu no século V, quando Átila, o rei dos Hunos, os empurrou para o sul provocando a queda do imperador romano Rômulo Augusto. Em razão da retirada dos antigos habitantes e com terras desertas, ricas em alimentos e abundantes em terras baixas, lagos e rios, lentamente estas foram ocupadas pelos povos eslavos, entre eles os russos, poloneses e também os *wendes*, provocando a cobiça dos povos nórdicos, como os noruegueses e dinamarqueses. Conforme Hackenhaar (2018)

Os pomeranos habitavam uma região localizada ao norte da Europa, ao longo do mar Báltico, entre os rios Oder e Vístula. Esta região por muito tempo já havia sido habitada pelos povos germânicos, que com frequentes migrações da época, se deslocaram mais ao sul em direção ao Mar Mediterrâneo. Com o norte praticamente desabitado, a região foi facilmente invadida por povos eslavos, entre estes, os Wendes, que se fixaram no litoral do mar Báltico e denominaram esta região de *Po Morge*, que significa “terra perto do mar”, e mais tarde passou a ser denominada Pommern (em português, Pomerânia). Os eslavos, vindo do norte (oriente), tomaram posse dessa região na segunda metade do século VII, onde se fixaram e passaram a formar povoados e a dedicar-se à agricultura e à pesca (HACKENHAAR, 2018, p. 12).

Os ancestrais *wendes*-pomeranos eram um povo pagão, acreditavam em divindades e cultuavam deuses que se manifestavam na natureza. Seibel (2010) também afirma que mesmo com a cristianização os descendentes pomeranos ainda assim mantiveram crenças em divindades, magia, superstição, bem como a preservação de costumes em seus ritos. Sem dúvida, muitas dessas manifestações desembarcaram no Brasil juntamente com os primeiros imigrantes. Ainda sobre Pomerânia e pomeranos Capucho e Jardim (2013) dizem que

Os pommerer, como são chamados os pomeranos em língua pomerana, formam um grupo étnico descendente de tribos eslavas e germânicas que vivem na região histórica da Pomerânia, situada ao longo da costa do Mar Báltico, atualmente entre a Alemanha e Polônia, conhecida hoje como Pomerânia Oriental. O idioma utilizado é a língua pomerana, uma língua baixo saxônica (CAPUCHO; JARDIM, 2013, p. 37).

Importante ressaltar que a Pomerânia, através dos séculos esteve sob o poder de invasores de países nórdicos, além dos poloneses. Inclusive, existe uma versão de que o povo foi cristianizado e passou ao domínio dos germânicos justamente para se proteger dos invasores que grassavam na região, visto haver muitas riquezas naturais, com abundância também na pesca. Em algumas situações, a presença de outros povos na região não significava uma invasão, mas simplesmente um corredor de passagem, o que também poderia representar saques e destruição contra a população nativa.

No século XVIII, mais precisamente após o Congresso de Viena, segundo Rölke (2016), os poderosos da época redesenharam o mapa da Europa e a Pomerânia passou a ser província da Prússia. Na prática, isso já aconteceu no final do século XVII, quando

acontecimentos de ordem social, econômica e religiosa dificultaram a vida desse povo ameaçando inclusive sua sobrevivência, conforme descrevem Capucho e Jardim (2013).

4.2 Pomeranos antes da imigração

Durante séculos a região da Pomerânia esteve envolvida em disputas e guerras, com variações no território, resultante dos confrontos e da troca de domínio. Assim, somente no início do século XIX ela foi efetivamente unificada até desaparecer politicamente, fruto de um loteamento político e ideológico após a Segunda Guerra Mundial. Segundo Seibel (2016),

A Pomerânia como um ducado relativamente independente, deixou de existir em fins do século XVII, quando seu último soberano, sem herdeiros, entregou seu governo para a Prússia. Nessa nova situação, como província de um reino em expansão, sobreviveu durante quase trezentos anos, até que, em 1945, teve seu fim selado pelos vencedores da Segunda Grande Guerra (SEIBEL, 2016, p. 33).

Nos últimos séculos em seu solo natal, os pomeranos sempre foram caracterizados como um povo predominantemente agrícola. Sua ligação com a terra de fato foi uma realidade e, na falta de propriedade, não restou alternativa senão submeter-se aos poderosos proprietários de grandes extensões de terra. Era, na verdade, uma questão de sobrevivência colocar a sua mão de obra à disposição dos senhores feudais.

Com relação à realidade encarada pelos pomeranos, a rotina

Na época da colheita (principalmente da batata), era normal empregar diaristas e artesãos temporários para o período de três semanas geralmente. O trabalho começava cedo. Antes das 5:00 horas da manhã os trabalhadores diaristas e artesãos eram buscados de carroça e começavam a trabalhar às 6:00 horas. Havia pausa para um pequeno lanche às 10:00 horas, e para o almoço às 13:00 horas. Às 18:00 horas o som do apito soado pelo capataz indicava que o trabalho havia chegado ao fim naquele dia. Cada trabalhador precisava voltar para casa por conta própria, pois o serviço de carroça só funcionava para buscar os funcionários na parte da manhã. A jornada de trabalho não acabava neste momento, pois ao final do dia cada trabalhador ainda precisava voltar para casa para cuidar do seu próprio pedaço de terra e cultivar seus próprios alimentos (HACKENHAAR, 2018, p. 26).

Era uma dura jornada de trabalho e as perspectivas de melhorias por parte dos senhores feudais não eram positivas, visto que até mesmo as mulheres dos diaristas eram obrigadas por contrato a trabalhar um mínimo de 200 dias por ano, além de receberem um salário menor, de acordo com Hackenhaar (2018). Além disso, os trabalhadores, servidores dos grandes latifundiários estavam submetidos a um mecanismo chamado, na tradução, de servos-de-gleba. Na região, os grandes proprietários eram os governantes com controle da

economia e também da igreja. Por isso esse sistema, que inicialmente era usado na Idade Média com prisioneiros até meados do século XIX, foi utilizado com os trabalhadores.

Segundo Dreher (2014), a servidão-de-gleba era um sistema no qual o trabalhador era tão dependente de seu senhor que a nobreza podia comprá-lo ou vendê-lo com ou sem a sua propriedade. Sendo assim

Entendemos por servidão-de-gleba a situação de ausência de liberdade econômica e pessoal. Seres humanos são meros objetos, propriedade. Nos territórios sempre houve camponeses obrigados a prestar serviços e a entregar produtos preestabelecidos (DREHER, 2014, p. 25).

O autor vai mais além: os servos-de-gleba eram obrigados a prestar serviços e entregar produtos em quantidades ilimitadas e também não tinham a liberdade de ir e vir. Seus direitos ao matrimônio eram restritos, pois o namoro, o noivado e o casamento, só aconteciam com consentimento do senhor e a igreja era a única instância a quem se podia recorrer. No entanto, a igreja também estava ameaçada pelo senhor, pois as bênçãos matrimoniais e de batismo de servos sem a autorização dos senhores dos latifúndios estavam sujeitos a penalidades e multas. Os pastores, conseqüentemente, não tinham autonomia em seu trabalho.

Como os relacionamentos aconteciam muitas vezes à revelia do senhor (em especial nos períodos de guerra), em 14 de novembro de 1654 entrou em vigor uma determinação constante no Código Territorial de Mecklenburg, em sua Parte Segunda intitulada “Dos camponeses e de sua servidão e administração” definindo a propriedade dos filhos gerados pelos trabalhadores

[...] houve a necessidade de se estabelecer a quem pertenciam os filhos gerados a partir de uniões, quando os pais eram oriundos de propriedades distintas: os filhos eram propriedades do senhor do pai. Exceção são os casos em que a criança tem pai desconhecido. Filho de pai desconhecido passa a ser servo do proprietário da mãe (DREHER, 2014, p. 32).

As últimas evidências de escravidão, especialmente na Prússia, sumiram na primeira metade do século XIX. Além disso, é importante lembrar no contexto histórico que na parte oriental da Alemanha, a mudança do sistema feudal para o capitalismo aconteceu na primeira década do século XIX. Conforme Salamoni (2001),

No caso específico da Pomerânia, terra de origem dos imigrantes, objeto de estudo no presente trabalho, esta se localizava na região oriental da Alemanha, sob o domínio do Império Prussiano. Nessa região, a transição do sistema feudal para o capitalismo teve início em 1807, quando o Estado Prussiano decretou a abolição definitiva da servidão camponesa. Contudo a maior parte dos camponeses perdeu parte ou todas as terras que cultivava, sendo obrigada a se submeter ao trabalho nas propriedades senhoriais ou, então, buscar ocupação nas indústrias urbanas,

engrossando a massa de deserdados que passaram a viver nas cidades. Além dessas possibilidades restava, ainda, a alternativa de migrar para a América, na busca de melhores condições de vida (SALAMONI, 2001, p. 27).

Para além da perda de terras, da falta de alternativas para seus descendentes, seja na privação de terras e de postos de trabalho, os habitantes da região ainda viram seu país envolvido em guerras e, logicamente, os cidadãos eram chamados a comparecer aos campos de batalha.

Entre os anos de 1864 e 1870 a Prússia enfrentou três guerras, conforme Oliveira (2016). A primeira, a chamada Guerra dos Ducados, estando aliada à Áustria contra a Dinamarca. Em 1866 foi a vez da Prússia se envolver na Guerra Austro-Prussiana, ou Guerra das Sete Semanas, na qual a Áustria foi derrotada. Já em 1870, a guerra que levou à unidade nacional alemã, Oliveira (2016) refere-se como a Guerra Franco-Prussiana e foi a maior e mais mortífera das três. Sobre a França e a origem da guerra

[...] Napoleão III dificilmente poderia tolerar a chegada ao trono da Espanha de um membro da família reinante prussiana. O risco era muito grande de ver a França envolvida entre uma Alemanha em vias de se unificar e uma Espanha “germanizada” e aliada da Prússia (MILZA, 2006, p. 693).

Este foi o cenário que levou a decisão de muitos prussianos, entre eles os pomeranos, a atravessarem o mundo rumo a um país desconhecido. Fuga das guerras, das más condições de trabalho, desemprego, da falta total de perspectivas para si e seus descendentes. Segundo Weimer (1983), com a chegada da revolução industrial um operário substituiu de 50 a 100 artesãos. Abriu-se, assim, o começo de uma nova vida em outro continente. Com muitas promessas de agenciadores para atrair os imigrantes e seus familiares, algumas das quais ficaram somente na palavra, ou seja, não foram cumpridas.

4.3 O Império e as razões da vinda dos colonos

Existem vários fatores possíveis e plausíveis que explicam a vinda dos europeus, entre eles os pomeranos ao Brasil a partir do século XIX. Importante enumerá-los e analisá-los nesse sentido. A propósito, de acordo com Rölke (2016),

Vários foram os fatores que motivaram o Governo Brasileiro a incentivar a imigração. De forma resumida, estes eram os seguintes: havia necessidade de preencher o espaço geográfico de enormes áreas desabitadas e também de regiões de litígio em fronteira com outros países; tinha que ser feito algo por causa

da forte pressão internacional para a abolição da escravidão; havia a preocupação de “branquear” a população brasileira (RÖLKE, 2016, p.141).

Para Siriani (2005) o imigrante europeu seria “o tipo racial mais adequado para purificar a raça brasileira”, e também, “o tipo de mão de obra adequada para solucionar o problema econômico eminente” (SIRIANI, 2005, p.92). Com uma estrutura essencialmente baseada na agricultura, com culturas como cana-de-açúcar e café, o Brasil, sofrendo pressão para o fim da escravidão, resolveu recorrer ao povo europeu. Além disso, a necessidade de colonizar regiões remotas, passíveis de invasões estrangeiras e, claro, a questão do “branqueamento” da população.

Sobre o tema, Gomes (2019) assim alude que “no Brasil do século XIX, em paralelo ao movimento abolicionista, havia projetos de ‘branqueamento’ da população com o apoio disseminado entre os dirigentes e intelectuais, tanto do império quanto do movimento republicano” (GOMES, 2019, p. 29). Importante lembrar que de 1530 até 1888 a escravidão era legalizada no Brasil e por um pouco menos de tempo a entrada de africanos no país foi uma constante rotina. Obviamente que muitos deles procriaram, aumentando o contingente de negros no país, transformando-se em pesadelo para as autoridades. O mesmo autor estima a chegada em torno de 4,9 milhões de escravos ao Brasil no período.

Ainda assim, outros motivos faziam parte dos objetivos do Império ao trazer imigrantes europeus ao Brasil. Nas primeiras décadas do século XIX, Dreher (2014) registra que

Às vésperas da Independência do Brasil, o Príncipe Regente Pedro enviou à Alemanha o Ajudante de Ordens da então Princesa Leopoldina, Major Jorge Antônio von Schaeffer, com a incumbência de recrutar soldados para o novo Estado que se criaria com a separação de Portugal. Von Schaeffer partiu para Hamburgo em agosto de 1824 e deu início ao recrutamento de soldados e colonos. O recrutamento de colonos se fazia necessário face às determinações do Congresso de Viena que proibiam a formação de novos exércitos de mercenários. A intenção era evitar o surgimento de novo Napoleão Bonaparte. Os colonos serviriam de cobertura para os soldados que estavam proibidos de ser recrutados (DREHER, 2014, p. 46).

Convém lembrar que “a entrada de imigrantes no Brasil por iniciativa oficial, remonta a emancipação política em 1822. Dom Pedro I reforçou seus batalhões através da introdução de mercenários europeus, especialmente alemães” (CHRISTILLINO, 2006, p. 97-98). Somando-se a isso, também se pode afirmar que a influência de Dona Leopoldina sobre Dom Pedro I foi importante na escolha do modelo de imigrantes para o Brasil. Sobre esta relevante questão assim escreveu Granzow (2009)

Propagandistas do Brasil chegaram à Alemanha e fizeram acordo com as grandes empresas marítimas para o transporte de imigrantes e organizaram associações de imigração e colonização. O imperador do Brasil, da casa dos Habsburgos, deu

preferência aos alemães, por sempre terem se mostrado bons trabalhadores e colonizadores. Quando D. Pedro I se casou com a princesa Leopoldina, foi influenciado por ela a procurar colonizar as terras brasileiras com imigrantes da Alemanha e da Áustria (GRANZOW, 2009, p. 166).

Com o endurecimento na legislação de tráfico de escravos, o problema surgido no Brasil foi a falta de mão de obra. De acordo com Christallino (2006), a alternativa encontrada foi a introdução de colonos europeus, a fim de criar um novo sistema de trabalho: a parceria.

Especificamente no caso do estado do Rio Grande do Sul, particularmente na Serra dos Tapes, onde está inserido o município de São Lourenço do Sul, Iepsen (2013) disserta que

Diversos fatores levaram os governantes lusitanos e, posteriormente, brasileiros a investir na vinda de imigrantes estrangeiros para o Brasil. No caso do Rio Grande do Sul, havia um objetivo específico bastante claro: colonizar a região e ocupá-la definitivamente, em virtude dos diversos conflitos ocorridos com a Espanha pela posse do território. Agradecido pela ajuda nas guerras contra os espanhóis, e precisando de parceiros, o governo doou sesmarias àqueles indivíduos que se destacaram nestas batalhas. A eles caberia a tarefa de iniciar a ocupação dos vazios populacionais [...] (IEPSEN, 2013, p. 92).

Além de firmar posição nas fronteiras, a ideia era de que os imigrantes tivessem afinidade com as atividades agrícolas, conforme Salamoni (1995). Sobre a colônia de São Lourenço do Sul e sua característica com relação a sua ocupação

[...] ao nos referirmos à colônia de São Lourenço, é necessário atentarmos para alguns aspectos que a diferenciam das demais: a maioria dos núcleos de povoamento de colonos era patrocinada pelo governo. No entanto, a imigração que aconteceu em São Lourenço do Sul foi diferente das demais, uma vez que se tratava de uma colonização particular articulada entre Jacob Rheingantz e o estancieiro José Antônio Oliveira Guimarães (REETZ, 2016, p. 22).

Os debates na Assembleia sobre a vinda de colonos europeus ao Brasil variavam. Entre eles estavam a concessão gratuita de terras aos novos imigrantes, o que causou revolta em alguns, pois argumentavam que os nativos não tinham esse benefício. Igualmente recebeu atenção a questão da liberdade religiosa para os estrangeiros considerando que o Brasil, segundo a Carta Constitucional no artigo 16 estabelecia “[...] a religião Católica Apostólica Romana é a Religião do Estado por excelência”.

4.4 O embarque, a chegada dos imigrantes e a nova realidade

A partir de agora, o projeto terá o foco desde o embarque e a chegada dos primeiros imigrantes pomeranos, bem como as dificuldades encontradas por estes do porto até o local a eles destinado, em um recorte locacional, como já mencionado, na Serra dos Tapes, destino

final dos imigrantes, destacando em especial a colônia de São Lourenço do Sul. Importante salientar que os imigrantes pomeranos tiveram, além do estado do Rio Grande do Sul como destino final, outros dois estados: Santa Catarina e Espírito Santo.

Na Serra dos Tapes, outros municípios contam com uma densidade de pomeranos expressiva, tais como: Pelotas, Arroio do Padre, Turuçu, Canguçu e Morro Redondo. Em relação à questão da colonização em São Lourenço do Sul, Iepsen (2013) observa que um personagem se candidatou a trazer estrangeiros da Europa, além de providenciar lotes de terras aos primeiros imigrantes.

Interessado em se tornar um empresário e investir na vinda de estrangeiros ao Brasil, Jacob Rheingantz entrou em contato com membros do governo provincial, projetando a fundação de uma colônia de imigrantes europeus. Após pesquisar os terrenos disponíveis, chega à Serra dos Tapes como o local ideal para o assentamento destes futuros colonos (IEPSEN, 2013, p. 94).

Jacob Rheingantz, sócio proprietário de uma casa comercial na cidade de Pelotas, vendeu sua parte e com os valores adquiriu terras devolutas, em torno de 8 léguas, para receber colonos europeus. O contrato previa, inclusive, o assentamento de 1.440 pessoas em um período de cinco anos. Assim, de acordo com Iepsen (2013), em 31 de outubro de 1857, do porto de Hamburgo, na Alemanha, a escuna holandesa *Twee Vrieden* partiu rumo ao Brasil. A embarcação levou a bordo 88 colonos alemães e pomeranos, deixando para trás a sua pátria rumo ao desconhecido, sem saber realmente o que os esperava, mesmo com promessas maravilhosas com o objetivo de arregimentar e atrair os colonos para o Brasil, visto que alguém faturava com a chegada deles.

Naquele período, a cidade de São Lourenço do Sul ainda não estava emancipada (isso aconteceu somente em 1884) e o território fazia parte do município de Pelotas. Segundo Bosenbecker (2020), a emancipação política de São Lourenço do Sul está associada à Colônia São Lourenço e à imigração alemã, como fatores propulsores do desenvolvimento comercial, especialmente via o pequeno porto local e ao crescimento populacional gerado pela colonização. Os povoadores pioneiros enfrentaram na colônia toda a sorte de dificuldades, começando com a total falta de infraestrutura, na qual a ausência de estradas era uma realidade. Além disso, havia a necessidade de construção de benfeitorias como casa e galpões, mas primeiro havia a necessidade de roçadas para limpar o local.

No caso específico de São Lourenço do Sul e a questão dos lotes destinados e ocupados pelos imigrantes, Bosenbecker (2020) ressalta que

No nosso caso, São Lourenço possuía uma colônia encravada na Serra dos Tapes, literalmente rodeada por estâncias e fazendeiros, criando uma condição que, de certa forma, é ímpar na configuração gaúcha, onde na maior parte das vezes as colônias permaneceram afastadas ou isoladas da zona pecuarista. De maneira geral, tanto a configuração das estâncias quanto dos lotes coloniais nos remetem ao turbulento processo que envolveu a distribuição e regularização das terras brasileiras. Outro conflito pela terra na região teve origem com a extração de madeiras nos matos da Serra dos Tapes, recurso ou alternativa financeira muito utilizada por estancieiros, posseiros, pequenos produtores e também pelos colonos alemães (BOSENBECKER, 2020, p. 37).

Não existem registros de conflitos entre latifundiários e colonos na região. A contenda de maior repercussão, segundo Iepsen (2013), foi o caso de colonos que compraram lotes na região do colonizador Rheingantz e colocaram em dúvida a medição das terras. Ademais, chegaram a encaminhar queixa à representação diplomática da Prússia, denunciando que Rheingantz omitia-se na realização de melhorias em picadas e pontes.

Interessante ressaltar que nesse sentido a grande maioria dos autores simplesmente ignora esses episódios, preferindo tratar Rheingantz mais como um bem sucedido empresário e, em algumas situações, até como um herói. Inclusive, os biógrafos de Rheingantz classificam os revoltosos com a pecha de “desordeiros”. Sabe-se que a questão virou caso de polícia. Nem herói, nem vilão. Conforme Flores (1982), citando Ernesto Pellanda, afirma que este “é categórico em incriminar Rheingantz, afirmando que as desordens então ocorridas foram motivadas pela ganância dos empresários sobre as terras vendidas aos colonos, pagas e não regularizadas” (FLORES, 1982, p. 70).

Sobre as dificuldades encontradas e a questão dos pomeranos terem mais facilidade no enfrentamento dos desafios, serem maioria na colônia de São Lourenço e se integrarem melhor à situação, Oberacker (2020), argumenta que estes estavam acostumados a trabalhos pesados e a passar por privações e, por isso, lidaram melhor com o começo difícil do período de colonização. Apesar das comemorações relativas à primeira leva de imigrantes germânicos à região sul do Brasil, segundo relatos de Flores (1982), estes primeiros imigrantes não atingiram os objetivos desejados.

Segundo o álbum Centenário da Imigração Alemã, esta primeira leva, na maioria renano, não alcançou o êxito almejado no que tange a colonização, por haver entre eles apenas 5 pessoas afeitas às lides campesinas em sua pátria, ao lado dos quais havia: 5 sapateiros, 2 funileiros, 2 encadernadores, 1 técnico, 1 padeiro, e 1 lapidador de ágata. Em 1879 apenas 5 destes primeiros imigrantes permaneciam em São Lourenço: 2 dos camponeses, 1 dos sapateiros e o padeiro. O maior êxito a Colônia alcançou a seguir, com a chegada dos pomeranos, ex-servos habituados às lides campesinas (FLORES, 1982, p. 67).

De acordo com Hammes (2014), na relação de oitenta e oito imigrantes que embarcaram no veleiro *Twee Vrienden*, sob o comando do capitão H. Noordhoeck, constam

somente três famílias com sobrenomes pomeranos, a saber: Zibell, Helling e Wulff. Porém, o autor cita que na verdade foram noventa e sete os passageiros registrados na lista. Os oitenta e oito viajaram na segunda classe. Já Wilhelm Schroeder e a família Rheingantz viajaram em camarotes.

Um detalhe importante a ser esclarecido é a questão de muitas vezes se confundir alemães e pomeranos. Sem dúvida, são imigrantes oriundos da mesma região, ou seja, do norte da Europa, porém de regiões distintas. A Pomerânia era a região compreendida entre Alemanha e Polônia. Weber e Bosenbecker (2010) dissertam acerca dos registros civis em Pelotas

Primeiro há que considerar a consolidação do estado alemão na Europa, que ocorreu sob a hegemonia da Prússia, gestora da unificação dos diferentes estados alemães e formuladora da identidade da nova nação. No século XIX, a Pomerânia, pelo menos sua parte ocidental, estava efetivamente sob o domínio da Prússia, enquanto a parte oriental era dominada pela Polônia. A Pomerânia, portanto, foi uma dessas regiões históricas que foram subsumidas por vizinhos mais poderosos no processo de consolidação dos Estados-nações. Na documentação do século XIX sobre a região de Pelotas, tais como registros de batismos e casamentos e processos cíveis, é corrente o uso do termo “prussiano”, o que reflete uma realidade burocrática que nem sempre concede espaço às especificidades identitárias. A instalação da nação Alemã, mesmo se processando após a chegada dos primeiros imigrantes, terá influência nas identificações que se processam do outro lado do Atlântico, passando os colonizadores a serem reconhecidos como “alemães” (WEBER; BOSENBECKER, 2010, p. 355-356).

Talvez isso explique um pouco a confusão muito comum ao colocar todos os imigrantes e/ou seus descendentes como alemães. O que efetivamente não é verdade, pois além dos sobrenomes característicos, também se constata uma divisão na questão da religião.

A respeito da identificação de famílias pomeranas, descendentes dos primeiros imigrantes, foi consultado o Dicionário de Sobrenomes de origem alemã de São Lourenço do Sul e das colônias adjacentes de autoria do médico Edilberto Luiz Hammes, em 2017. Nele foram identificados mais de 200 sobrenomes originários da Pomerânia, fato muito útil para a realização das entrevistas.

O autor afirma em seu trabalho que os sobrenomes terminados em “ow” e “ing”, muito comuns entre os descendentes em São Lourenço do Sul, são pomerânios típicos ou de regiões vizinhas à eslava Polônia (HAMMES, 2017). O dicionário contém 1.070 sobrenomes pesquisados em cartórios, comunidades religiosas, cemitérios, além de depoimentos de descendentes.

4.5 A religiosidade e os problemas dos primeiros imigrantes

A policultura, praticamente exclusiva mão de obra familiar, produção agrícola para consumo, era praticada pelos agricultores pomeranos, agora donos de seu pedaço de terra, os quais puderam experimentar uma sensação de independência, diferente do que viveram na Europa. Mas ainda faltava o convívio com os vizinhos, a vida comunitária, a interação. Segundo Salomoni (2001),

Não obstante, foi essa mesma organização, formada nos núcleos coloniais autossuficientes, que originou novas formas de convivência entre os colonos. Em grande parte desses núcleos, os integrantes tentaram recriar a noção de Heimat (pátria), representada objetivamente pela região colonizada e pelas relações sociais estabelecidas entre os colonos, motivadas por laços de parentesco e amizade que, em última instância, estavam marcadas por um mesmo passado. A noção de que pertenciam a uma mesma comunidade levou os colonos alemães a promoverem o surgimento de uma série de associações, cujo objetivo era, em princípio, a manutenção de sua herança cultural. As primeiras iniciativas para o estabelecimento da vida comunitária foram a construção de igrejas e escolas e, em seguida, as associações destinadas a promover o convívio social, como os clubes de tiro, corais comunitários, grupos de danças folclóricas, entre outros (SALOMONI, 2001, p. 9).

Conforme já registrado, os pioneiros colonizados se depararam com muitas dificuldades no novo país. A inexistência de estruturas na sua totalidade, fez com que os próprios imigrantes tratassem de resolver as adversidades. Com base na colaboração mútua e dos mutirões, os problemas foram amenizados.

Em relação à educação a situação não foi diferente, assim como em questões ligadas à religião. Os imigrantes trouxeram sua fé, suas crenças cristãs e, outras nem tanto. Sofreram com a falta de seus guias espirituais, os pastores. Estes não acompanharam quem foi em busca de uma nova vida no outro continente. Não bastasse isso, vieram viver em um país onde a religião oficial do Estado era a católica. Porém, antes de tudo os primeiros imigrantes tiveram que superar alguns problemas, pois agora viviam em um país que tinha a religião católica como oficial do Estado. O Império admitia o povo de professar outras religiões, mas com limitações e até proibições. De acordo com Dreher (2014),

A partir de 1808, o Brasil admitia oficialmente a entrada de estrangeiros, desde que católicos. A Constituição de 1824, contudo, ainda supunha um país sem estrangeiros, com uma maioria de escravos. A abertura para os imigrantes questionava esta situação. A entrada deles trouxe problemas para a religião católica como religião do Estado, mas também para o imigrante católico. Só a religião católica era reconhecida pelo Estado e era por ele mantida. O que fazer com o batismo e o casamento protestante, quando não havia registro civil? Onde sepultar protestantes, já que os cemitérios eram administrados por irmandades? Deputados, senadores e funcionários públicos tinham que jurar defender a religião do Estado. Só católicos podiam exercer funções públicas até 1881 (DREHER, 2014, p. 204-205).

A Constituição Brasileira de 1824, em seu artigo 5º, estabelecia (em transcrição original com as regras ortográficas da época), que “a Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras religiões serão permitidas com o seu culto domestico, ou particular, em casas para isso destinadas sem forma nenhuma exterior de Templo” (NOGUEIRA, 2012, p. 65). Dessa maneira, desde que a fé fosse professada entre quatro paredes, toda e qualquer religião era permitida com as devidas limitações, sem cruz ou torres que identificassem as igrejas.

As primeiras comunidades e escolas surgiram no interior de São Lourenço do Sul, na região colonizada pelos primeiros imigrantes. Como a Constituição proibia toda e qualquer forma exterior de templo, é provável que os pomeranos tenham unido as funções com as escolas utilizando-as também como templo. O poder público não oferecia escolas e eles precisavam de um local para manifestar a sua fé.

Oberacker (2020) refere que os colonos com esta situação de abandono espiritual, igualmente o que ocorria com a educação, agiram como pessoas “valentes”. Diante desse cenário, construíram escolas, onde também aconteciam os cultos. Providenciaram professores e pastores no seu meio, quando a realidade era somente os colonos e a agricultura.

Então, nas primeiras décadas desde a chegada dos primeiros imigrantes, uma situação era bastante comum: o professor que ensinava os seus filhos também era o responsável pelos cultos para a comunidade. Até os anos de 1940, pode-se afirmar que esta situação ainda era bastante habitual. O autor registra, ainda em suas memórias, a realidade na escolha das pessoas que estariam encarregadas da educação e dos cultos, as quais eram “pobretões ou aleijados, famintos ou outros filhos perdidos, estes foram, por muito tempo, os candidatos mais comuns para os ministérios de igreja e escola” (OBERACKER, 2020, p. 124). Uma explicação para este perfil seriam os baixos salários oferecidos.

Importante ressaltar que no Brasil, por não existir a religião luterana até a chegada dos primeiros imigrantes, não havia pastores que pudessem trabalhar junto aos pomeranos. Eram raros os pastores enviados da Alemanha para o Brasil e, os que vinham, na sua maioria não permaneciam muito tempo aqui, especialmente nas comunidades das localidades colonizadas. Em virtude das dificuldades enfrentadas, poucos tinham a persistência de seguir no novo país. Essa situação se estendeu também pelo século XX. Oberacker (2020) relata um pouco sobre a situação das pessoas que enfrentavam os desafios do ensino e da religião.

Um dia, um colono me contou o seguinte a respeito de um desses leais educadores do povo: “No mais, ele era um sujeito inteligente. Ele sabia ler e escrever muito bem. Também sabia lidar com a tabuada e, quanto à Bíblia, também tinha bons conhecimentos. A comunidade até estava satisfeita com o canto. Mas os cálculos,

estes eram sua cruz. Sim, somar e multiplicar, isto ainda ia razoavelmente, mas o subtrair e o dividir, era muito difícil para ele. Por isso, ele simplesmente deixou de ensiná-los em suas aulas” (OBERACKER, 2020, p.121).

Mas não foram somente estas as dificuldades encontradas pelos imigrantes luteranos no seu cotidiano. Elas iam muito além de encontrar professores para os filhos e guias espirituais para suas comunidades, além da boa relação registrada por Davatz (1850) “[...] eles, protestantes e católicos, possam, dos pontos de vista religioso, civil e econômico, ter uma existência agradável e segura, e que consigam prosperar dentro dessas condições” (DAVATZ, 1850, p. 220).

O autor destaca um duplo problema dos imigrantes em relação aos direitos civis e religiosos. Com seus direitos civis desrespeitados e os religiosos não atendidos, acabava por tornar suas reclamações constrangedoras. Dreher (2014) relata uma ocorrência policial como exemplo da situação pela qual os imigrantes luteranos, também denominados protestantes, eram submetidos por razão da falta de legislação na questão religiosa.

[...] ainda em 1864, o Pastor Hermann Georg Borchard seria preso, em São Leopoldo, por ir à frente de cortejo fúnebre, vestindo talar. Estava assim o entendeu a autoridade competente, fazendo propaganda de sua religião, apenas tolerada. Pior, porém, que esta situação era a relativa aos matrimônios de protestantes. Não havia para eles registro civil. A única maneira de ter matrimônio válido era realizá-lo na presença do sacerdote católico. Quem não o fizesse, vivia em concubinato e tinha filhos ilegítimos. Seus filhos não herdariam seus bens. Casando na presença de sacerdote, abjuravam a fé (DREHER, 2014, p. 206-207).

Dreher (2014) igualmente disserta que, finalmente no ano de 1865, quanto à questão de casamento dos protestantes e, em virtude da lei datada de 21 de outubro do mesmo ano, exigia que filhos de matrimônios mistos tivessem seus batismos na Igreja Católica. Mesmo com esse disposto, a lei avançou permitindo que os casamentos de não católicos acontecessem oficiados por pastores, com todos os efeitos civis iguais aos casamentos católicos.

O problema relativo aos óbitos e sepultamentos não foi resolvido com tal lei, pois, segundo Dreher (2014), não existiam ainda os cemitérios públicos. Os locais existentes para enterrar os mortos pertenciam a irmandades ou paróquias que foram bentos por autoridades eclesiásticas. No interior dos municípios, hoje a realidade mostra que todas as comunidades luteranas têm seu cemitério próprio, sendo raras as que não os têm. Ainda acontecem descobertas de pequenos cemitérios abandonados no meio do mato. Provavelmente são cemitérios particulares que com o passar do tempo simplesmente deixaram de ser utilizados e seriam, então, casos de cemitérios familiares.

Se com a chegada do século XX os problemas de legalização e liberação praticamente terminaram, a questão da oferta de pastores às comunidades prosseguiu. No início do século, a realidade nas comunidades luteranas, que contava com a presença de pastores com formação, era na sua totalidade, da Alemanha. Estes eram alemães que prestavam serviço aos imigrantes dos povos germânicos que vieram para o Brasil, incluindo os pomeranos.

Na primeira metade do século aconteceram as guerras mundiais e a Alemanha teve protagonismo direto nos conflitos. Com a presença de pastores alemães no país, muitos imigrantes que só falavam o idioma alemão e pomerano, utilizavam em vários espaços. Nas escolas do interior sob a administração das comunidades, os cultos e aulas eram administrados em língua alemã. Com o acirramento dos ânimos e a participação brasileira na guerra, os imigrantes sofreram com a hostilização. Se os colonos e seus descendentes alemães e pomeranos não sofreram grandes consequências durante a Primeira Guerra Mundial (credita-se a isso a questão das comunicações precárias e em casos inexistentes de jornais e rádios na época) não se pode afirmar o mesmo quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial.

Mesmo assim, na República Velha aconteceram medidas restritivas que atingiram os chamados teuto-brasileiros, tais como a intervenção na imprensa e também nas escolas denominadas “alemãs” no período compreendido entre os anos de 1917 e 1919. É importante lembrar a ausência de escolas públicas no interior do município nesse período.

Imigrantes e descendentes de alemães e pomeranos não foram hostilizados somente na Serra dos Tapes, São Lourenço do Sul e Pelotas. Os casos ocorreram também na capital gaúcha, Porto Alegre, bem como nos estados de Santa Catarina e Espírito Santo, locais que receberam os imigrantes de origem prussiana. Serão descritos alguns relatos de casos ocorridos na região da Serra dos Tapes, pois é o *locus* da pesquisa.

Os problemas começaram com o advento do Estado Novo, praticamente dois anos antes do início da Segunda Grande Guerra. Conforme Seyferth (1999),

No contexto do amplo criticismo sobre a política de colonização com imigrantes implementada antes de 1930, a partir de 1937 foram tomadas medidas coercitivas visando atingir as organizações comunitárias étnicas produzidas pela imigração, em nome da tradição de assimilação e mestiçagem demarcadoras da nacionalidade. Mudanças na legislação e a ação direta do Exército junto aos grupos considerados “quistos raciais” interferiram na vida cotidiana de uma parcela significativa da população, sobretudo no Sul e em São Paulo (SEYFERTH, 1999, p. 199-200).

Uma das mudanças realizadas foi a substituição dos professores nas escolas comunitárias, além da proibição do idioma alemão e pomerano nesses espaços de educação. Dessa forma, as escolas acabaram encampadas pelo poder público a partir de 1938, ou seja,

antes mesmo do começo da Segunda Guerra Mundial. Significa dizer que era mais um projeto de governo, ou da tentativa de consolidação do chamado Estado Novo e sua política nacionalista, do que uma consequência do conflito mundial. A partir dessa conjuntura, com o acontecimento da guerra e sua expansão, acabou fortalecendo esse regime, pois a ligação das escolas com as comunidades fundadas pelos imigrantes e seus descendentes experimentaram essas restrições.

A partir do início confronto mundial, sabe-se que Getúlio Vargas e uma ala do governo nutriam simpatia pelo governo nazista, tanto que a Alemanha nos anos de 1930 chegou a ser o segundo maior parceiro comercial brasileiro, somente atrás dos Estados Unidos, conforme Gertz (1987). Mas não seria somente na área comercial que as boas relações entre o governo brasileiro e os alemães ocorriam. Segundo o autor

Às boas relações econômicas correspondiam melhorias constantes nas relações políticas. Vargas colaborava nas “campanhas para o auxílio do inverno” promovidas pelo governo alemão enviando carregamentos de café. A polícia brasileira colaborou com a GESTAPO “(Olga, a mulher do dirigente comunista brasileiro Prestes, que tinha cidadania alemã foi deportada para a Alemanha; foi acertado um acordo para o treinamento de policiais brasileiros na Alemanha)” (GERTZ, 1987, p. 63).

Getúlio Vargas sofria a pressão dos aliados, os quais entendiam a importância do Brasil na sua logística de guerra. Assim, o afundamento dos navios brasileiros acabou transformando-se no pretexto para o apoio aos aliados no ano de 1942, quando Vargas declarou guerra ao Eixo, com o apoio explícito da imprensa escrita e falada e com a omissão de parte das autoridades. Dessa forma, sinalizava para que pessoas procurassem a agressão e a destruição de patrimônio alheio com o objetivo de “defender o país”.

Autoridades da segurança do Estado, chefiado por Marco Aurélio Py (referindo-se aos imigrantes e seus descendentes com o termo “quinta coluna”), proibiram a comunicação em público nos idiomas dos países do Eixo. Houve, inclusive, prisões por esse motivo. Alguns pastores foram detidos e levados à prisão Daltro Filho, em Charqueadas. Aliás, os pastores foram os que mais sofreram as consequências, pois muitos deles praticamente só falavam o alemão e, por isso, foram identificados como nazistas. Ironicamente, alguns vieram ao Brasil justamente para fugir do regime nazista na Alemanha e aqui foram acusados de apoiadores de Hitler.

Em relação à guerra e o reflexo de todo o cenário de hostilidades, no dia 19 de agosto de 1942, o interior de São Lourenço do Sul viveu um episódio em que imigrantes e descendentes foram vítimas. Aconteceram saques e destruições a tudo que lembrasse sua antiga pátria. Muitos, por receio de punições, acabaram destruindo documentos, livros, bíblias

e qualquer material que pudesse fazer menção ao idioma alemão ou pomerano. Em Pelotas uma igreja foi incendiada.

Estes episódios deixaram marcas profundas na população. Durante a coleta de informações para o meu Trabalho de Conclusão na Graduação o tema foi exatamente esse: a hostilização aos pomeranos e alemães em 1942. Algumas vezes pessoas contactadas pediram para não falar sobre a questão, pois tinham receio de citar algum nome ou atingir alguém que participou das manifestações que fosse conhecido. Afirmo isso justamente por razão de uma pessoa pedir para desconsiderar seu depoimento sobre o tema, pois o indivíduo responsável pela prisão de seu pai ainda era influente na região.

Reconhecer e relatar estes acontecimentos não significa, porém, esquecer que existiam células de apoiadores do nazismo no Brasil. Houve inclusive tentativas de fundação de um Partido Nazista. Além disso, conforme registra Moacyr Flores (2015)

Segundo Ivan Alves em fins de 1937, professores alemães no Rio Grande do Sul ensinavam dentro dos mandamentos de Kultur. Agentes da Gestapo se infiltravam nas organizações desportivas e recreativas, que praticavam o germanismo, para desenvolver a propaganda nazista” (FLORES, 2015, p.129).

A presença do nazismo (ele existia, e ainda existe), de células nazistas, além da interferência da Gestapo, não justifica que toda uma população tenha sofrido as consequências da presença de extremistas.

4.6 Conceitos e sujeitos

O Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa Michaelis (2015) assim conceitua o verbete *crença*

Ato ou efeito de crer, conjunto de ideias religiosas compartilhadas por muitas pessoas; fé religiosa; convicção; credo. Pensamento que se acredita ser verdadeiro ou seguro; certeza; confiança, segurança. Convicção sobre a verdade de alguma afirmação, ou sobre a realidade de algum ser; coisa ou fenômeno, especialmente quando não há provas conclusivas ou confirmação racional daquilo em que se acredita. Conjunto de princípios ou doutrinas religiosas ou místicas que tem valor de verdade para seus seguidores (uso mais comum no plural).

Sendo assim, “há várias tentativas de se explicar a origem da religião e de suas crenças. A crença religiosa geralmente é compreendida e explicada através de suas funções benéficas, tanto em âmbito individual quanto em âmbito coletivo” (SANT’ANNA, 2019, p. 16).

Ressaltamos que o público alvo deste trabalho, são pessoas, membros de comunidades luteranas, onde estão localizados os maiores contingentes de descendentes de pomeranos em São Lourenço do Sul. O foco está em quatro igrejas pesquisadas conforme citação abaixo:

1. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, a IECLB.
2. Igreja Evangélica Luterana do Brasil, a IELB.
3. Igreja Evangélica Luterana Independente, a IELI.
4. Comunidades independentes sem vínculo com alguma entidade superior.

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, a IECLB, segundo o Portal Luteranos, em sua página oficial, dá conta das estatísticas no ano de 2017, (ano base 2016) de um total de 643.693 membros, sendo sua maioria em municípios com mais de 50.000 habitantes.

Em seu histórico não existe exatamente uma data oficial do início das atividades no Brasil, porém cita o ano de 1824 com a chegada de imigrantes alemães a São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul, além de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. Fica claro que a origem alemã da IECLB, uma igreja com atuação nacional nos dias de hoje. Falarei, agora, um pouco da história da IECLB, e suas origens que inclui uma unificação de quatro sínodos:

O processo de formação da IECLB, no entanto, não termina com a formação da Federação Sinodal em 1949 a partir dos quatro sínodos surgidos no contexto da imigração alemã para o Brasil nos séculos XIX e XX, a saber, Sínodo Riograndense, Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados (Sin. Evang. Lut.), Associação Evangélica de Comunidades de Santa Catarina e Paraná (Assoc. Evang. De Comunidades) e Sínodo Brasil Central. A continuidade desse processo se evidencia na não fusão imediata da Assoc. Evang. De Comunidades e do Sin. Evang. Lut., que coexistiram em grande parte no mesmo território até 1992 (BAADE, 2007, p. 7).

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil sem dúvida nenhuma tem as suas origens alemãs e possui atividade em âmbito nacional na atualidade, contando com uma Faculdade de Teologia, cujo objetivo é a formação de pastores para atuação nas comunidades. A Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) surgiu no dia 24 de junho de 1904, porém os trabalhos iniciaram em 1900, quando foi fundada a primeira congregação no município de Morro Redondo, a Comunidade Evangélica Luterana São João através da Igreja Luterana-Sínodo Missouri, dos Estados Unidos.

Segundo o site oficial da IELB, a Igreja conta com 244.267 membros. Vale ressaltar que, ao contrário da IECLB, aquela é uma igreja de origem norte-americana, contudo, baseada nos preceitos de Martinho Lutero e com muitas semelhanças entre si. São Lourenço do Sul já

contou com um Seminário da IELB, com a finalidade de formar professores e pastores. Weiduschadt (2007) lembra que com a baixa disponibilidade de pastores para atuar no Brasil, o Sínodo de Missouri entendeu por bem formar os trabalhadores neste país.

Um dos motivos alegados para a criação do Seminário seria a questão econômica, visto que as passagens eram caras e as viagens longas e demoradas. Então, em 27 de outubro de 1903, foi fundado um Seminário na localidade de Bom Jesus, 4º distrito do município. Inicialmente contava com três estudantes e, posteriormente, mais dois. Segundo Weiduschadt (2007)

O Seminário de Bom Jesus durou pouco. O funcionamento na região de São Lourenço permaneceu por dois anos e tentou preparar jovens mesmo com as precárias condições apresentadas. Assim como na primeira Assembleia Sinodal em Rincão de São Pedro em 1904, o entusiasmo pelo projeto era grande. Em 1905 na segunda Assembleia Sinodal em Jaguari, o Sínodo revela que o instituto na região de São Lourenço tinha sido muito desgastante, devido à distância da capital Porto Alegre (WEIDUSCHADT, 2007, p. 140).

O Seminário foi reaberto em Porto Alegre com o nome de Seminário Concórdia com maior estrutura física e pedagógica e hoje está localizado na cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

Já a Igreja Evangélica Luterana Independente (IELI) é uma entidade de âmbito regional, reunindo comunidades de São Lourenço do Sul, Canguçu, Turuçu, Morro Redondo, Pelotas e Arroio do Padre. Pode-se afirmar que as primeiras comunidades surgidas na região, sem dúvida, foram as comunidades livres, sem vínculo com nenhuma entidade. Se é que entidades que reunisse as comunidades luteranas existissem naquela época. Estas congregações se caracterizam por terem pastores sem a formação teológica, conservando em parte a tradição de seus antepassados. No entanto, isso atualmente não é mais regra, pois alguns pastores com formação já começam a fazerem-se presentes. Estes, inclusive, depois de aposentados se dedicam às chamadas comunidades livres.

Outra característica dessas comunidades da IELI é que não fazem parte de alguma entidade de alcance nacional como na IECLB e também da IELB. Assim,

Atualmente existem no RS comunidades que se mantêm fiel às origens da maioria das comunidades protestantes criadas até o último quartel do século XIX, que se preservam “livres”, ou seja, sem a vinculação de uma entidade eclesial maior. Em sua maioria, localizam-se nos municípios de São Lourenço do Sul, Canguçu, Pelotas e Camaquã, sendo atendidas por mais de 20 pastores livres (RIETH, 1990, p. 256).

No seu sítio eletrônico, não se tem maiores informações sobre a entidade, nem mesmo uma descrição quanto ao número de membros. Porém, nos municípios de abrangência

têm um significativo número de seguidores. Com certeza, em relação aos princípios, as comunidades seguem a doutrina luterana.

Existe, também, um quarto segmento de comunidades, as chamadas comunidades livres. Essas têm como característica a desvinculação com qualquer entidade superior regente, não submissa e, por isso, são denominadas livres. Porém, há uma organização que inclui estatutos e os membros são sócios. Como exemplo da IELI, seus pastores, em sua maioria, não são formados em curso superior de Teologia. As ditas comunidades livres são características da região da Serra dos Tapes, pois são raras ou inexistentes nas outras duas regiões com grande presença de pomeranos no Brasil: Santa Catarina e Espírito Santo.

Os ofícios, como cultos, batismos, casamentos, confirmações e sepultamentos, praticamente não diferem das outras igrejas luteranas. Entretanto, ainda existem casos de pastores que, em virtude de suas limitações, simplesmente leem os ofícios, sem os entender. Thum (2019) entende que as comunidades livres têm uma função de resistência da cultura pomerana ao fazer frente à chamada cultura oficial alemã.

4.7 As comunidades

Entende-se por comunidade religiosa, uma associação composta por membros ou sócios movidos por objetivos comuns, ou seja, a religião. Além da participação em cultos, existe também o direito aos ofícios religiosos para si e sua família tais como o batismo, a confirmação, o casamento e o sepultamento, entre outros. Normalmente, uma comunidade tem seu próprio estatuto, no qual estão enumerados direitos e obrigações.

Tais comunidades são comandadas por uma diretoria (algumas chamadas de presbitério) escolhida pelos próprios membros em assembleias convocadas previamente. Além das lideranças, com a presença do pastor escolhido pelos próprios membros, este é o líder espiritual do grupo. As comunidades podem ser ligadas ou não a uma entidade superior que congrega um conjunto delas. Podem ser em âmbito local, mas também de alcance nacional, como é o caso da IECLB ou da IELB.

Para este trabalho, entendo relevante exibir um levantamento total das comunidades existentes no município de São Lourenço do Sul. Acrescenta-se aí, para efeitos comparativos, as comunidades católicas existentes, pois havia uma questão a responder: os descendentes de pomeranos são predominantemente luteranos? Descartaram-se as igrejas evangélicas pentecostais, uma vez que no momento não tem uma representatividade significativa.

A população do município de pesquisa divide-se aproximadamente entre 50 % na zona urbana e a mesma proporção na zona rural. Chegou-se aos seguintes números no levantamento, conforme Tabela 1:

Comunidades	Quantidade
Católicas	22
IECLB	26
IELB	9
IELI/Livres	18

Tabela 1: Comunidades por religião no município
Fonte: Elaboração própria.

No arranjo da zona urbana foram encontradas nove comunidades católicas distribuídas pelos diversos bairros, evidenciando a sua predominância na região pesquisada. Em contrapartida, com relação às comunidades luteranas, a existência de somente quatro, sendo duas da IECLB, uma da IELB e outra comunidade livre. O gráfico abaixo demonstra a divisão de comunidades por religião na zona urbana de São Lourenço do Sul.

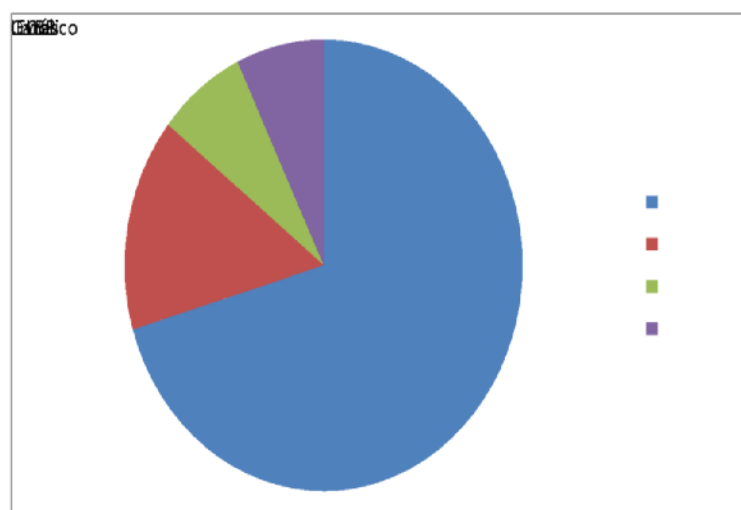


Tabela 2: Distribuição de comunidades zona urbana
Fonte: Elaboração própria.

Já na zona rural a situação é totalmente diferente. São quatorze comunidades católicas, oito congregações da IELB, conforme a denominação oficial, vinte e quatro comunidades da IECLB e quatorze comunidades luteranas independentes ou livres. Comunidades luteranas no interior do município são quarenta e seis, enquanto as católicas contam com quatorze. Em percentuais significa que há 76% de comunidades luteranas contra

23% de comunidades católicas. Nesta pesquisa, não consta o número de membros de cada uma, apenas a presença de comunidades. Abaixo a distribuição de comunidades por religião na zona rural do município.

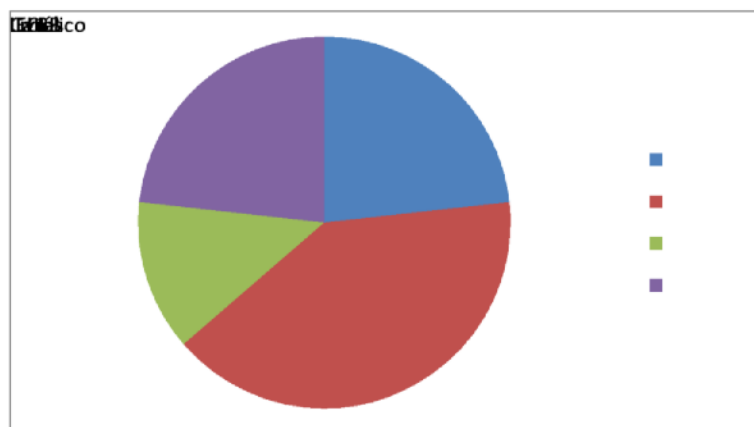


Tabela 3: Distribuição de comunidade zona rural

Fonte: Elaboração própria

No interior, chama atenção a presença de comunidades católicas especialmente nos dois distritos onde foram assentados os primeiros imigrantes pomeranos (o segundo e quarto distritos) com apenas uma em cada. No quinto distrito, há também apenas uma comunidade católica, porém é uma região com grandes latifúndios e, conseqüentemente, com uma baixa densidade populacional, mas com forte presença pomerana. A Tabela 4 apresenta a distribuição de comunidades católicas por distrito, considerando uma totalidade de treze comunidades assim distribuídas: 1º Distrito, quatro comunidades; 3º, 6º e 7º Distritos, duas comunidades cada; 2º, 4º e 5º Distritos, uma comunidade cada.

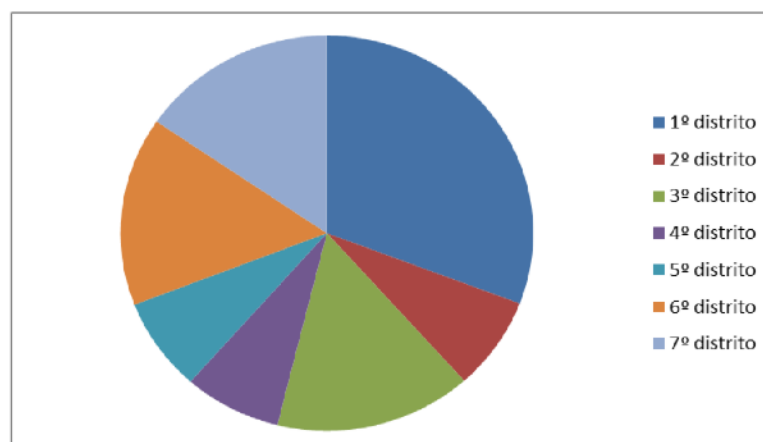


Tabela 4: Comunidades católicas por distrito

Fonte: Elaboração própria.

Importante ressaltar também que o 1º Distrito, local da primeira sede do município, então pertencente à cidade de Pelotas, a vila do Boqueirão, com forte presença de luso-brasileiros, bem como de alemães que eram católicos. A este propósito, Bosenbecker (2020) afirma que “[...] as primeiras picadas, na parte central da colônia, foram abertas entre 1858 e 1865, entre elas encontram-se: a Picada Moinhos e a Picada das Antas, depois a Picada Boa Vista – um importante entreposto comercial” (BOSENBECKER, 2020, p. 58-59).

Além disso, o 6º Distrito foi o berço da colonização, local com o monumento e restos mortais de Jacob Rheingantz (Picada Moinhos), além da Boa Vista, com a presença de imigrantes alemães e católicos. Conforme já registrado, os primeiros imigrantes a se estabelecer na colônia eram na maioria alemães. Assim sendo, das treze comunidades católicas do interior, seis estão localizadas em regiões onde os pomeranos (se existiam) eram minoria. A Tabela 5 ilustra as comunidades católicas por distrito.

Distritos	Comunidades
1º Distrito	4
2º Distrito	1
3º Distrito	2
4º Distrito	1
5º Distrito	1
6º Distrito	2
7º Distrito	2

Tabela 5: Comunidades católicas por distrito

Elaboração própria

Em relação às congregações da IELB existentes no interior do município, na sua totalidade as sete comunidades estão localizadas no 2º, 4º e 6º Distritos. Sendo que nos distritos restantes não foram encontradas a presença de nenhuma.

Para este trabalho não foi pesquisado o número de membros de cada comunidade, bem como a quantidade de adeptos de cada entidade religiosa. Porém, entendo que como exposto acima, demonstra uma tendência sobre as preferências religiosas dos descendentes de pomeranos.

4.8 Religiosidade e crenças

Inicialmente, este projeto terá enfoque nas crenças e os chamados ciclos de vida e a sua relação com o povo pomerano. Será um trabalho com os quatro momentos especiais espiritualmente, quando ocorrem manifestações de credices por parte dos descendentes desse povo, a saber: o batismo, a confirmação, o casamento e o sepultamento, os chamados ritos de passagem. Necessário assinalar a respeito dos ritos de passagem e a relação com os pomeranos, pois:

A vida [do pomerano típico], em relação ao seu universo sagrado, é compartimentada, as suas fases são devidamente demarcadas por ritos de passagem, nos quais os ritos mágicos, consequência lógica e ativa das representações ou crenças mágicas que se fazem ubiquamente presente nos rituais cúlticos cristão-luteranos, segundo os padrões IECLB, em muitos casos não possuem o devido consentimento ou conhecimento da Igreja. É este aspecto ubíquo que faz com que a realidade sagrada popular e oficial se misture, sendo impossível separá-los sem que ambos sofram danos (CUNHA, 2010, p. 258).

Convém ressaltar que, de acordo com Cunha (2010), os pastores, sejam lá de qual religião façam parte, abominam algumas manifestações dos pomeranos nos ritos de passagem, os quais serão abordados a seguir. Da mesma forma, serão tratadas as crenças e superstições relativas a curas milagrosas, curandeiras e benzeduras tradicionalmente utilizadas.

Após, como complemento do trabalho, serão discutidas algumas tradições e manifestações na vida dos pomeranos. Darei enfoque sobre benzeduras, superstições, as tradicionais festas de comunidades, os feriados respeitados pelos pomeranos, os corais e, finalizarei, com uma abordagem sobre os pastores. Falando sobre esses temas, creio que a proposta de trabalho ficará completa.

4.8.1 Batismo

O batismo é o primeiro momento em comunidade da criança, ocasião em que esta é apresentada em uma cerimônia dentro do templo e, nesse momento, ela é aceita pela comunidade. Para Droogers (1984) “o batismo pode ser interpretado, como a integração definitiva da criança na vida normal” (DROOGERS, 1984, p. 54). Nos depoimentos colhidos durante a pesquisa, foi feita uma constatação: os batismos das crianças pomeranas aconteciam, normalmente, na casa dos pais ou avós. Atualmente, salvo condições de exceção

como o batismo de um bebê que corre risco de morte, a cerimônia acontece sempre no templo da comunidade onde os pais são membros. Segundo o sítio oficial da IELB, o batismo é uma cerimônia realizada pela Igreja Cristã por ordem de Cristo. Acrescenta-se que o batismo não é simplesmente jogar água em alguém, mas é a água que está ligada com a palavra de Deus, a ordem de Jesus Cristo.

Na IECLB é praxe, antes da cerimônia de batismo, uma palestra batismal com a participação de pais e padrinhos da criança a ser batizada. Essa palestra na verdade é um pré-requisito para a realização da cerimônia, momento íntimo no qual os pais e os padrinhos assumem o compromisso do ente batizado perante a comunidade. Quando um recém-nascido estava debilitado e com risco de óbito, os batismos eram realizados emergencialmente com padrinhos escolhidos às pressas. Com relação a estes, sua escolha era de fundamental importância. A alta taxa de mortalidade durante o parto, grande maioria deles realizados por parteiras, os padrinhos eram escolhidos também como aquelas pessoas que poderiam criar o recém-nascido, caso este ficasse órfão. Sem a presença da mãe, uma madrinha assumia os cuidados da criança.

O pastor Odacir Biindchen, responsável pelas comunidades da IELB em São Lourenço do Sul, Turuçu e Quevedos lembrou que em casos de doenças, pestes e epidemias (ou pandemias), os padrinhos também eram escolhidos com a intenção de assumir seus afilhados em caso da morte dos pais. Hoje, porém, os critérios de escolha variam desde uma homenagem a parentes e amigos mais próximos e, mais particularmente, até a escolha de pessoas abastadas economicamente.

Rölke (2016) afirma que existia a crença de que as virtudes do padrinho eram transferidas para a criança. No entanto, os padrinhos também eram (e ainda são) responsáveis pela condução da criança para a pia batismal, especialmente para uma preservação dos valores espirituais. Não são raros os casos de pais que conduzem o filho para o altar. Uma tradição antiga que ia além da escolha do padrinho ou da madrinha era que, como forma de homenagem, os nomes destes constassem no registro da criança. Assim, é comum encontrar nos cemitérios onde estão sepultados pomeranos, lápides com nomes como Gustav Phillip Heinrich ou Anna Wilhelmina Henriette.

Atualmente, algumas comunidades têm como exigência de pré-requisito para o batismo a participação de pais e padrinhos em uma palestra batismal, a qual normalmente é realizada pelo pastor. Nessa preleção são destacados os papéis de pais e padrinhos com o pequeno que será batizado. Em grande parte das comunidades há a exigência de um número mínimo de padrinhos que sejam membros de comunidades luteranas.

Outro hábito bastante comum dos padrinhos era presentear o afilhado com a chamada *Pätzezzel*, isto é, uma “carta de padrinho/madrinha”. Tratava-se de um impresso com um verso religioso, acondicionado em um envelope e guardado em uma caixinha que continha além do nome do afilhado, o do padrinho. Era inserida à mão a data de nascimento e de batismo da criança. Este costume ainda é bastante presente, especialmente nas comunidades do interior. Junto a essa carta eram incluídos objetos como grãos de feijão e milho, penas de aves, pedaços de tecido, agulhas, entre outros objetos. Em alguns casos ainda era praxe a colocação de uma cédula de maior valor vigente no país. Os artefatos colocados nessa lembrança eram definidos conforme o sexo do batizado, sendo agulhas e tecido preferencialmente para as meninas.



Figura 3: Lembrança de Batismo – 1933

Fonte: Acervo pessoal

Em algumas comunidades, durante o batismo observa-se ainda o hábito da criança passar pelo colo de todos os padrinhos e madrinhas, situação que, muitas vezes, causa o choro do batizado, por estranhar a situação. Este é um hábito que alguns pastores procuram evitar, para deixar a criança mais à vontade nos braços de sua mãe, a fim de evitar o choro dos pequenos. Na Figura 3 está um *Pätzezzel*, onde é possível observar duas datas: o nascimento, em 18 de setembro e o batismo, em 5 de fevereiro.

Sobre as chamadas lembranças de batismo e a crença com relação ao significado dos objetos colocados, Rölke (2016) disserta que:

Dentro do envelope dessa carta, ou lembrança do batismo, colocavam-se objetos que trariam sorte para a criança. Assim, era comum colocar grãos de feijão, de milho, café e outras sementes, para que o afilhado tivesse sorte no plantio e na colheita. A crina de cavalo deveria assegurar sorte no trato com cavalos. Um pouco de terra deveria assegurar sorte para aquisição de terra própria. A pena de galinha deveria assegurar sorte na criação destas. A pena de ganso era símbolo para o conforto e proteção, pois as penas de ganso eram usadas para a confecção dos “penões”, um tipo de edredon de penas. Agulha e linha asseguravam à afilhada ser uma boa costureira, quando adulta. Dinheiro deveria assegurar riqueza. Enfim, todos os objetos deveriam assegurar sorte no futuro dos afilhados (RÖLKE, 2016, p. 574).

Ainda hoje é uma tradição presente nos batismos, porém não mais em língua alemã, que são guardadas como uma recordação.

Constatou-se durante as entrevistas realizadas, que no batismo havia uma forte presença de crenças e tradições observadas. O Pastor Reneu Prediger IECLB, da Paróquia da Boa Vista, falou sobre a importância da água do batismo, considerada especial, se não mágica. A sobra da água usada no batismo era engarrafada e guardada pela família do batizado. Quando a criança ficava enferma, esta água era oferecida na crença de que seria a cura do mal. Weingärtner (2014) discorre sobre e as dificuldades dos imigrantes com a falta de assistência:

Quando os imigrantes chegaram às localidades para as quais foram direcionados pelo império ou por companhias de imigração e assumiram suas colônias na mata virgem, geralmente em toda a cercania não havia médico, farmacêutico, parteira, pastor e professor. Em tudo eles dependiam de autoajuda e da ajuda de vizinhos (WEINGÄRTNER, 2014, p. 16).

Nesses casos, na tentativa de solucionar o problema, apelava-se para a magia e para as crendices. No entanto, não é correto atribuir apenas a falta de condições nos tempos antigos, para lançar mão de algumas “soluções mágicas”. O pastor Breno Dietrich, aposentado pela IECLB, hoje atuando em comunidades livres, afirmou que é hábito até hoje a tentativa de engarrafar e guardar a água do batismo do bebê. Acrescentou, ainda, que dentro das suas possibilidades tenta evitar tal situação, jogando a água fora antes que os pais tenham acesso a ela. Sobre essa questão, uma das entrevistadas, a professora Ilaine Hörnke Zehtmeyer, disse que em sua comunidade os membros desejavam que cada criança fosse batizada com água própria para, assim, guardá-la e que os padrinhos no dia do batismo do afilhado não podiam (ou não deveriam) trabalhar.

O mesmo pastor Breno relatou uma situação curiosa em uma cerimônia de batismo: três crianças seriam batizadas, duas do sexo masculino e uma do sexo feminino. O pai da menina solicitou ao pastor que ela fosse batizada antes dos meninos. Foi perguntado o porquê do pedido, porém o pai não respondeu. Posteriormente, em conversas com membros da

comunidade, o pastor descobriu que existe a crença de que se a menina for batizada depois de um menino, ela ficará com barba e bigode. Essa situação foi contornada com a pandemia, sendo realizados batismos de forma individual.

4.8.2 Confirmação

A Confirmação dos jovens luteranos é uma cerimônia que se equipara à Primeira Comunhão na Igreja Católica. Porém, para os jovens, principalmente do interior do município, acaba se transformando em um marco divisório nas suas vidas. Apesar da idade (os jovens são confirmados geralmente entre 14 e 15 anos de idade) significa a passagem da adolescência para a fase adulta.

Conforme depoimento da senhora Flora Timm Bergmann, quando precisou sair do interior para estudar em um internato em Pelotas teve que, primeiramente, ser confirmada, pois na sua época de adolescente só poderia sair de casa se já tivesse passado por essa etapa religiosa. Pela necessidade do estudo, ela acabou sendo confirmada precocemente e com apenas outro confirmando, já que aconteceu fora das datas que tradicionalmente aconteciam as Confirmações. Dessa forma, Flora foi confirmada aos 12 anos de idade.

Flora também lembrou que “após a Confirmação os jovens podiam ir aos bailes, festas, fumar e beber e no interior era comum, após a Confirmação, os jovens não mais frequentar a escola e trabalhar na lavoura com os pais”. A entrevistada afirmou que o seu Ensino Confirmatório acontecia de quinze em quinze dias e era em língua alemã. Nesse sentido, o casal Erno e Selma Krumreich também lembrou que tiveram seu Ensino Confirmatório na língua alemã, assim como o culto de Confirmação (1970) foi todo naquela língua.

O processo de Confirmação, se assim pode-se denominar, inicia dois anos antes da cerimônia. Os jovens, a partir dos 11 anos, normalmente ingressam no Ensino Confirmatório para estudar em um período de 24 meses. Nestes dois anos, conforme o Portal Luteranos IECLB, com uma carga de no mínimo 50 horas, os confirmandos participam de encontros, cursos, seminários e retiros. Estão habilitados para preparar os confirmandos, catequistas, pastores e membros sob a orientação deste, devidamente incumbidos da tarefa.

Algumas semanas antes da Cerimônia de Confirmação, os jovens são submetidos a uma prova oral dos conhecimentos adquiridos durante o Ensino Confirmatório. Antigamente esta prova era realizada em um culto e perante a comunidade, porém atualmente acontece

somente diante dos pais e padrinhos do confirmando. Em determinadas comunidades esta prova de conhecimentos adquiridos, inclusive, poderia acontecer no mesmo dia da Confirmação ou, até mesmo, nem acontecer.

Obviamente que este verdadeiro teste de conhecimentos não tinha por objetivo reprovar os jovens, mas apenas servir para averiguar seu aprendizado durante o curso. Necessário ressaltar que o tempo de duração do Ensino Confirmatório varia dependendo da igreja, IELB, IECLB ou comunidade livre. Pelo menos na IECLB, décadas atrás, dava-se importância especialmente à memorização dos Dez Mandamentos e o Catecismo de Martinho Lutero.

A senhora Selma Radtke Klumb relatou que o seu Ensino Confirmatório foi com pastor alemão, Phillip Lorsch, o qual teve de deixar o país e voltar para a Alemanha no período de hostilização dos alemães durante a Segunda Guerra Mundial. Os temas ensinados, lembrou ela, eram o Pai Nosso, os Dez Mandamentos e o Credo Apostólico e que antes da Confirmação todos participavam de uma prova oral. Quem não respondia corretamente às questões não era confirmado.

Já o senhor Hilbert Wendler, pertencente a uma congregação da IELB em Bom Jesus (Comunidade São Pedro), afirmou que o seu Ensino Confirmatório durou meio ano. O motivo, segundo ele, era que durante os cinco primeiros anos na escola, Wendler teve ensino religioso relacionado ao Ensino Confirmatório, o que diminuiu sobremaneira o tempo de preparação. Ele também lembrou que o professor e pastor (era o mesmo) rígido na cobrança de tarefas, caso estas não fossem cumpridas a contento, os estudantes ou confirmandos estavam sujeitos a apanhar com uma vara de marmelo. Hilbert, afirmou inclusive que esta prática aconteceu até os primeiros anos da década de 1970.

O Dia da Confirmação, pelo seu significado para o jovem (e para os pais) é um momento de festa, devido a importância na vida do adolescente e sua mudança de status. Dessa forma, a partir da Confirmação, os jovens estão liberados para beber, fumar, participar de festas e bailes e, habilitados a serem padrinhos também. Segundo Röhlke (2016),

Rapazes geralmente usavam terno e gravata no dia da Confirmação, e as meninas vestido e sapatos brancos. O traje já denuncia a compreensão desse rito: começa agora uma nova fase, onde se participa da vida adulta. Terno e vestido branco já indicavam a próxima etapa da vida, o casamento. Para muitos rapazes e moças, este dia era o primeiro na vida em que se usava sapato ou uma roupa melhor. Após o culto, que por vezes durava até 4 ou mais horas, ia-se para casa, onde acontecia um fausto almoço de conagração com vizinhos, madrinhas e padrinhos. Era muito comum confirmandos receberem, nesse dia, de presente uma Bíblia ou um hinário. Até então se usava a Bíblia da família (RÖHLKE, 2016, p. 576).

Muitas vezes, os pais eram motivo de crítica dos pastores, justamente por dar mais importância à questão da festa, ao banquete, fotógrafo e à filmagem do que a Confirmação propriamente dita, com todo o seu significado e sua relevância. Além, é claro, da indumentária dos filhos.

O Dia da Confirmação também era uma data especial, pois era a primeira vez que estes jovens tomariam a Santa Ceia, já que esta não era permitida para não confirmados. Hoje em algumas comunidades esta determinação não é mais observada, sendo a Santa Ceia liberada inclusive para as crianças. Em outras comunidades, por motivo do número de confirmandos ser alto, optou-se por dividir as turmas e a Cerimônia de Confirmação acontece em mais de um dia, evitando com isso o prolongamento do culto. A Cerimônia de Confirmação não tem uma data definida para acontecer, mas normalmente é realizada no segundo semestre do ano, porém não é regra e depende de cada comunidade e do andamento do Ensino Confirmatório.

A Confirmação, principalmente no interior do município onde os pais trabalham na lavoura, era aguardada com expectativa, pois significava um marco também na questão da educação. No entanto, a realidade era que depois da Confirmação os jovens abandonavam os estudos e se dedicavam aos trabalhos agrícolas, fato que até hoje não é raro. Dessa maneira, servia de acréscimo de mão de obra na lavoura familiar.

Sobre o abandono da escola após a Confirmação, destaca-se que as próprias comunidades, se não eram contrárias, pelo menos não apoiavam a continuidade da permanência dos jovens nas escolas. Como é possível constatar, além disso, também a dificuldade dos jovens em seguir seus estudos por vários motivos, entre os quais a falta de escolas no interior, a precariedade do transporte combinada também com a situação financeira de muitos pais que não podiam arcar com os custos do transporte ou com a permanência de seus filhos na cidade. Conforme Romig (2021),

Percebe-se que principalmente entre os anos 1938 e 1971, e estendendo-se inclusive em anos posteriores, mas com menor intensidade, que a sequência escolar não era vista com bons olhos pela comunidade, nem mesmo essa continuidade era possível devido ao fato de não existir escolas que ofertavam o ensino secundário na zona rural, pois, conseqüentemente, aqueles que desejavam seguir seus estudos deveriam abandonar a vida na agricultura e seguir sua vida no meio urbano. Existiam algumas exceções em que as famílias permitiam que os filhos estudassem na cidade, mas isso para profissões mais específicas, direcionadas para a cultura e religiosidade, como a profissão de pastor, por exemplo (ROMING, 2021, p. 23).

Dessa maneira, também segundo a autora, esses eram fatores para a não priorização pelos pais do prosseguimento dos estudos dos filhos. Além disso, havia também a

constituição precoce da família pelas moças e rapazes, por considerar a falta de outras perspectivas. Nas pesquisas realizadas através das entrevistas se observam vários casos de casamentos, especialmente de mulheres com idade entre 17 e 18 anos, uma característica desse período, não mais constatado na atualidade.

Abaixo, na Figura 4, está uma lembrança ou certidão de Confirmação, fornecido pela comunidade. O documento é entregue ao confirmando pelo pastor por ocasião da Cerimônia de Confirmação. Esta formalidade acontece em um culto específico para este fim e cada confirmando é chamado ao altar para, juntamente com pais e padrinhos, dar o seu sim perante a comunidade ali reunida.

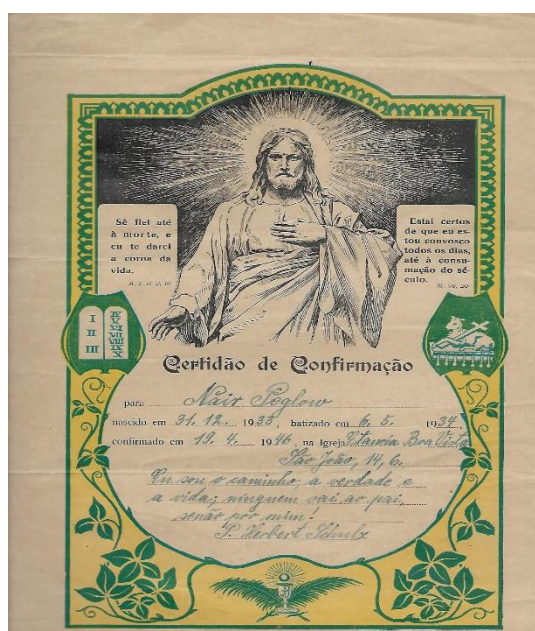


Figura 4: Certificado de Confirmação
Fonte: Acervo pessoal

Algumas observações em relação a figura acima: nela constam a data de nascimento do confirmando, data de batismo e a data de confirmação. Vê-se também um versículo da Bíblia, o qual normalmente é escolhido pelo confirmando e a assinatura do pastor. Conforme as datas presentes no documento, esta jovem foi confirmada com pouco mais de 12 anos de idade, o que parece ser uma realidade para a época. Abaixo, uma foto de confirmados, os irmãos Botho e Adelaide Schievelbein nos anos de 1940, ambos segurando uma Bíblia, normalmente uma tradição no dia da confirmação.



Figura 5: Confirmandos anos de 1940

Fonte: Marla Thiel

4.8.3 Casamento

O casamento certamente é o maior e mais movimentado rito, sendo de grande importância para parte dos pomeranos. Esta celebração movimenta uma comunidade inteira, com a participação da vizinhança, especialmente na festa que sucede a cerimônia religiosa. Ela marca uma mudança, quando duas pessoas normalmente saem da casa paterna para formar um novo lar, uma forma de independência de sua família, isto é, uma nova vida a dois e dependendo de si próprios para seu sustento. Para Maltzahn (2011)

A união de duas pessoas em geral envolve uma coletividade. Para os pomeranos estudados, o enlace matrimonial é a síntese entre um ato individual e uma coletividade, pois proporciona o entrelaçamento de duas famílias. O ritual de casamento faz parte de uma nova etapa da vida, constituindo-se no momento que se inicia um novo ciclo de vida, a formação de sua própria família. O ritual de casamento é um ritual de passagem, que opera uma mudança de status social (MALTZAHN, 2011, p. 72).

As bodas nas comunidades, especialmente no interior, acabam transformando-se em um acontecimento social, envolvendo as famílias dos noivos e também amigos e vizinhos. Durante as semanas que antecedem ao matrimônio, há muito trabalho na preparação da celebração e os pomeranos não medem esforços e gastos para que a festa seja exitosa.

O casamento é sinônimo de constituição de uma nova família, de um novo lar, exigindo para tanto, especialmente para os pomeranos, uma casa, um pedaço de terra e tudo que era necessário para poder viabilizar esta união, incluindo máquinas e equipamentos para

que os recém-casados tivessem condições de produzir o seu sustento. A tradição manda que normalmente um dos filhos fique na casa paterna para cuidar dos pais. Com o casamento, a noiva passa a morar com outra família, o que causa certo impacto, ao abandonar a casa paterna e conviver com a família do noivo. Cunha (2010) afirma que

O casamento entre os pomeranos é, portanto, um evento que encena a desorganização e reorganização de estruturas familiares, óbvio que esse é um desarranjo controlado de modo que o grupo não caia no caos, mas que também a reestrutura, acrescentando um novo núcleo familiar ao grupo (CUNHA, 2010, p. 172).

Parte final de um processo, que normalmente começa com o namoro e depois de muitos bailes a dois, o casamento também passava por algumas etapas anteriores, uma delas incluíam a visita do rapaz à casa da moça, candidata à esposa. A partir daí o relacionamento começava a tornar-se sério. Ao decidir pelo casamento, o jovem partia para a formalização, acompanhado normalmente de seus pais, para a solicitação e a definição de data. Posteriormente, era feita uma visita ao pastor para oficializar a data da cerimônia.

No casamento de pomeranos destaca-se a valorização da cerimônia religiosa. Isso pode ser certificado ao se comparar a presença inferior de convidados da cerimônia civil. Normalmente essa etapa conta simplesmente com os pais dos noivos e testemunhas. Em contrapartida, na cerimônia religiosa o normal é ter a igreja lotada.

Uma tradição pomerana que não se vê mais pela região com certeza é a presença do convidador, o chamado *Hochzeitsbitter*. Como o nome já diz, este tinha a função de levar o convite de casamento para as famílias. Com chapéu e vestes adornadas com fitas e ramos de ciprestes, ele levava também uma garrafa de aguardente. Segundo Rölke (2016), o *Hochzeitsbitter* chegava, andava em círculos, declamava alguns versos convidando a família para o casamento em questão, passava a garrafa de aguardente ao dono da casa para beber um gole, recebia alguns trocados e ia embora.

O casamento no interior do município sempre conta com a colaboração dos vizinhos mais próximos. Estes ajudam com a doação de alimentos, animais para abate, manteiga e produtos produzidos em casa fazem parte (ou faziam) da tradição dos pomeranos. Mas não fica só nisso: o trabalho de elaboração, seja do almoço, café ou jantar, sempre contam com o trabalho dos vizinhos, seja para assar o churrasco, fazer a tradicional sopa de galinha (com massa) e os acompanhamentos, além do café. Hoje muitas dessas tradições não são mais vistas, pois existem profissionais especializados nesses serviços, desde a preparação da comida até a limpeza da louça. Entretanto, em muitas festas de casamento o trabalho é

comunitário e os vizinhos são protagonistas. A divisão das despesas da festa é comum entre os pais dos noivos. Muitas vezes, um paga a comida e, o outro, arca com as bebidas.

A cerimônia de casamento típica pomerana, especialmente na colônia, inicia com o culto religioso na parte da manhã. A partir daí, a saída dos noivos da igreja, puxados pela bandinha, que os conduz ao salão para receberem os cumprimentos e os presentes - que poderiam ser substituídos por dinheiro, como forma de ajuda financeira ao novo casal. Após, começa o banquete, sempre farto em festejos pomeranos: sopa de galinha de entrada, visto que é um componente que não pode faltar. Rölke (2016) explica que no

Casamento nunca podia faltar a carne de galinha, pois ela tinha uma simbologia especial. A galinha solta em torno da casa sempre denunciava aproximação de elementos ou coisas estranhas através do seu cacarejar. Ingerir carne de galinha no casamento significava dentro da religiosidade wendes-pomerana, que todos os convidados interiorizavam a percepção da galinha para denunciar qualquer tipo de ameaça que porventura quisesse se aproximar do casal para atrapalhar o matrimônio. Além dessa simbologia, esperava-se também que os noivos, ingerindo esta carne, pudessem sempre “cacarejar” de alegria e felicidade em sua vida matrimonial (RÖLKE, 2016, p. 579).

Nos casamentos de descendentes de pomeranos a fartura é uma das características. Um casamento que acontece pela manhã, depois da cerimônia religiosa e dos cumprimentos, começa a comilança, com sopa de galinha e mocotó ou um caldo de legumes e carne. Em seguida, o almoço com churrasco, seguido da sobremesa. No meio da tarde, depois de muita bebida e música, tem o café. Não um café qualquer, mas praticamente um café colonial com muita diversidade. A celebração avança pela noite, com a festa do bolo, onde a noiva dança com os convidados e, em alguns casos, os convidados pegam um número e colocam dinheiro em um prato, arrecadando o valor em prol dos noivos. Depois de terminada a dança, a noiva sorteia um número e o sorteado recebe de brinde um bolo.

Especialmente no interior, em algumas comunidades, depois da fila de cumprimentos aos noivos, existe uma caixa com o objetivo de ser depositada alguma quantia em dinheiro, pois muitas famílias costumam colaborar financeiramente com os noivos. Décadas atrás, nas festas de casamento na zona rural, as festividades costumavam acontecer na casa do pai da noiva. Porém, com a construção de salões junto às comunidades, agora as festas de casamento ocorrem nesses ambientes. Esta era uma tradição presente até os anos de 1970, quando praticamente desapareceu. Na Figura 6, observa-se um convite de casamento ocorrido no ano de 1961, confirmando a realidade da época.

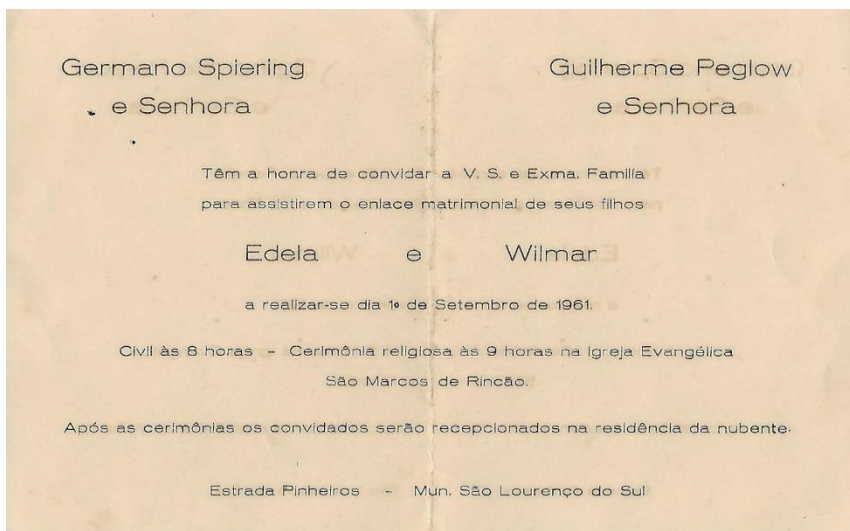


Figura 6: Convite de Casamento
Fonte: Acervo pessoal

Como podemos verificar no ano de 1961 a cerimônia de casamento civil e religioso já aconteciam na igreja. Porém, a recepção e a festa ainda aconteciam na residência da noiva.

Outra tradição, não mais tão comum, é o segundo dia de festa. Normalmente era o dia em que as pessoas mais próximas dos noivos participavam de um almoço com o que sobrava da festa. Era também uma forma de agradecimento, convidar a todos aqueles que ajudaram no dia anterior, na cozinha, na copa e no churrasco. Não rara era a participação de uma bandinha e até mesmo contava com a presença dos recém-casados, com direito a danças.

Uma das mais intrigantes tradições que vieram com os primeiros imigrantes pomeranos ao Brasil foi o casamento das noivas vestindo preto. Até os anos de 1940 ainda aconteciam casamentos na região da Serra dos Tapes com as noivas trajando vestido negro ao invés do tradicional branco, atualmente em uso, que simbolizaria a pureza. Durante a pesquisa houve o empenho para encontrar uma resposta para o uso do preto por parte da noiva por ocasião do casamento. Foram encontradas algumas versões sobre o tema, porém nenhuma conclusiva para explicar a tradição. Para Rölke (2016)

A tradição da cor preta tem a ver com os costumes da Alemanha. Indicam-se para dois: geralmente os casamentos aconteciam depois da colheita, isto é, já no início do outono, quando a temperatura já podia cair consideravelmente. A cor preta absorvia melhor o sol, esquentando mais sobre o corpo. O segundo costume tinha a ver com a questão religiosa. A cor preta simbolizava respeito diante do momento religioso na igreja (RÖLKE, 2016, p. 579).

Já para Seibel (2021), mencionando o professor Dr. Wilhelm Wachholz, cita outros três motivos para a noiva pomerana casar vestida de preto. O primeiro deles seria que o preto era a cor utilizada no luto e, assim, lembrando a mulher, maternidade e morte, ligadas

especialmente nos séculos passados, provavelmente, devido à escassa oferta de médicos. O segundo motivo representaria a morte social da noiva, sua separação da família e o ingresso em outra. E, por fim, o terceiro, seria porque essa cor de roupa era a mais acessível da época e, além disso, possibilitaria o reuso do vestido em outras ocasiões. Considerando que na época não existia fatura de roupas em um guarda roupa. Esta versão seria bem plausível.

Hammes (2014) acrescenta ainda outra hipótese para o uso do vestido preto pelas noivas: a possibilidade ou a lenda não comprovada do direito do senhor feudal, durante a Idade Média a desfrutar a primeira noite, das moças, no âmbito de seus domínios. Assim, como forma de luto, a noiva vestia a cor preta. Não se sabe se efetivamente na região onde viviam os pomeranos existia tal “lei”. O autor afirma que cronistas dos séculos XVIII e XIX tenham sofrido influências ao escrever sobre o tema, lembrando a possibilidade de isso realmente ter acontecido em alguns países da Europa.



Figura 7: Casamento com noiva de preto.

Fonte: Marla Thiel

Na opinião do entrevistado, advogado, pesquisador e escritor Jairo Scholl Costa, todas as versões podem ser verdadeiras, considerando sua razoabilidade. Porém, é importante lembrar que nenhuma das versões é confirmada por estudos, daí a necessidade de se ter cautela na afirmação definitiva do motivo da adoção do preto pelas noivas pomeranas. Aliás, Jairo lançou um livro no dia 8 de abril de 2022 tratando exatamente sobre o tema, sob o título “As noivas de preto”. Trata-se, segundo ele, de um trabalho misto de pesquisa e de romance. Acima (Figura 7) está uma fotografia de casamento com a noiva vestindo preto (quinta da direita para a esquerda sentada na primeira fila de pessoas adultas, atrás das crianças).

Nas entrevistas realizadas para a coleta de informações, é importante lembrar que apenas uma pessoa referiu-se a esta questão sobre a vestimenta da noiva. A professora aposentada Ilaine Hörnke Zehetmeyer declarou que sua avó casou-se vestida de preto.

Sem concluir a causa ou as causas, convém mencionar uma realidade significativa na Pomerânia dos ancestrais e o relacionamento de submissão com o senhor latifundiário. De acordo com Dreher (2014)

A servidão era a mais completa e se estendia também à sexualidade dos servos. Os servos não podiam namorar, noivar e casar sem o consentimento dos senhores. Os pastores que dessem validade, através de bênção matrimonial, à união dos servos sem o consentimento do senhor incorriam em penas e multas. Também não estavam autorizados a batizar os filhos dos servos sem o consentimento do senhor. Não existia liberdade de ir e vir. Como, no entanto, aconteciam uniões sem o conhecimento dos senhores, especialmente em épocas de guerra, houve a necessidade de se estabelecer a quem pertenciam os filhos gerados a partir dessas uniões, quando os pais eram oriundos de propriedades distintas: os filhos eram propriedade do senhor do pai. Exceção são os casos em que a criança tem pai desconhecido. Filho de pai desconhecido passa a ser servo do proprietário da mãe (DREHER, 2014, p. 32).

Ainda, segundo o autor, estas resoluções compõem a Parte Segunda do Código Territorial de Mecklenburg intitulado “Dos camponeses e de sua servidão e administração”, o qual entrou em vigor no dia 14 de novembro de 1654.

Não deixa de ser um paradoxo o registro de Hammes (2010) mostrando casamentos na Renânia, região da Alemanha, da Espanha na localidade de Córdoba ou de ascendentes de renanos no interior de São Lourenço do Sul com as noivas vestidas de preto. Importante lembrar que a Renânia é um dos 16 estados da Alemanha e sem ligação nenhuma com a Pomerânia. Talvez corroborando todas as versões aqui registradas como verdadeiras, conforme a região.

Em pesquisa no pioneiro *Kirchenbuch der Deutschen Evangelischen Gemeinde*, a partir de 1896, chegou-se a uma interessante conclusão: a abertura, em 1896, de livro de registros de batismo, confirmações, casamentos e sepultamentos, pertencente à Comunidade Evangélica de Confissão Luterana São Lourenço do Sul, da IECLB.

A análise concentrou-se sobre os registros de casamentos, especialmente os realizados na comunidade citada. O recorte pesquisado compreendeu casamentos a partir do ano de 1935 até fevereiro de 2022. Não foi pesquisado antes do ano de 1935 uma vez que os registros simplesmente eram feitos por ano, pois não constava o dia nem o mês do matrimônio, inviabilizando assim períodos anteriores.

Após a consulta, contabilizou-se um total de 911 casamentos realizados pelos diversos pastores que passaram pela comunidade, hoje com cerca de 850 membros. A

pergunta para a qual se desejava uma resposta era: os pomeranos casam no mês de agosto? A resposta, depois de pesquisar os quatro livros de registro no período, foi interessante. Porém, é preciso ressaltar que entre o livro que deu início aos registros e o livro número dois, há uma lacuna entre 1965 a 1968 que estão sem apontamentos. Não se sabe as causas. Já entre o livro número dois e o de número três, também não consta registros no ano de 1979. Abaixo, na Tabela 6, os dados da pesquisa nos quatro livros.

Livro	Período	Casamentos	Agosto
1	1935-1964	188	0
2	1969-1978	159	0
3	1980-2004	404	7
4	2004-2022	160	0
Total		911	7

Tabela 6: Casamentos
Elaboração própria

Analisando os números, chegou-se a um percentual de apenas 0,76% para casamentos realizados no mês de agosto nesta comunidade, localizada no centro da cidade e, em número de membros, seguramente a maior do município.

Como estes números são significativos, resolveu-se pesquisar mais algumas comunidades e seus registros de casamento para que se tivessem dados mais conclusivos, saindo da área urbana e se voltando à zona rural. Com regiões onde existe grande densidade de população pomerana, caso do 4º distrito na comunidade de Bom Jesus II, do 6º distrito Quevedos e Boa Vista e do 7º distrito nas comunidades de Picada Feliz e Canta Galo. A Tabela 7 traz os números da pesquisa de casamentos em comunidades da Paróquia Boa Vista.

Comunidade	Período	Casamentos	Agosto
Bom Jesus II	1964-2010	152	1
Quevedos	1965-2017	149	6
Boa Vista	1968-2019	144	2
Picada Feliz	1986-2018	50	0
Cantagalo	1971-2017	83	2
Total		578	11

Tabela 7: Casamentos em comunidades da Paróquia Boa Vista
Elaboração própria

Nesta paróquia foi possível reforçar a tese de que os pomeranos rejeitam casar no mês de agosto. O percentual de casamentos realizados no mês, apesar de ser o dobro da Comunidade Evangélica de São Lourenço do Sul (1,9%), confirma isso. Resolveu-se avançar um pouco na pesquisa e analisar o livro de registro de casamentos da Paróquia São Lourenço pertencente a Igreja Católica, entre os anos de 1935 até 1954. Foram 497 casamentos registrados com apenas 16 casamentos celebrados no mês de agosto, isto é, 3,2%. Significa dizer, para encerrar a questão que a rejeição ao casamento no mês de agosto, que não é privilégio dos pomeranos, mas dos lourencianos no geral, sem distinção de religião ou origem.

Em depoimento, a senhora Selma Radtke Klumb, com 90 anos completados em setembro de 2021, a respeito de outra questão muito comum, especialmente na primeira metade do século XX e que se estendeu pelo menos até a década de 70, relatou a rixa entre católicos e luteranos (que eram denominados protestantes), a ponto de muitas famílias permanecerem durante anos, ou até mesmo a vida inteira sem se falar. Dona Selma lembrou que seu pai proibiu o namoro dos filhos com jovens de religião católica. Contou que em casos de união de pessoas de religiões diferentes, a cerimônia religiosa sequer acontecia. Além disso, o casal normalmente não se tornava adepto a nenhuma das comunidades. Até hoje existem casais, os quais cada um frequenta uma igreja diferente. A senhora Selma também afirmou que padres e pastores fomentavam a rixa assumida pelos membros das comunidades em alguns momentos de forma crítica e radical.

4.8.4 Morte e Sepultamento

Religião e morte sempre foram temáticas ligadas entre si na vida dos pomeranos. Morte é sinônimo de despedida, fim de um ciclo e, muitas vezes, início de outro. Especialmente quando da morte do patriarca ou matriarca da família trazia consigo consequências, às vezes não muito positivas, como é o caso de questões de partilha, por exemplo. A morte também acaba sendo dramática, quando alguém decide abreviar a sua vida com o suicídio. Talvez uma maneira de fugir dos problemas, mas a “solução” impacta quem fica.

A alta taxa de suicídios entre descendentes de pomeranos foi tema de pesquisa no estado do Espírito Santo. Nesse estudo, os autores pesquisaram boletins de ocorrência entre os

anos de 2001 e 2007 no município de Santa Maria do Jetibá. Concluíram que foram 11,4 tentativas de suicídio por ano, quase uma por mês (POTRATZ; COSTA; JARDIM, 2015, p. 165). Em São Lourenço do Sul, os suicídios não são incomuns e normalmente os suicidas utilizam como *modus operandi* o enforcamento.

Não raro nos sepultamentos de pomeranos ouvem-se expressões como “foi Deus que quis assim” ou “foi vontade de Deus”. Segundo Ambroziak e Manske (2021), a religião, religiosidade, crenças e rituais sempre desempenham um papel de destaque na interpretação e sentido da morte. Igualmente, o envolvimento do pastor na doença, na agonia e, finalmente, no sepultamento. A visita de alguém aos acamados é bastante comum, bem como é normal oferecer a Santa Ceia aqueles que estão moribundos.

O ciclo acaba com a morte, as cerimônias de sepultamento e, para finalizar, com o culto de agradecimento. O momento conta com a família enlutada reunida, o pastor lembra o ente querido falecido, além de proferir palavras de consolo baseadas na Bíblia. A partir daí, a relação com os entes queridos mortos normalmente continua com visitas aos cemitérios, sendo o ápice o dia de Finados, 2 de novembro, inclusive com cultos. O hábito atual é investir em túmulos de mármore e granito, ao contrário dos túmulos antigos bem menos adornados.

Antigamente, as mortes de familiares eram cercadas de rituais, pois o suspiro final do moribundo acontecia no seu leito, cercado por seus entes queridos e, às vezes, com a presença do pastor. Porém, com o passar do tempo, essa situação ficou cada vez menos frequente até não ocorrer mais, visto que os falecimentos acontecem quase sempre em hospitais, segundo Ambroziak e Manske (2021). Com isso, os ritos de despedida praticamente não são mais vistos e pouco acontecem.

Com relação aos costumes manifestados antes, durante e depois do sepultamento, Röhlke (2016) lembra que:

Relógios eram parados na hora da morte e espelhos eram cobertos com panos. O relógio era parado para que a comunidade convidada para o sepultamento pudesse conferir o horário exato da morte. Mas também carregava a simbologia de mostrar que agora se partia para a eternidade, onde não havia mais a preocupação com a medida do tempo (RÖHLKE, 2016, p. 583).

Referindo-se ao espelho, o autor afirma ser um instrumento da vaidade humana e que ao ser coberto evitava uma possível “tentação” do falecido de mirar-se nele. Também era uma tradição o banho no leito de morte e a preocupação em onde descartar a água usada, evitando que alguém pisasse nela. A toalha usada para secar o defunto também era posta no caixão e enterrada com ele.

Nos depoimentos coletados, alguns hábitos por ocasião da morte de pessoas no interior do município foram lembrados por Dulce Eichholz Holz. Ela relatou que um emissário a cavalo comunicava um falecimento e que uma pessoa jamais era sepultada com menos de 24 horas decorridas de sua morte. Esse é um costume ainda observado na região. Dulce contou também que na saída do caixão para o cemitério, as cadeiras que o apoiavam eram todas colocadas com o assento para baixo. Relembrou, também, que as crianças falecidas sem batismo eram sepultadas somente após o pôr do sol.

A professora Ilaine Hörnke Zehetmeyer comentou sobre pertences que acompanhavam o morto no caixão: documentos, bíblia, hinário, livros, relógios (talvez isso explique casos de túmulos profanados). Ilaine também relatou que os órgãos extirpados do corpo do falecido e conservados em álcool acompanhavam o cadáver. Diga-se de passagem, guardar órgãos como um apêndice, como exemplo, era uma tradição. O pastor Reneu Prediguer mencionou que outro hábito era colocar os medicamentos que o morto tomava junto no caixão. Esses ritos aconteciam na tentativa da família em mostrar aos presentes como o falecido era bem cuidado. Segundo Granzow (2009), “após o término do enterro, as ferramentas usadas (pás e enxadas) eram jogadas simultaneamente sobre a sepultura. Se a enxada ficasse por cima, o próximo a falecer seria um homem, se a pá ficasse por cima, o próximo a falecer seria uma mulher” (GRANZOW, 2009, p. 36).

Röhlke (2016) cita também o hábito de colocar, inclusive, dinheiro e certidões dentro do caixão e, dessa forma, muitas histórias acabaram sendo enterradas com o morto. Os velórios, especialmente no interior, sempre aconteciam na casa do falecido e a tradição mandava que a família oferecesse um café para as pessoas que participavam da cerimônia fúnebre. Deveria ser ofertado a todos, independente de quem morasse longe ou próximo da casa enlutada. A senhora Flora Timm Bergmann relatou que às vezes era uma situação constrangedora, enquanto uns choravam a perda do ente querido, outros participavam do café, muitas vezes, às risadas.

Outra questão importante de se ressaltar é de quase a totalidade das comunidades luteranas, principalmente no interior do município, terem seu cemitério próprio onde o membro ou sócio falecido pode ser sepultado (para o sepultamento, exige-se que a família do morto esteja em dia na tesouraria). Ainda em relação aos cemitérios próprios nas comunidades, assim se refere Dreher (2014)

O problema voltava, porém quando aconteciam óbitos. Não havia cemitérios públicos. Os existentes pertenciam a irmandades, paróquias haviam, sido bentos por autoridade eclesiástica. Cristãos dissidentes não podiam ser neles sepultados. Só a primeira constituição republicana, de 1891, veio a mudar a questão, quando

considerou públicos os cemitérios. Por isso, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Espírito Santo, resolveu-se a questão instalando cemitério ao lado da capela. Em São Paulo surgiram os cemitérios do campo (DREHER, 2014, p. 207).

Atualmente, uma comunidade luterana típica do interior do município é composta de um templo, um salão e um cemitério. Este é tão importante que no presbitério tem uma pessoa encarregada de zelar por ele. Hoje já existe, sinal dos tempos, comunidades inclusive com capela funerária, com o objetivo de evitar velórios no salão.

Uma das tradições para avisar a comunidade da morte de algum membro é o ato de repicar dos sinos. Comunidades, principalmente na zona urbana, já aboliram tal prática desde os anos de 1970, especialmente na comunidade da IECLB. Porém, na zona rural do município ainda é uma prática bastante comum. O toque no sino não é o mesmo que acontece antes e depois dos cultos. O pastor Reneu Prediger lembrou que o bater do sino ainda é frequente no interior do município em caso de anúncio de morte, bem como para avisar o sepultamento do membro, respeitando as devidas diferenças, dependendo da comunidade.

Segundo Prediger, pastor da Paróquia da Boa Vista, da IECLB, no anúncio de morte o sino bate e aguarda-se que o som se propague e se perca para acontecer nova batida, totalmente diferente do repicar rotineiro. Na comunidade de Quevedos, o repicar do sino é feito no chão, puxando e segurando a corda. Na de Bom Jesus II, região de grande densidade de pomeranos, quando o corpo é levado para o cemitério (normalmente o velório é realizado no salão da comunidade, ao lado da igreja), soa o sino, porém com a batida normal.

O pastor Prediger afirmou que, em uma comunidade no interior de Taquara (Padilha) onde atuou, eram utilizados três sinos para anúncio de morte: o pequeno, para a morte de criança, o médio para o de uma pessoa adulta e o grande era para aviso da morte de um idoso.

Já o senhor Erno Krumreich, da comunidade livre São Paulo de Quevedos, que inclusive é o sineiro há 15 anos, lembrou que a tradição do uso do sino para o anúncio da morte de algum membro ainda acontece, com batidas diferentes para adultos e crianças. Para adultos o sino bate de 1 a 12 em ordem crescente e depois de 12 a 1 em decrescente. Assim, o sino soa 156 vezes, enquanto para crianças, as batidas diminuem: são de 1 a 6 e de 6 a 1, e as batidas alertam toda a comunidade da perda de um associado.

Dessa maneira, pode-se afirmar também que um sepultamento, mesmo que seja um momento de extrema tristeza, pranto e despedida, não deixa de ter um significado de evento social, especialmente para as pessoas idosas, que praticamente só saem de suas casas para acontecimentos como um velório e sepultamento. Também é a ocasião de rever pessoas há muito tempo não vistas, de botar as conversas em dia. Isto porque é o tipo de evento que

reúne não só a comunidade local, pois há pessoas que se deslocam de grandes distâncias para participar do funeral e do último adeus ao ente querido. Durante a cerimônia, onde não são incomuns os reencontros, inclusive há momentos com piadas e gargalhadas. Pode-se afirmar, assim, que o próprio sepultamento acaba como acontecimento social, respeitando a devida seriedade.

No entanto, existe uma situação de morte em que os rituais de velório, cortejo e sepultamento acabam ocorrendo de uma maneira totalmente diferente e dramática: o suicídio. Por significar uma interrupção normal da vida, mas também de uma morte não convencional, o suicídio era visto com reservas e preocupação pelos pomeranos. Aliás, era uma forma de acabar com a própria vida por conta de momentos difíceis, por dívidas financeiras ou problemas familiares que acabavam levando a uma depressão. Entretanto, também existem outras hipóteses como causas de suicídios, pois:

[...] entre as razões possíveis para os índices tão altos, menciona o uso indiscriminado dos pesticidas e herbicidas em plantações, disseminação dos agrotóxicos e adubos químicos pelos rios, mas também a existência de uma forte linha limítrofe étnica entre pomeranos e demais habitantes do lugar (AMBROZIAK, MANSKE, 2021, p. 132).

Segundo as autoras, por se tratar de uma morte repentina e violenta, o suicídio traz grande sofrimento aos que ficam ainda submetidos a questionamentos de membros da comunidade. Por ser uma opção pessoal e radical, em algumas comunidades o sepultamento de um suicida tinha alguns procedimentos diferenciados em relação a um sepultamento por morte natural.

O pastor Leandro Böhlke falou sobre características importantes dos pomeranos, contribuindo inclusive para a decisão de tirar a própria vida: normalmente são pessoas reservadas, que guardam os problemas para si. Com isso, a própria família é pega de surpresa com a atitude suicida. Ele chamou a atenção também para uma realidade que tem se tornado comum no interior, na colônia, como o uso de drogas, inclusive a cocaína, sendo motivo de contendas que acabam com decisões extremas.

Ambroziak e Manske (2021) dissertam sobre a morte e as suas mais variadas explicações e os procedimentos relativos ao rito de sepultamento.

A morte foi sempre assinalada pelos ritos de passagem – cerimônias religiosas ou mágicas, cujas variações e sentidos dependiam a causa do falecimento e da sua interpretação coletiva (doença, acidente, vontade de Deus, suicídio, bruxaria), que decidiam sobre o tratamento do corpo do defunto (AMBROZIAK, MANSKE, 2021, p. 118).

Assim, procedimentos como o trajeto do cortejo fúnebre, entrada no cemitério e até o sentido de orientação da sepultura de um suicida eram modificados em relação a uma cerimônia comum. Ressalta-se que a entrada do caixão do suicida no cemitério não passava pelo portão e este era sepultado em um local separado. Essas tradições com o tempo praticamente desapareceram nas comunidades, porém os sinais ainda estão presentes nos cemitérios.

O senhor Arno Gehrke, um dos entrevistados, também recordou que antigamente as crianças que morriam sem ser batizadas não tinham velório e a grande maioria dos cemitérios luteranos, especialmente no interior do município, nos primórdios sepultavam as crianças em local separado do cemitério. Importante também mencionar as manifestações pela perda de pessoas próximas, visto que não muito tempo atrás, era bastante comum nos pomeranos a manifestação do luto. Lembro-me de minha mãe que, no início dos anos de 1970, após o falecimento de minha avó materna passou um ano inteiro vestindo somente preto, cinza e branco e isso era absolutamente normal naquela época.

Os parentes mais distantes costumavam utilizar um fumo preto no casaco ou no vestido. Além da questão da indumentária negra, a vida social dos familiares modificava radicalmente. Não participavam de bailes nem festas e, muito menos, ouvia-se música por pelo menos um ano. Essa era a forma de “respeitar” o luto.

O casal Erno e Selma Krumreich relatou que no período de luto observado pelos pomeranos, o ato de ligar o rádio não era permitido. Assim, na perda de pais ou filhos o luto era de um ano. Já para avós ou netos o luto durava seis meses, enquanto para tios e sobrinhos observava-se o período de três meses de luto. Cabe ressaltar que esta tradição foi sendo deixada de lado e acabando com o tempo, sendo ainda praticada por pessoas mais antigas.

4.9 Benzeduras

Como já vimos anteriormente, os primeiros imigrantes oriundos do norte da Alemanha a chegar ao Brasil, especificamente da Pomerânia, foram simplesmente entregues à sua própria sorte. Sem estradas, casas, igreja, pastores e carente de médicos para atendimentos, desde uma simples dor de cabeça até a realização de partos, socorro de acidentes, picadas de cobras e doenças triviais. A prática de benzeduras, crença de proteção em “cartas celestiais”, provavelmente, tem suas origens nos primórdios desse povo, quando o paganismo imperava na antiga Pomerânia.

Benzer sempre foi uma questão um pouco delicada na relação entre os membros de uma comunidade e os pastores. Estes ligam as benzeduras às superstições e sugerem que a solução de problemas sejam doenças ou problemas psicomentais, as quais devem ser resolvidas através da ciência. Isso não significa que os colonos renegassem a ciência, principalmente nos primórdios, quando não se tinha uma oferta de profissionais da saúde. Para Röhlke (2016)

Não é fácil dizer o que é benzedura. Na compreensão da comunidade, a palavra benzedura é usada para caracterizar diversos e variados fenômenos. Pode ser alguém que, de posse de um livro de medicina, ajuda os seus vizinhos com alguns conhecimentos adquiridos na leitura desse livro. Pode ser a vovó, que recebeu da mãe fórmulas de oração, sempre terminadas com a fórmula trinitária e que curam certos males. Pode ser o vizinho, que diz possuir o dom de explicar por que o gado está doente. Enfim, por benzedura entende-se a prática em que pessoas procuram oferecer solução para problemas de saúde, onde a medicina acadêmica está ausente (RÖHLKE, 2016, p. 591).

Também é possível que os colonos tenham utilizado desses expedientes devido ao seu quase abandono por parte das autoridades brasileiras, especialmente durante o século XIX. Conforme Weingärtner (2014)

Quando os imigrantes chegaram às localidades para as quais foram direcionados pelo Império ou por companhias de imigração e assumiram suas colônias na mata virgem, geralmente em toda cercania não havia médico, farmacêutico, parteira, pastor e professor. Em tudo dependiam de autoajuda e da ajuda de vizinhos (WEINGÄRTNER, 2014, p. 16).

O autor prossegue relatando que os imigrantes trouxeram de sua antiga pátria, entre outras coisas, amuletos e fórmulas de benzeduras, comprovando ser uma prática cultural.

Instigado pelo trabalho das benzedadeiras, resolvi visitar uma e tentar um depoimento. O pastor Reneu Prediguer, por conhecer a região, sugeriu uma moradora, residente na localidade de Quevedos no 6º Distrito do município, muito próximo da Paróquia Evangélica da Boa Vista.

A estrada, em péssimas condições, mal dá para circular um carro. Longas e profundas valetas fazem com que a parte inferior do motor constantemente raspe no chão. A casa é cercada de bambuzais e outras árvores. O pátio, cheio de aves como galinhas, marrecos, patos, gansos e perus. Ao lado da porta, uma placa de aviso com dias e horários de atendimento, conforme fotografia abaixo (Figura 8), omitindo o nome da benzedeira, doravante chamada de A.M.H .



Figura 8: Horários de atendimento da benzedeira

Fonte: Acervo pessoal

O silêncio do local foi quebrado com as nossas palmas, chamando a atenção. Por uma abertura muito pequena de uma janela o rosto de uma senhora muito desconfiada, indagando o que desejávamos. Após a identificação, respondeu para esperar um pouco, pois precisava terminar uma tarefa já iniciada. Na parte da tarde precisaria ir ao velório de um parente.

Fomos atendidos e sentamos exatamente na sala onde A.M.H. atende seus clientes. Pareceu, a todo o momento, desconfiada, sem sabermos a causa. A senhora esclareceu que atende e trabalha com seus clientes sempre em nome de Deus, juntando e elevando suas mãos para o alto (isso no período em que estivemos lá, por pelo menos umas sete vezes).

Depois de esclarecido o objetivo de nossa presença, começamos com a entrevista propriamente dita. A.M.H. informou que atende de sessenta a cento e vinte pessoas por dia, dentro do horário exposto no quadro acima. Mencionou que recebe pessoas de vários municípios da região, como Camaquã, Cristal, Canguçu e Rio Grande, entre outros. Entre seus serviços estão limpezas, curativos, massagens, rezas e orações. Tudo sempre em nome de Deus.

Questionada sobre quais males ela trata, A.M.H. disse que entre eles o “vermelhão”, o “quebranto”, “mal do sol”, “mal do fígado”, além de “cobreiro” e “sapinho”. Enfim, pelo seu relato tivemos a impressão de que ela trata de todas as moléstias. Sobre as cobranças financeiras, a benzedeira afirmou que não cobra de ninguém e que cada um (se quiser) dá o que quer e pode. No entanto, atendimentos fora de hora, na quarta-feira, seu dia de folga, a cobrança segundo ela, é de “cinquenta reais por cabeça”. Na imagem abaixo (Figura 9), um

pouco do sincretismo religioso e talvez no que ela acredita (ocultando a imagem de familiares de A.M.H), está sua sala de atendimento.



Figura 9: Altar da benzedeira

Fonte: Acervo pessoal

Agora, falarei um pouco das origens da benzedeira. A senhora A.M.H. nos contou ser filha de pai pomerano e mãe de origem alemã. Que a prática de benzedura veio da Europa trazida pelo seu bisavô e que ela herdou os conhecimentos de seu pai. Porém, informou que tem 72 anos de idade e não deve passar a prática adiante, pois suas filhas não desejam seguir seus passos. Ela relatou que as suas orações, por ocasião das benzeduras, são todas em alemão e que as filhas não falam a língua. Referiu, também, que utiliza chás para o tratamento de alguns males.

A.M.H. disse ser membro da Comunidade Evangélica São Mateus de Quevedos e que participa dos cultos. Questionada sobre casos que a benzedura não resolve, como por exemplo, fraturas, câncer e outras enfermidades, ela afirmou que quando vê que o caso não é para ela, passa adiante. Confidenciou até que há um médico que encaminha seus pacientes para que ela atenda e já assistiu, inclusive, casos de pessoas com bicheira, devido a falta de higiene em casa. Disse que durante todo o período de pandemia atendeu sem máscara, pois tinha problemas com elas. Ao assinar o termo de consentimento, muito desconfiada, se recusou a informar qualquer número de documento, pois, segundo ela, isso “pode me complicar”. Por esse motivo, optou-se por omitir o nome por extenso da entrevistada.

Com relação aos males tratados pela benzedeira entrevistada, decidiu-se pesquisar aquelas enfermidades mais comuns denominadas popularmente de “sapinho” e “cobreiro”, as

quais eram uma das causas frequentes de procura pelos pais para o atendimento de benzeduras. Para tanto, serviu de base à literatura médica a fim de entender um pouco dessas moléstias. Conforme Ferreira (2005), Lago (2016), Lopes (2007), e Oliveira (2011), a candidíase oral vulgarmente, conhecida por “sapinho”, é uma manifestação clínica causada por um fungo, chamado de *Cândida*, que se aproveita de organismos debilitados e desenvolve-se em ambientes quentes e úmidos.

A moléstia acontece normalmente na região das fraldas em recém-nascidos até 30 dias e lactentes até os dois anos de idade, com a possibilidade de colonizar o trato gastrointestinal (boca, língua, esôfago, estômago, intestino e até o ânus), além do períneo em suas dobras de pele. Popularmente ouve-se o termo “sapinho recolhido”, doença não presente na literatura médica. O que pode acontecer, em casos de imunidade baixa, desnutrição severa é um caso de fungemia, no qual o fungo acaba alastrando-se por todo o organismo, podendo causar inclusive a meningite. Esses casos extremos são raros.

Com relação ao “cobreiro”, segundo as publicações médicas, trata-se de uma infecção viral caracterizada por manifestações na pele. A faixa etária em que ela mais se manifesta é a de 1 a 4 anos, ocorrendo mais comumente no inverno e na primavera. Denominada cientificamente como varicela zoster, a infecção viral primária é aguda e altamente contagiosa. Em crianças é uma doença geralmente benigna e autolimitada, o que significa dizer que a cura acontece de maneira espontânea no período de uma a três semanas. Terminado o ciclo da doença, o vírus não abandona o organismo, ficando de forma latente nos gânglios sensoriais.

A questão da falta de assistência médica ou de infraestrutura, bem como a de falta de estradas e meios de transportes, isoladamente, não podem ser consideradas como a única explicação para o uso de benzeduras pelos pomeranos. Outra entrevistada, I.P.B., de 79 anos, afirmou ter utilizado os préstimos de uma benzedeira para curar seus quatro filhos acometidos de “sapinho”. Os episódios ocorreram nas décadas de 1960 e 1970, quando a oferta de atendimento médico já existia com maior abundância. Ou seja, a questão de fé, de crença e a transmissão dos costumes de pais para filhos devem ser levadas em consideração.

A mesma I.P.B. também contou que o seu pai tinha o hábito de benzeduras. Porém, não com humanos, mas com gado bovino. Benzia animais que porventura estivessem com ferimento com bicheiras. A senhora afirmou categoricamente que funcionava: “ele era meu avô, e por muitas vezes vi, quando criança, praticando benzedura no gado. Desconheço que tenha perdido algum animal em razão disso”.

A benzedura de animais aguçou minha curiosidade. Por isso, resolvi conversar também com uma pessoa que trabalha com esta prática, o senhor Wilmar Peglow. Filho de pai e mãe descendente de pomeranos e, segundo ele, o legado de benzedura em animais lhe foi passado por seu pai Guilherme Alberto Peglow e por sua avó paterna, a senhora Bertha Lutz. O senhor Wilmar além de benzeduras, combatendo bicheiras em animais, também possui uma que afasta os temporais e vendavais, sendo elas de origem estritamente familiar. Além disso, recordou que todo ano ele buscava um parente distante que morava longe da propriedade de seu pai para benzer as plantações de arroz e milho contra a praga de lagartas, em tempos em que não existiam os agrotóxicos.

4.10 Superstições

Uma das mais conhecidas superstições trazidas pelos imigrantes da Europa foram a carta do céu, *himmels brief* ou a *schutz brief*, a carta de proteção, trazendo um conteúdo com fé cristã e magia. São impressos que, segundo a crença, dão proteção ao seu portador, livrando-o de todos os males e curando caso tenha uma enfermidade. Segundo Weingärtner (2014), estas cartas foram encontradas na desmontagem de uma estrebaria centenária debaixo de cochos de alimentação do gado na tentativa de estender a proteção aos animais. Na verdade são amuletos utilizados para fins de proteção. Normalmente em língua alemã, vieram trazidos pelos primeiros imigrantes datadas, no mínimo, do século XVIII, contendo algumas publicações inclusive mais antigas. Além dessas cartas de proteção não se pode deixar de lembrar também os livros de orações fortes, o Sexto e Sétimo livros de Moisés e amuletos diversos, dentre os quais se destaca um utilizado nos partos. Esse amuleto manuscrito era colocado no ventre da parturiente para dar tudo certo.

As cartas de proteção, escritas em língua alemã, ainda existem à venda em mercados e comércios no interior do município. Foram encontradas, também, no decorrer desta pesquisa, cartas de proteção com tradução para o português. Uma de nossas entrevistadas, a senhora Flora Timm Bergmann contou que seu pai tinha uma venda com alguns quartos à disposição para a internação de grávidas em vias de dar a luz. Nesse estabelecimento atendia um médico, o qual repreendia as grávidas, pois estas chegavam para fazer o parto portando sua carta de proteção, colocando-as debaixo do travesseiro. Flora mencionou que o médico perguntava para a gestante: “Quer que o seu filho nasça? Então tira essa carta debaixo do

travesseiro!”. Abaixo (Figura 10) está a parte da frente de uma carta de proteção, a carta celeste.



Figura 10: Himmels-Brief
Fonte: Acervo pessoal

Os pomeranos são ricos em superstições no seu dia a dia. Colocar a vassoura em pé atrás da porta indica que se deseja a saída da visita de casa. Já varrer a casa à noite e direto para a rua, a tradição diz que assim a sorte vai embora. Lembro-me de minha mãe, quando havia um temporal cobria os espelhos. Não manuseava utensílios de aço tipo tesouras, agulhas ou facas enquanto a tormenta não se afastava. Afirmava que estes objetos atraíam os raios. A entrevistada Dulce Eichholz Holz lembrou também que era proibido mudar salsa, a planta, pois segundo a crença, se isso acontecesse, morreria alguém da família.

Uma coisa que chama a atenção ainda em algumas comunidades e que em outras já deixou de acontecer é a questão de homens e mulheres estarem em lados separados na igreja. Na comunidade evangélica de São Lourenço do Sul, por exemplo, até os anos de 1970 os homens utilizavam os bancos do lado direito da igreja, enquanto as mulheres, os bancos do lado esquerdo. Uma das explicações para este costume seria pelo motivo que antes do pessoal adentrar a igreja a conversa fluía separadamente entre homens, com seus assuntos de trabalho e, as mulheres, com seus temas domésticos. Dessa forma, seguiriam assim dentro da igreja antes do começo do culto. Porém, não se tem uma explicação lógica nem definitiva para a questão. O fato é que essa ainda é uma realidade em algumas comunidades pelo interior do município.

O pastor Reneu Prediger entende que algumas manifestações acabam acontecendo de forma automática, com as pessoas sequer tendo conhecimento da motivação ou se preocupam em procurar a razão para tal fato. Ou seja, fazem porque os pais faziam, os quais aprenderam

com os avós que, conseqüentemente, trouxeram dos bisavôs a manutenção e a continuidade dos ritos e das tradições. Comprovando a questão cultural observada.

4.11 Festas da comunidade

As festas de comunidades sempre foram um acontecimento de integração entre os membros das congregações luteranas. Porém, era o tipo de acontecimento até pelo menos os anos de 1980, os quais serviam para a comemoração de alguma coisa. Um salão comunitário, um sino da igreja ou, até mesmo, servia para angariar fundos para a construção da igreja da comunidade. Uma das mais antigas festas ainda acontece na Comunidade Evangélica de São Lourenço do Sul, a tradicionalíssima Festa da Colheita, com o objetivo primeiro de dar graças à colheita passada. Isso sem dúvida é uma tradição pomerana.

Mas de algumas décadas para cá, as festas de comunidades no interior do município começaram a acontecer anualmente e sempre com o objetivo específico de arrecadar fundos para a manutenção do patrimônio da comunidade e/ou para a realização de novas obras, seja no templo, no salão comunitário, no cemitério e até na capela mortuária. Essas festas cresceram muito nos últimos tempos, acontecendo até uma concorrência de quem fazia o maior festejo (em alguns locais a dimensão da festa era medida pela venda de fardos de cerveja e do número de comunidades presentes). Outro fator que indicava o tamanho da festa era qual a banda que tocava durante a tarde ou em algumas, no baile da noite.

Em certas comunidades, a questão musical, inclusive, acabou sendo abandonada e adotou-se a prática de apresentação de músicas sacras, com músicos e bandas voltadas para o segmento. Outra atração quase sempre presente nas festas é a apresentação de canto corais (isso atrai muita gente). Para ter uma ideia, um coral normalmente reúne pelo menos 25 pessoas na apresentação. Imaginemos dez corais participando da festa, significaria pelo menos 250 pessoas presentes, comendo, bebendo e dando lucro para a festa. Um dos mais antigos convites para festa que se tem conhecimento, data do ano de 1935, mais especificamente do dia 20 de outubro. Trata-se da festa de inauguração da igreja da Comunidade Evangélica de São Lourenço do Sul. Na imagem a seguir (Figura 11) vemos o convite para a referida festa, um exemplar que está fixado na entrada da igreja da comunidade.

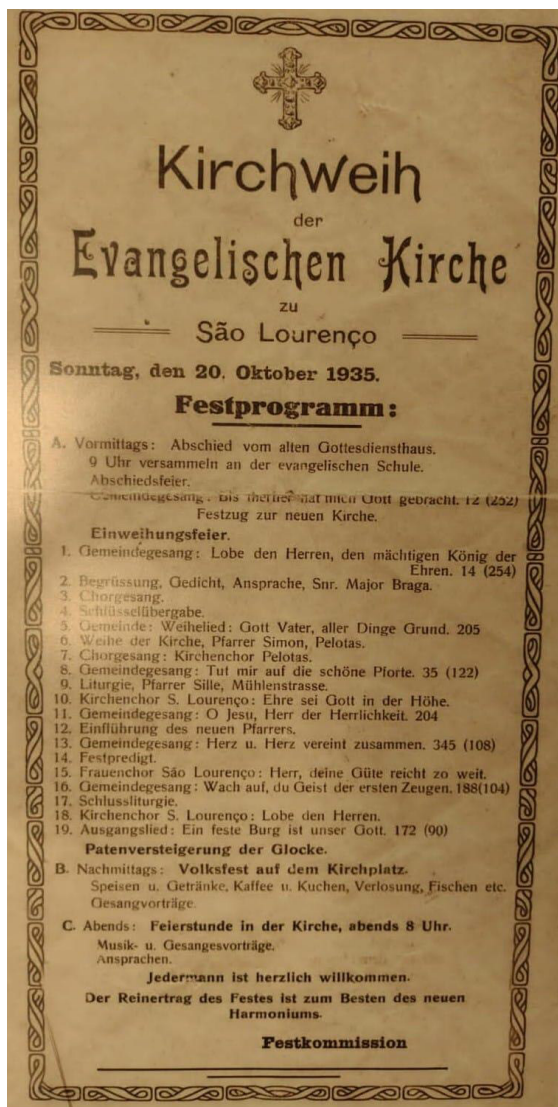


Figura 11: Convite para festa
 Fonte: Acervo pessoal

Como podemos observar, o convite na sua totalidade encontra-se em língua alemã, muito provavelmente o idioma que era utilizado na época. Lembrando que até o final da década de 1950 os pastores desta comunidade ainda eram oriundos da Alemanha.

As festas de comunidade normalmente começam com o culto, considerado pelos pastores como a parte mais importante do evento. Na saída do culto é servido o almoço e durante a parte da tarde serve-se o café, ocorre a apresentações de corais, os jogos, os sorteios, a música de bandinha e (não em todas) finaliza com um baile. Mas em determinadas comunidades a festa é só na parte da tarde, sem a oferta de almoço. Esse acontecimento cresceu tanto entre as comunidades no interior do município que tem até um calendário da realização das festas, para não haver superposição de datas, o que supostamente poderia ofuscar o sucesso de algum evento. Assim, as festas de comunidade acontecem durante todo o

ano, com um breve intervalo na segunda metade do mês de dezembro até início de fevereiro. Na Figura 12 há o exemplo de uma programação desse evento.

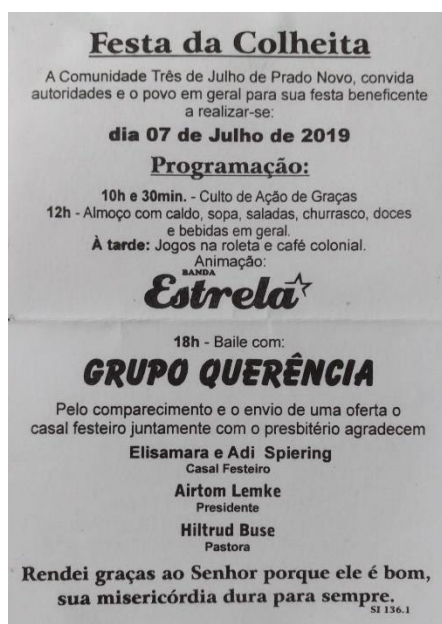


Figura 12: Convite para festa
Fonte: Acervo pessoal

Durante o trabalho de pesquisa um detalhe não passou despercebido: nas congregações da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) as festas praticamente não ocorrem. Segundo o senhor Hilbert Wendler, que faz parte da Congregação São Pedro de Bom Jesus e pertencente à IELB, as festas praticamente não acontecem porque as despesas normalmente são cobertas com a contribuição dos membros.

Aliás, com relação a realização de festas, alguns pastores têm suas reservas e entendem que a parte mais importante do evento é o culto que, em condições normais, precede o restante da programação. Os entrevistados também defenderam a ideia de que as festas e a sua grande expansão também são uma forma de interação e integração das pessoas, pois a tradição no interior do município, as visitas familiares ou de amigos não acontecem como “antigamente”. Assim, esses eventos além dos objetivos acima descritos também estão servindo como uma forma de contato entre as pessoas das diversas comunidades. Importante ressaltar também que com o advento da pandemia, por um longo período as festas (do início de 2020 até o segundo semestre de 2021) simplesmente não aconteceram. De acordo com o senhor Erno Krumreich, as visitas voltaram a acontecer, pois era uma das formas de contato em virtude da proibição de aglomerações pelo poder público.

4.12 Feriados

Especialmente no interior do município, nas regiões onde a presença de pomeranos é predominante, os feriados observados são bastante diversos daquele calendário com datas comemorativas nacionais. Datas como 21 de abril, 12 de outubro, 15 de novembro e até o feriado de Corpus Christi não são seguidas pela maioria dos pomeranos. Em contrapartida os feriados religiosos são, majoritariamente, cumpridos integralmente. Os principais feriados nas colônias pomeranas e com uma forte ligação com as comunidades luteranas existentes é descrito por Baysdorf e Rodrigues (2007).

Os feriados pomeranos se caracterizaram como uma interessante forma de demonstração de autonomia e preservação da etnia. Como pelo fato de serem evangélicos, durante a monarquia, não tinham sequer direitos civis, e com isso, os pomeranos permaneceram sendo cidadãos prussianos e posteriormente alemães, não obtendo a naturalização brasileira. Desta forma, pela sua índole germânica, os pomeranos seguiam os feriados de sua velha pátria, que eram todos feriados religiosos, pois a Alemanha não era um país unificado, não havendo feriados nacionais, como atualmente o 3 de outubro na Alemanha (BAYSDORF; RODRIGUES, 2007, p. 3).

Significa dizer que as datas observadas pelos pomeranos, em especial os feriados religiosos, são uma extensão dos costumes de seus antepassados em sua terra natal.

Podem-se iniciar os resultados da pesquisa falando sobre o segundo dia em algumas comemorações, como a Páscoa, Pentecostes e Natal. Essas datas, em especial na Páscoa e Natal, são dias de visitar os parentes e amigos, mas também de jogar cartas em casa ou nas tradicionais vendas. Em alguns locais chega-se inclusive a observar o terceiro dia, principalmente no Natal. Pela ordem, levando em consideração o ano, verificam-se três datas comemorativas praticadas e, curiosamente, todas elas acontecem sempre no primeiro semestre do ano. Uma explicação para a questão da comemoração do segundo dia seria a dificuldade do pastor em se deslocar pelas comunidades na data específica, em função do difícil acesso dos meios de transporte.

O Bußtag, (a pronúncia é Busstag), é o primeiro feriado comemorado pelos pomeranos depois da Páscoa. O senhor Erno Krumreich referiu que este feriado acontece sempre na quarta-feira, exatamente três semanas e meia após a Páscoa. Erno disse inclusive que nesse dia, a sua comunidade (Comunidade Evangélica São Paulo da localidade, denominada Quevedos II) promove um café beneficente com a participação de membros de comunidades vizinhas. Aliás, existe até um acordo entre comunidades para realizar este tipo

de promoção dependendo do feriado para evitar a concorrência e superposição de datas. Na imagem abaixo, vê-se um convite para o evento que ocorreu no ano de 2022.

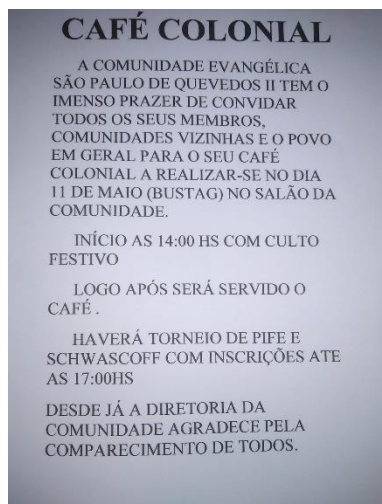


Figura 13: Convite para Café Colonial
Fonte: Acervo pessoal

Como se pode observar, a programação do café colonial planeja seu início com um culto e até jogo de cartas, o qual se estende até a noite, considerando o horário final das inscrições. Lembrando que esta é uma comunidade luterana livre, com o pastor não ligado a nenhuma das três igrejas citadas.

Segundo Baysdorf e Rodrigues (2007), este feriado refere-se a Guerra dos Trinta Anos e a assinatura, em 1648, do Tratado de Westfália. Este acordo, que era composto de onze tratados, foi assinado nos dias 30 de janeiro e 24 de outubro de 1648. Já para o pastor Reneu Prediger, seria na Alemanha o dia do Arrependimento e do Perdão e é comemorado somente na Saxônia, mais exatamente no mês de novembro, pois nos outros estados foi abolido como feriado público em 1995. Hilbert Wendler ressaltou que o Bußtag não faz parte do calendário da igreja cristã alemã, mas trata-se simplesmente de uma “data herança” da Guerra dos Trinta Anos, que começou a ser seguida especialmente pelos pomeranos no século XVII. Essa data possui um significado: o dia da trégua. Conforme Wendler, nos anos 1640 aconteceu uma trégua na guerra, no 24º dia após a Páscoa, daí a explicação para a data não ser fixa, pois tem como referência a Páscoa.

Se o Bußtag é um feriado fora do calendário da igreja cristã, o mesmo não se pode afirmar sobre a Ascensão. Este é um feriado comemorado em algumas cidades de forte presença de descendentes de alemães e pomeranos, tais como Novo Hamburgo e Arroio do Padre. Na secretaria da Comunidade Evangélica de São Lourenço do Sul (IECLB) não existe

expediente neste dia, visto que a data serve para lembrar a subida de Jesus Cristo ao céu, depois de quarenta dias entre os mortais, na Terra. Esse feriado é comemorado sempre em uma quinta-feira, quarenta dias após a Páscoa. Na zona urbana do município a data é praticamente ignorada, exceto nas igrejas, porém no interior do município é dia de folga.

Para finalizar sobre esse tema, (os feriados religiosos observados pelos pomeranos acontecem somente no primeiro semestre) o Pentecostes é uma data lembrada em um domingo, mas que se estende para um segundo dia de comemoração. O referido feriado significa a recordação da descida do Espírito Santo sobre os discípulos, isto é, um domingo com cultos pelas comunidades luteranas. A comemoração acontece cinquenta dias após o domingo de Páscoa e dez dias depois da Ascensão. Como a data de Pentecostes acontece sempre no domingo, os pomeranos costumam prolongar para um segundo dia, na segunda-feira. Na Figura 14 está o convite da OASE da Comunidade Evangélica de Picada Feliz para um café no segundo dia.

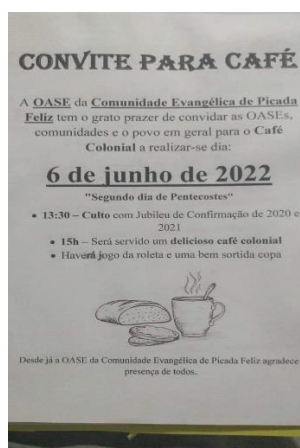


Figura 14: Convite para café
Fonte: Acervo pessoal

Dessa forma, observa-se que a programação normal comemorativa às datas sempre é precedida de um culto e depois o café, além da oferta de bebidas na copa e o tradicional jogo, que pode ser o carteadou ou o rolete. Sendo assim, pode-se afirmar que é quase uma "minifesta" de comunidade.

Os outros feriados que o povo pomerano normalmente segue, além dos acima citados são a Sexta Feira Santa, e Finados, não destacados, considerando que são feriados nacionais e não essencialmente uma tradição pomerana. Porém, lembro que na minha infância nessas datas os pais e avós não permitiam que cantássemos ou ouvíssemos música na rádio, visto que eram dias de reflexão e de silêncio.

4.13 Os corais

O canto coral é uma das muitas tradições que, sem dúvida, vieram com os primeiros imigrantes originários do norte da Europa. Segundo Hammes (2010) “a oração e o canto eram as formas de expressão coletiva dos imigrantes, mesmo nos momentos mais tristes. Inicialmente sozinho, ou em família, o canto constituía-se na maneira mais íntima de demonstrar saudade da pátria-mãe ou afastá-la” (HAMMES, 2010, p. 66). Era uma forma peculiar de se manifestar e também surgiu como uma novidade na região.

O primeiro coral filarmônico que se tem notícia surgiu no interior de São Lourenço do Sul, segundo Iepsen e Silva:

[...] a necessidade de somar forças para enfrentar os desafios da vida dura da colônia, foi fundada em 18 de fevereiro de 1874 na localidade de Picada Moinhos no interior de São Lourenço do Sul a primeira sociedade filarmônica. Era nessa comunidade que residia Jacob Rheingantz, fundador da colônia. Essa filarmônica pioneira foi denominada de Sängerbund, o que significa Federação dos Cantores. Atualmente denomina-se Sociedade Filarmônica Picada Moinhos, e encontra-se ainda em atividade, sendo obviamente a sociedade mais antiga do município (IEPSEN; SILVA, 2016, p. 135).

Ainda no século XIX foram fundados outros corais. A Liedertafel (Canto Orfeônico), atualmente com o nome de Sociedade Filarmônica Três de Maio, foi criada em 22 de agosto de 1891. De acordo com Hammes (2010), em 6 de abril de 1897 foi fundado com o nome de *Schützenverein* Feliz (mit *Gesangsabteilung*), a Sociedade Atiradores Feliz (com Departamento de Canto), atualmente denominada Sociedade Filarmônica Feliz.

Depois disso muitas outras sociedades de canto foram criadas a partir dos primeiros 30 anos do século XX. Muitas acabaram extintas, estando em torno de oito sociedades em atividade hoje. Convém lembrar que todas as sociedades fundadas com nome alemão durante a Segunda Guerra Mundial, foram obrigadas a aporuguesar o nome por uma imposição do governo do então presidente Getúlio Vargas. Depois disso, nenhuma mais retornou ao seu nome original, em língua alemã, permanecendo com seu nome em português mesmo depois das determinações serem afrouxadas no pós-guerra. Infelizmente as sociedades de canto coral hoje padecem de falta de apoio governamental seja no âmbito municipal, estadual ou federal. O próprio encontro de corais, a chamada Festa dos Cantores um evento tradicional no calendário do interior do município não acontece faz anos. A Figura 15 mostra a imagem de um coral, datada dos anos de 1930.



Figura 15: Sociedade de Canto Concórdia - fundada em 1º de janeiro de 1876
Fonte: Acervo pessoal

A Sociedade de canto da imagem acima infelizmente encerrou suas atividades na primeira década do século XXI. Essas sociedades até hoje ainda realizam a tradicional festa dos cantores, quando apresentam uma melodia que é indicada pela organização e outra de livre escolha e, ao final, há a deliberação das melhores interpretações. Estes festejos acontecem sempre no primeiro semestre do ano, normalmente no outono.



Figura 16: Coral Sempre Alegre – Quevedos II
Fonte: Erno Krumreich

Quanto aos corais mistos, com a presença de vozes masculinas e femininas, o mais antigo em atividade é o Coral Sempre Alegre, da localidade de Quevedos II. Este coral, segundo informações do senhor Erno Krumreich, foi fundado em 6 de maio de 1931. Na imagem acima (Figura 16) está o Coral Sempre Alegre, da primeira metade do século XX.

De 1931 até 1977, atendendo a um costume patriarcal trazido pelos imigrantes, no qual somente homens cantavam, aconteceu o concurso de corais que só participavam os orfeônicos. Porém, a partir de 1978 também foi instituído a disputa de corais mistos, junto a alguma comunidade religiosa e é realizado sempre na primavera. Estes são regidos por uma entidade chamada União Cultural e Agrícola.

Com raras exceções, os corais normalmente não são departamento das comunidades, mas os ensaios acontecem, comumente, em salões destas e muitas vezes são confundidos com a própria comunidade de onde são originários. Por isso, pode-se afirmar a ligação direta entre corais e religião. Geralmente os integrantes são denominados sócios, pagam mensalidades e têm direito a participar dos tradicionais bailes. Durante os sepultamentos, os corais são muito solicitados pela comunidade. Essa é uma tradição pomerana, uma espécie de última homenagem ao sócio ou participante do coral, lembrando que nos sepultamentos luteranos o canto faz parte da cerimônia sempre com hinos tristes. Na Figura 17 observa-se a imagem de um tradicional baile de sócios do Coral Sempre Alegre de Quevedos II.



Figura 17: Baile de sócios do Coral Sempre Alegre
Fonte: Erno Krumreich

No entanto, os corais não se apresentam somente em cerimônias fúnebres. A alegria também tem espaço. Em muitas festas de comunidade eles acabam sendo uma das atrações da tarde. Da mesma forma são solicitados para apresentação em cerimônias de batizados, confirmações e casamentos. A grande maioria dos corais apresenta-se nessas condições,

unicamente quando algum sócio está envolvido na cerimônia, outros até se fazem presente para aqueles que não sócios, porém com a cobrança de taxas para a apresentação.

4.14 Os pastores

Os pastores são desde aqueles que se denominam “pseudopastores”, isto é, pessoas sem formação na área teológica, muitos dos quais além de desempenharem o pastorado ainda trabalharam como professores, até aqueles que são graduados em teologia em igrejas luteranas aqui citadas, passando por pastores que vieram da Alemanha e dos Estados Unidos, mesmo que por um curto período para atender uma população carente de guias espirituais. Todos eles foram ou são responsáveis pela manutenção e a preservação de manifestações de religiosidade e fé do povo pomerano que vive no sul do Brasil.

A partir da chegada dos primeiros imigrantes pomeranos e, com a ausência de pastores, a solução foi buscar pessoas que tivessem um mínimo de familiaridade com a função. Gonçalves (2008) disserta que como existia dificuldade em encontrar pastores formados, a comunidade contratava o membro mais “letrado” e acrescenta: “como o governo brasileiro não atendia a reivindicação dos colonos, na maioria das escolas da zona rural, principalmente, o ensino era ministrado em alemão, já que o pastor e o professor, muitas vezes eram a mesma pessoa” (GONÇALVES, 2008, p. 58). Essa situação aconteceu até o final dos anos de 1930.

Ao longo da pesquisa descobriu-se o caso de uma pessoa que desempenhou as duas funções, professor e pastor em uma comunidade, porém não simultaneamente. Trata-se do senhor Guilherme Augusto Bertoldo Krüger. Segundo sua neta, Doralice Meyer, Guilherme trabalhava com seu sogro em um moinho. A partir dos anos de 1920 foi convidado a assumir uma escola na localidade de Bom Jesus II. Lá desempenhou a função até o início da década de 1940, prosseguindo a campanha de nacionalização promovida pelo governo Vargas. Abaixo, Krüger e seus alunos.



Figura 18: Professor e alunos na escola de Bom Jesus II
Fonte: Acervo pessoal

Impedido de prosseguir seu trabalho na área de ensino, Krüger foi convidado pela própria comunidade evangélica luterana da mesma localidade para assumir o pastorado. Isso aconteceu logo depois de sair da escola e o trabalho durou cerca de vinte anos, encerrando seu trabalho nos anos de 1960. Guilherme Augusto Bertoldo Krüger foi homenageado nos anos de 1990 dando o nome a uma escola da localidade onde foi professor, multisseriada, hoje desativada.



Figura 19: Pastor Guilherme Krüger e inauguração do Templo – 1962
Fonte: Acervo pessoal

A foto acima mostra o então pastor Guilherme Krüger na inauguração da nova igreja da Comunidade Evangélica de Bom Jesus Continuação. A partir daí, seguindo as diretrizes da política do Estado Novo, a campanha de nacionalização e aproveitando o ensejo por ocasião da Segunda Guerra Mundial o regime

[...] planejava “erradicar as influências externas” através da assimilação compulsória dos descendentes de imigrantes que se encontravam etnicamente diferenciados. Ela não foi destinada exclusivamente aos teuto-brasileiros, atingindo também outras etnias, e seu propósito era bem específico: abrigar uma população considerada estrangeira, à força se necessário (SEYFERTH, 2003, p. 57).

Conforme já registrado, professores e pastores que ensinavam nas escolas rurais pertencentes às comunidades luteranas foram excluídos do sistema. Também teve início uma perseguição contra os pastores, grande maioria dos quais, originários da Alemanha e que mal dominavam o português. Sobre a perseguição, não se pode deixar de mencionar o que aconteceu durante a ditadura militar, principalmente no final dos anos de 1970 e início de 1980. Sabemos da existência de pelo menos três pastores que atuaram e/ou ainda atuam em São Lourenço do Sul, os quais foram fichados pelo DOPS em razão de suas atividades ou de suas manifestações críticas à realidade política da época. Prédicas com críticas à tortura, aos métodos utilizados contra adversários, relativo a toda a realidade social do período com inflação alta, desemprego e outras consequências da economia que causaram danos às camadas inferiores dos brasileiros, como a fome e a miséria.



Figura 20: Tema da IECLB 1982

Fonte: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/tema-do-ano>

Em pelo menos uma vez, esse mestrando, na época como presidente da Paróquia Evangélica de São Lourenço do Sul presenciou durante uma reunião do presbitério da Comunidade Evangélica de São Lourenço do Sul a revolta de empresários e latifundiários, membros da referida comunidade, contra o seu pastor. A reclamação era contra as prédicas críticas à situação vigente e também uma reflexão sobre o tema do ano da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

O tema, bem como o cartaz da IECLB de 1982 (Figura 20), é instigante e por si só já transmite uma mensagem. Imaginemos isso em pleno período de grandes protestos de agricultores que foram desalojados de seu pedaço de terra para dar lugar a barragens hidroelétricas, jogados ao léu, sem ter sequer uma solução para a sua situação. A arma que esta gente errante utilizava para chamar a atenção chamava-se invasão de terras, escolhidas a dedo, dando preferência para terras improdutivas ou desocupadas. Ouvi nesse dia de reunião pessoas afirmando que este pastor deveria ir para Rondônia trabalhar com índios, entre outras coisas. Era um tema por demais explosivo, em um município onde o conservadorismo ainda impera. Apesar dos protestos, este pastor esteve à frente da comunidade até a primeira década do século XXI, quando assumiu outras funções.

Também há a história de um pastor que no ano de 1979 tomou conhecimento e denunciou a presença de um homem, o qual estava acorrentado na cama no único hospital do interior do município. Com tal situação, o pastor e sua família acabaram sendo perseguidos e sofreram as consequências por causa da atitude do religioso. O episódio é tão traumático para a família até hoje que em respeito ao pedido de um filho do pastor não será citado nenhum nome, exceto da pessoa que estava acorrentada: trata-se de Juarez da Silva, natural de Porto Alegre, contou ao então padre da localidade, que fazia visitas aos doentes internados no hospital. Ao se identificar ao padre (já falecido), contou que cometeu um roubo, foi preso e espancado na delegacia em Porto Alegre e não sabia como havia chegado a São Lourenço do Sul.

O padre então procurou o pastor e resolveram ir ao hospital até o quarto onde estava Juarez e, quando chegaram, o preso não estava mais lá. Isso aconteceu em 15 de outubro de 1979. Exceto as consequências sofridas pelo padre, pastor e familiares, não se sabe o que aconteceu com os responsáveis por trazer um preso a um hospital a duzentos quilômetros da capital, a trinta quilômetros da sede do município. Em consulta na imprensa local não foi encontrada nenhuma referência ao fato.

Para finalizar o trabalho de pesquisa e o tópico sobre os pastores, buscou-se saber um pouco do pastorado exercido por mulheres. Também chamou a atenção outro detalhe da

realidade do município: a quase inexistência de pastores negros. Resolveu-se, então, pesquisar especificamente os casos de duas igrejas de âmbito nacional: a IECLB e a IELB, considerando que são formadores de pastores para atuação nas comunidades pelo Brasil.

A IELB, por meio de seu Instituto Histórico, informou que o primeiro pastor negro formado pela instituição no Brasil foi João José Alves, no ano de 1931, através do Seminário Concórdia, então localizado em Porto Alegre. Ainda segundo as informações do Instituto Histórico da IELB, João José atuou na Congregação Luterana Manoel do Rego de 1932 até 1943. Aliás, esta foi a Congregação que frequentou antes de sua formatura. Após, de 1943 até 1961, ano de seu falecimento, serviu em Pelotas. Ele pregava em três idiomas: em português, alemão e pomerano. Teve artigos publicados em revistas e jornais em português e alemão e serviu à IELB por 29 anos. O Instituto Histórico também informou que o item “cor da pele” não faz parte do cadastro do Seminário e, por isso, não existe um número exato de pastores negros formados e atuantes. Porém, comunicou que não são em grande número. Abaixo, a imagem do Pastor João José Alves.

116. João José Alves



Figura 21: Pastor J. J. Alves
Fonte: Instituto Histórico da IELB

Em relação às mulheres, o Instituto Histórico informou que a Igreja Evangélica Luterana do Brasil não forma pastoras, exatamente por não ter o Ministério Feminino. Já com

a IECLB foi feito contato, porém não se obteve respostas e assim optou-se por fazer uma pesquisa com pastores da região. Primeiramente, quanto aos pastores negros nas Paróquias da Igreja não se tem notícia de nenhum atuando no município de São Lourenço do Sul. Também se pode afirmar que casos na região inteira do Sínodo Sul Riograndense são raros, mas existem. Obviamente que é importante analisar que os próprios adeptos do luteranismo, pelo menos no município de São Lourenço do Sul, os negros são minoria, com comunidades inteiras sem a presença deles. Os negros candidatos ao pastorado da IECLB assim, muito provavelmente, não são em número considerável e talvez mais comumente encontrados fora da região sul do país. Dessa forma, não se pode fazer uma análise conclusiva sobre a questão, até porque este não é o tema fim da pesquisa, mas apenas um tópico que merece reflexão.

Na Paróquia Boa Vista atuou por um tempo um pastor negro chamado Joel Deconthè Júnior, nascido no Rio de Janeiro, hoje como pastor no estado de Minas Gerais, no município de Teófilo Otoni. Com graduação em Teologia, Filosofia, Especialização em Ministério Eclesiástico, mestre e doutor em Filosofia pela Unisinos, exerceu o pastorado na Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Boa Vista, no município de São Lourenço do Sul. Atuou por lá em um curto período, final do ano de 2014 até fins de janeiro de 2015, indicação do então pastor sinodal Dietmar Teske.

Deconthè contou que apesar do curto período de atuação o pessoal, os quais eram majoritariamente alemães e pomeranos, o recebeu muito bem e que em alguns momentos o tema racial estava presente. Sentiu-se acolhido pela comunidade onde um pastor negro, sem dúvida, era uma novidade. Também lembrou e lamentou a baixa presença de pastores negros na IECLB. Relatou que na sua atuação em comunidades luteranas no Rio Grande do Sul chamou sua atenção certo germanismo exacerbado por parte de membros das comunidades e que esse aspecto na cidade mineira onde ele trabalha, Teófilo Otoni, apesar de ter uma origem imigratória germânica, não está presente.

Aliás, sobre a participação de negros em comunidades luteranas, o único registro refere-se a Congregação Manoel do Rego, na localidade de Solidez, município de Canguçu. Segundo Dilza Pôrto Gonçalves (2008), a comunidade foi fundada em 30 de novembro de 1927 e é majoritariamente composta de membros negros. Ainda hoje é conhecida como a “igreja dos negros” ou, ainda, por ter um coral com todos os componentes negros de “aquela igreja que tem coral dos negros”, segundo a autora. Esse coral que até hoje está em atividade é o orgulho de seus membros.

A fundação da congregação está justamente associada à ausência de espaços que pudessem frequentar, já que tinham sido hostilizados na Congregação Redentora da

Solidez. Pertencer a uma associação religiosa colocava-lhes a possibilidade de ascensão no grupo social (GONÇALVES, 2008, p. 99-100).



Figura 22: Comunidade Manoel do Rego
Fonte: Instituto Histórico da IELB

A imagem acima (Figura 22) ilustra a comunidade Manoel do Rego, da localidade de Solidez, em Canguçu, em uma fotografia no ano de 1927. Essa comunidade teve como fundador um pastor alemão.

Já no que diz respeito à atuação das mulheres na IECLB, a participação nas comunidades do Sínodo Sul Rio-Grandense é bastante significativa. No entanto, a entidade teve pastoras atuando em comunidades somente a partir dos anos de 1980. Inclusive, em 2022 a IECLB comemora 40 anos da ordenação da primeira mulher, Edna Moga Ramming, fato ocorrido em novembro de 1982. Segundo o pastor da IECLB, Artur Eugênio Presser, a ordenação está reservada às pessoas a quem foi concedida a autorização oficial do Conselho da Igreja para ministrar os sacramentos (Santa Ceia e Batismo), além do ensino público do Evangelho de Jesus Cristo. A primeira pastora foi Rita Marta Panke, formada na Escola Superior de Teologia, em 1976.

Importante ressaltar que a proposta da pesquisa em nenhum momento foi a questão étnica, nem de gênero nas comunidades luteranas de São Lourenço do Sul. Quando começou a escrever sobre pastores, a ideia inicial era focar um pouco sobre o trabalho e a importância desses segmentos no sentido do fortalecimento da fé dos membros das comunidades. Outro intento foi lembrar um pouco de algo que se pode afirmar, atualmente, que é a questão da perseguição, especialmente na figura daqueles que usam o púlpito com um

olhar social crítico. Como vimos, além das perseguições pelo simples fato de ter um sobrenome diferente e expressar-se em outro idioma, era motivo de um “olhar especial”. Durante a ditadura militar a questão foi outra. Não era permitido expressar sobre fome, miséria, reforma agrária, terra para os despejados para dar lugar a barragens e hidrelétricas. Prisões arbitrárias e tortura, nem pensar. Com direito a fichamento no DOPS e eu presenciei um pouco disso.

Creio ser importante abordar a questão das minorias. O fato da presença de membros negros nas comunidades luteranas no interior pode-se afirmar, com certa convicção, que é quase nula. Situação semelhante também acontece com a formação de pastores negros, uma minoria, como afirmou o nosso entrevistado, o pastor Joel Deconthè Júnior. Quanto à participação das mulheres, apesar de pouco tardia, visto que ocorreu a partir dos anos de 1980, destaca-se a IECLB, onde a participação de pastoras mulheres aparece em um número expressivo. De modo similar, sucede com a participação de mulheres nos presbitérios das comunidades, inclusive no comando destas. Porém, começaram a assumir suas responsabilidades nessa esfera a partir das últimas décadas do século passado, já que até então era uma exclusividade masculina.

5 APLICAÇÃO DO PRODUTO

O trabalho apresentado discorre sobre as manifestações culturais e religiosas do povo pomerano. A pesquisa foi voltada especialmente para a questão da religiosidade, buscando aquilo que os descendentes mantiveram, ou ainda mantém vivo, trazido pelos primeiros imigrantes no século XIX. Conforme a proposta, ouvimos pastores, pessoas que participaram ou ainda participam na gestão das comunidades, pessoas que trabalham com benzeduras e as manifestações de religiosidade desse povo rico em credices e superstições herdadas de seus antepassados. Colheram-se depoimentos de médicos, de escritores, indivíduos que ajudaram a tecer essa colcha de retalhos, relatando um pouco da religiosidade do povo pomerano.

As entrevistas aconteceram com dois médicos, dois escritores, duas pessoas que trabalham com benzeduras, sete pastores, três professoras, um professor, dez membros de comunidades diversas entre IECLB, IELB e comunidade livre e um radialista. Todos trouxeram contribuições importantes para o trabalho, entendendo que possa ser utilizado especialmente como registro da história local nas escolas de São Lourenço do Sul, mas também poderia ser estendido à rede escolar de outros municípios, pois muitos pomeranos depois de um primeiro momento vivendo em São Lourenço do Sul acabaram migrando para cidades vizinhas, na qual Canguçu é reconhecidamente um caso.

Não se afirma que o trabalho foi um resgate, pois entendo que história não se resgata. Nem a memória. Penso, porém, que a palavra mais certa para o trabalho chama-se documentação. Documentar algo que estaria em vias de ser perdido, porque as lembranças, muitas delas, acabam se perdendo com a morte dos antigos. Seja pela falta de interesse de quem poderia ser o próximo a passar adiante, como também por aqueles que sabem e não repassam. Até hoje me culpo por não ter explorado a memória do meu querido avô Guilherme Alberto Peglow, analfabeto, que mal sabia escrever seu nome, mas que sempre nos encheu de orgulho pela sua sabedoria e equilíbrio nas decisões com seus 92 anos bem vividos. No entanto, naquela época eu era escravo do trabalho, um técnico mecânico que vivia e respirava o ofício sete dias por semana. Naquele tempo eu nem sonhava que um dia ainda seria um graduado em Licenciatura em História. Então, não me ocupava em indagar como ele levava as tropas de gado da divisa dos municípios de Cristal e São Lourenço do Sul até Pelotas. Não me interessava saber de todas as peripécias que meu avô e meu bisavô passaram para entregar o gado. Nem mesmo me questionava como faziam para chegar à frente, no final do dia, no local de pousada, garantindo a mangueira para o rebanho, ou então, com quem ele aprendeu a benzer e como ele benzia.

Dessa maneira, não ficaram registradas as lembranças e as memórias foram-se juntas no caixão para o cemitério. Por isso, após vinte anos do falecimento de meu avô, estou aqui fazendo algo que amo. Registrar lembranças, garimpar memórias que estão adormecidas. Lembrar a época em que os descendentes de pomeranos preferiam afirmar que eram “alemães”. Talvez com vergonha (não sei de quê), mas que continuavam a utilizar o pomerano para se comunicar em casa. A vergonha de não falar em alemão ou pomerano na cidade. Presenciei isso muitas vezes, quando estudante, nos anos 1960, no momento em que a Alemanha ainda se recuperava da destruição total pela derrota na guerra. Ouvia-se muito um versinho que dizia “alemão batata, come queijo com barata, caiu da cama, quebrou uma pata”. Não é um trauma, mas apenas relatos de vivências.

Berwaldt e Thum (2019) falam que por causa de um jogo de poder de culturas hegemônicas, houve uma negação da condição de ser pomerano, quando havia a consciência de ser alemão que falava o “dialeto pomerano”. Era a questão do germanismo muito presente no século XIX e primeira metade do século XX. Então, convém lembrar que nesse período as autoridades de segurança, especialmente em tempos de Segunda Guerra Mundial, acabaram confundindo germanismo, que nada mais é do que o orgulho e a valorização pelos imigrantes e descendentes de suas origens, com o nazismo. Era o chamado “perigo alemão”, que segundo Lisboa (2008), foi tema de livros e panfletos brasileiros e preocupação das autoridades do Brasil à época, que ao final, considerando a avaliação de autores, acabaria como simplesmente um “exagero”, que acarretou em prisão e perseguição para muitos.

Neste processo de assumir suas origens, a questão língua pomerana, tradições, crenças, religiosidade, identidade de grande importância para a transmissão de tudo isso para as próximas gerações, nada mais objetivo do que começar a trabalhar uma história em que os pequenos estudantes possam visualizar em seu cotidiano. Aliás, existe uma maneira mais legal de aprender do que estudar o povo do qual fazemos parte? Ou quem sabe com um depoimento de algum parente, vizinho ou conhecido?

O trabalho também tem como alvo o ensino de história, no sentido de uma valorização e reconhecimento da cultura pomerana e sua importância para o desenvolvimento do município de São Lourenço do Sul. Um tema que está diretamente ligado à realidade dos estudantes, através do testemunho de pessoas da comunidade, pois:

As testemunhas orais tornaram-se chave para o acesso ao campo cultural e à vida cotidiana daqueles grupos que não contavam com registros escritos sobre seu passado. Com a constante utilização de fontes orais e do uso de entrevistas na recuperação do passado, abriu-se uma brecha para que estes grupos conseguissem registrar sua memória histórica. Hoje ainda é impossível reconstruir a história de

certos bairros ou da vida do campo sem ouvir os idosos que conservam a memória, com a perspectiva de quem a vivenciou (FÉLIZ, 2006, p. 18).

E dessa maneira fazer uma ligação entre a história e a memória com a participação de diferentes gerações, através da história oral. Com a abordagem de um tema muito familiar, importante e presente na vida de todos os descendentes de pomeranos: a sua religiosidade, explorada desde o período de paganismo desse povo em sua terra natal. Segundo Barros:

O ensino de História pode desempenhar um papel importante na configuração da identidade ao incorporar a reflexão sobre o indivíduo nas suas relações pessoais com o grupo de convívio, suas afetividades, sua participação no coletivo, e suas atitudes de compromisso com classes, grupos sociais, culturais, valores e com gerações passadas e futuras (2013, p. 8).

Assim entendendo, considero o trabalho voltado especialmente para a história local e sua aplicação aos estudantes como forma de valorizar, divulgar a este público no âmbito regional e local. Com o intuito também de uma discussão sobre a importância desse povo nas suas comunidades, juntamente com suas tradições e manifestações, sejam elas de religiosidade ou culturais.

Porém, o trabalho oferecido não se trata somente deste manuscrito. Junto, foi produzido um documentário falando um pouco do relatório desde os pomeranos que viviam às margens do mar Báltico, passando por sua escolha pelo Império, a chegada (um tanto traumática) até a atualidade, estando sempre presente a temática deste trabalho: a religiosidade. Penso que a produção escrita e o audiovisual são complementares para o perfeito entendimento do tema, e claro, a sua utilização dependerá muito das autoridades constituídas no município, bem como de sua disposição para seu aproveitamento. Ou não. A expectativa é de que seja útil para o ensino de história do meu município. Senão, tenho a convicção que servirá como material de pesquisa para futuros trabalhos sobre o assunto, visto que, conforme registrei na apresentação, mesmo “não descobrindo a roda” ao pesquisar sobre o tema, sempre se pode acrescentar alguma descoberta útil, que estava guardada em algum cérebro por aí.

Para encerrar este tópico, penso também na elevação da autoestima de pessoas simples. Penso naquele menino que depois de sua confirmação nunca mais vai frequentar uma escola, pois vai acrescentar seus braços no trabalho na lavoura de seus pais, mas que pelo menos terá a oportunidade de conhecer um pouco da história dos seus antepassados na escola, já que constatamos nesta pesquisa, que poucos entrevistados conhecem as suas origens além de seus bisavôs. Entendo que o sentimento de orgulho de pertencer, como descendente, do povo pomerano, já existe, porém com pouco interesse sobre os antepassados. Este objetivo já

foi alcançado desde o final do século XX, entretanto ainda falta um pouco mais de curiosidade na descoberta de quem são seus ancestrais que vieram da Pomerânia e que deram origem às suas famílias.

Em conversa com o médico e escritor lourenciano Edilberto Luiz Hammes, este declarou que quando estava pesquisando para a escrita do Dicionário de Sobrenomes de origem alemã de São Lourenço do Sul e colônias adjacentes (2017) procurou apoio da imprensa para que as famílias colaborassem com os dados de seus parentes que vieram da Europa. O resultado, no entanto, não foi muito positivo, resultando daí um trabalho em que algumas famílias continham poucas informações, pois os dados não estão somente nos cemitérios e nas igrejas. Muitas vezes estão dentro de casa e necessitando ser compartilhado com alguém que tenha o interesse de produzir e divulgar um trabalho de História e memória. Este foi o objetivo dessa pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu sob o signo de uma pandemia que abalou o mundo, com todas as incertezas que esta causava. O primeiro semestre de 2020, literalmente, “não aconteceu” academicamente falando. Em agosto iniciei os trabalhos do mestrado, de modo remoto. De minha parte, sem problemas, pois minha graduação foi na modalidade a distância. Obviamente que na parte teórica, as aulas das disciplinas do curso aconteceram tranquilamente. O problema começou a partir da pesquisa propriamente dita, parte necessária para a qualificação e, em seguida, para a elaboração do relatório final, bem como do produto final, o documentário.

No que diz respeito à escrita para a qualificação, praticamente todo o trabalho de pesquisa foi também à distância. Já no período para a elaboração do relatório final, houve a sorte do advento da vacina, muitas vezes com a sonegação da urgência pelas autoridades federais. Mesmo assim, em outubro de 2021 nos sentimos encorajados a sair para as entrevistas presenciais, o que aconteceu até junho de 2022. Não fazia parte do planejamento inicial, misturar pesquisa e documentário, mas o prazo estava curto. Dessa maneira, as coisas aconteceram de modo paralelo. A partir de então, através das entrevistas e depoimentos foi possível traçar algumas conclusões, especialmente no que tange ao objetivo final da pesquisa, isto é, a religiosidade, crenças e também as superstições do povo pomerano, bem como as manifestações nesse âmbito, a partir da triangulação dos dados.

A primeira conclusão é, sem dúvida, de que o povo pomerano que vive na região pesquisada é preponderantemente luterano e que essa religião chegou com os primeiros imigrantes, em virtude do trabalho da Reforma de Martinho Lutero. Apesar das dificuldades enfrentadas por eles, já que o Brasil era um país oficialmente católico naquela época, principalmente até a proclamação da República, sobreviveram às dificuldades que passavam pela proibição de sinais exteriores de outra religião. Houve também a questão da falta de lideranças espirituais, dos pastores, alguns vindos da Alemanha e que por motivo da dura vida logo retornavam ao seu país de origem. Ou, então, aqueles escolhidos pela comunidade para exercer a função de pastor e muitas vezes também de professor da escola da localidade, ocupando uma lacuna deixada pelo poder público.

Conclui-se, também, que os pomeranos são, sem dúvida, um povo com uma riqueza de superstições genuinamente originárias do norte da Europa. Atribui-se a isso a questão de suas origens, um povo pagão, mas que cultivava suas crenças politeístas até serem

definitivamente cristianizados. No entanto, não significa dizer que os pomeranos não tenham aderido a algumas crenças nativas e que casos de absorção de cultura não tenham acontecido ou que estas sejam uma primazia dos pomeranos. O caso de benzeduras ou o uso de ervas nas curas era utilizado igualmente pelos primeiros habitantes do Brasil, os indígenas, guardadas as características e as diferenças de cada cultura.

A questão da transmissão do idioma pomerano e/ou da língua alemã de geração em geração igualmente teve importância para que as manifestações de religiosidade atravessassem os séculos, muitas das quais até hoje utilizadas. Na entrevista com uma benzedeira, ela foi enfática ao afirmar que a transmissão da benzedura se dava de pai (ou mãe) para filho e que a geração seguinte a dela não teria representante, pelo simples fato das filhas só falarem a língua portuguesa. Constatou-se que o idioma utilizado nos cultos era o alemão e não o pomerano. A razão pela qual isso acontecia era que os pastores vinham da Alemanha e muito provavelmente desconheciam o pomerano. Dessa forma, muitos eram trilíngues, pois o culto era em alemão, o português era usado nos negócios e o pomerano nas conversas em família. Excluindo-se os cultos de hoje, que são na maioria em língua portuguesa e algumas partes em pomerano, o idioma alemão não é mais utilizado em cerimônias religiosas.

Com relação ao uso de benzeduras, observou-se que a simples ausência na oferta de assistência médica e a falta de estradas e meios de transporte não bastam para explicar a utilização desses métodos na cura de doenças entre o povo pomerano. Convém lembrar que as benzeduras faziam parte da cultura da população oriunda do norte da Europa e que este recurso curativo veio com os imigrantes para o Brasil. Conforme constatado em depoimentos, era utilizado em vários âmbitos, seja na cura de doenças humanas, combate a pragas na lavoura, proteção aos temporais e também cura animal. A constatação é de que os pastores não comungam do uso de benzeduras, porém atuam com muita cautela ao abordar o tema em cultos e, de forma velada, acabam evitando atritos com os usuários, muitos dos quais lançam mão da benzedura e mesmo sendo membros participantes de alguma comunidade. Assim conclui-se que a benzedura continua a ser um recurso muito utilizado pelos pomeranos.

Fala-se muito no termo aculturação dos pomeranos que vivem na região. A questão da aculturação é polêmica até nos conceitos. O historiador francês Nathan Watchel (2017) diz que “[...] a aculturação é todo o fenômeno de interação social que resulta do contato entre duas culturas, e não simplesmente sujeição de um povo pelo outro” (SILVA, 2017, p. 15). Já o estudioso brasileiro Alfredo Bosi, citado por Silva (2017), define aculturação “como o ato de sujeitar um povo ou adaptá-lo tecnologicamente a um padrão tido como superior” (SILVA, 2017, p.15), no qual o padrão tido como superior seria o alemão. Sabidamente os pomeranos

na sua terra natal eram cidadãos servos dos grandes proprietários alemães. Porém, alemães e pomeranos chegaram a São Lourenço do Sul com igualdade de condições. Os lotes de terra tinham áreas iguais, as comunidades luteranas eram compostas majoritariamente por pomeranos, que inclusive tinham a primazia de escolher professores para seus filhos e pastores para as suas comunidades. Diga-se de passagem, bem diferente daquilo que vivenciavam na antiga Pomerânia, onde a utilização de um pouco de esterco da grande propriedade para si passava por liberação do dono da terra. Além dessa, havia muitas outras situações de submissão como a autorização de casamento, por exemplo. Dessa maneira, não parece plausível esta questão de aculturação dos pomeranos na Serra dos Tapes. Para exemplificar a questão religiosa, os alemães que aqui aportaram muitos eram católicos. Porém, no interior do município até hoje a religião preponderante é o luteranismo.

Conforme a narrativa de uma das entrevistadas, a questão de conflitos entre católicos e luteranos existiram, a ponto de famílias romperem relações definitivamente, de nunca mais se falarem. A união entre noivos de religiões diferentes podia causar uma cisão entre familiares. Os pais proibiram o namoro com jovens de outra religião. Isso aconteceu por muito tempo, especialmente no interior do município. Sem dúvida esse ato envolveu descendentes de alemães e pomeranos, adeptos do catolicismo e do luteranismo. A própria reforma de Martinho Lutero aconteceu com conflitos entre os dois lados. Sendo assim, a dita aculturação ou os apagamentos ocorreram de forma que os próprios pomeranos acabaram adaptando-se à situação, absorvendo as manifestações de outras culturas ou deixando de lado as suas. Com o aumento do orgulho e a autoestima de ser pomerano, fato que começou a acontecer a partir do fim do século passado, quando não se sentia mais vergonha de falar o pomerano no meio da rua.

Tudo isso que foi relatado refletiu na valorização das manifestações culturais e religiosas do povo pomerano, tema da pesquisa. Estivemos com a diretora da Escola Municipal de Primeiro Grau Martinho Lutero, a senhora Cristiane Siefert, na localidade de Santa Augusta. Cristiane informou que lá estudam 221 alunos, dos quais 98% são pomeranos. Relatou que o ensino da língua pomerana não consta na grade curricular, porém acontecem diversas atividades extraclasse em que cita o projeto anual “Pomervida”, no qual a cada ano pesquisam um tópico sobre o tema. Esse projeto existe desde 2008. Além disso, os alunos são recebidos falando a língua materna para ter uma boa acolhida e, posteriormente, segue a construção na língua portuguesa.

Além do rótulo de supersticiosos, também se pode confirmar a afirmação de que normalmente são pessoas cautelosas e, porque não dizer, desconfiadas. Em entrevista, o

escritor Jairo Scholl Costa atribui estas características trazidas da Europa, considerando que os pomeranos sempre conviveram com invasões em sua terra natal, fossem eles dinamarqueses, suecos, poloneses ou de outras nacionalidades. Alguns destes somente utilizaram a Pomerânia para corredor de passagem, causando o caos para os nativos. Entretanto, não se pode esquecer tudo que os imigrantes e descendentes sofreram por aqui durante o período da Segunda Guerra Mundial, na grande maioria das vezes simplesmente por ostentar um sobrenome diferente.

Para finalizar, o tema é bastante amplo e, por isso, chegou um momento em que foi necessário fazer um ponto de corte na pesquisa, mas que com certeza renderia talvez o dobro do que foi produzido neste relatório. Não é pioneiro, não é completo, mas é informativo e creio que atingiu o objetivo proposto: o registro e a documentação relativa ao tema. Porém, pesquisa nesse âmbito sempre terá acréscimos, uma superstição não narrada que estava escondida com um descendente de pomerano que não foi entrevistado e que não passou a manifestação adiante. Aos historiadores cabe a tarefa de revisar e complementar a produção historiográfica, considerando que a temática não esgota na apresentação desse trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- AMBROZIAK, R.S; MANSKE, C. M. R. Religião, morte e cemitério na memória coletiva e étnica dos pomeranos e seus descendentes no Brasil. **Revista Brasileira de História das Religiões**, n. 40, p. 117-142, mai/ago. 2021.
- ARÉVALO, J. M. La tradición, el patrimonio Y la identidad. **Revista de estudos extremeños**. vol. 60, n. 3, p. 925-955, 2004.
- BAADE, J. H. **Da guerra à união: uma abordagem histórica da caminhada da Associação Evangélica de Comunidades e do Sínodo Evangélico-Luterano até a sua fusão e formação do Sínodo Evangélico-Luterano Unido**. Dissertação (mestrado), Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2007.
- BAYSDORF, N.C.; RODRIGUES, P.R.Q. A etnia pomerana no sul do Brasil: Autonomia, identidade e as influências externas da globalização e sua preservação através de feriados religiosos. In: **XVI Congresso de Iniciação Científica Faculdade Eliseu Maciel**. Pelotas, 2007.
- BARROS, C. H. F. Ensino de História, Memória e História Local. **CRIAR EDUCAÇÃO**, UNESC, v. 2, n. 2, 2013.
- BERWALDT, M. G.; THUM, C. Do ser pomerano nos tempos atuais. **RELACult**, v. 05, p. 1-13, abr. 2019.
- BOSENBECKER, P. **Uma colônia cercada de estâncias: a inserção de imigrantes alemães na colônia de São Lourenço (1857-1877)**. Pelotas: Editora UFPel, 2020.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRUZZO, C. O documentário em sala de aula. **Ciência & Ensino**, p. 23-25, 4 junho, 1998.
- CAPUCHO, M. C.; JARDIM, A. P. Os pomeranos e a violência: a percepção de descendentes de imigrantes pomeranos sobre o alto índice de suicídio e homicídio na comunidade de Santa Maria do Jetibá. In: **Revista Institucional de Psicologia**, p. 36-53, jan./jun., 2013.
- CARNEIRO, H. Guerra dos Trinta Anos. In: MAGNOLI, D. (Org.). **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Terra e Paz, 1999.
- CHRISTILLINO, C. L. A colonização e a grilagem no Rio Grande do Sul Século XIX. **Revista de Humanidades**, v. 08, n. 22, jun./jul., 2006.
- CUNHA, G. P. **POMERANO E LUTERANO: COM MUITA HONRA! Identidade Religiosa e Identidade Étnica em Santa Maria de Jetibá no estado do Espírito Santo: Um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.
- DAVATZ, T. **Memórias de um colono no Brasil**. São Paulo: Martins, 1850.
- DREHER, M. N. **190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças**. São Leopoldo: Oikos, 2014.
- DROOGERS, A. Religião, identidade e segurança entre imigrantes luteranos da Pomerânia no Espírito Santo (1880-2005). **Religião e Sociedade**, 28, p. 13-41, 2008.

- FACHEL, J. P. G. **As violências contra os alemães e seus descendentes durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul**. Pelotas: Editora UFPel, 2002.
- FÉLIZ, A. **Recuperação da história local urbana**. São Paulo: Loyola, 2006.
- FERREIRA, J. P. e col. **Pediatria. Diagnóstico e Tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- FERREIRA, M.L.M; HEIDEN, R. Busca patrimonial e Políticas Públicas: O caso de São Lourenço do Sul – Rio Grande do Sul. **Cadernos do CEOM**. Ano 22, n. 30, 2009.
- FLORES, H. A. H. A colônia de São Lourenço (Um capítulo pouco estudado da colonização alemã no Rio Grande do Sul). **Estudos Íbero-americanos**, p. 63-80, 1982.
- GERTZ, R.E. **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- GOMES, L. **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.
- GRANZOW, K. **Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: colonos alemães no Brasil**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2009.
- HAACKENHAAR, D. Vida e trajetória do povo pomerano: a imigração pomerana para o Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- HALLBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- HAMMES, E. L. **São Lourenço do Sul – Radiografia de um município**. Das origens aos anos 2000. São Leopoldo: Zeus, 2010.
- HAMMES, E. L. **A imigração alemã para São Lourenço do Sul**. São Leopoldo: Zeus, 2014.
- HAMMES, E. L. **Dicionário de sobrenomes de origem alemã de São Lourenço do Sul e das colônias adjacentes**. São Leopoldo: Zeus, 2017.
- HERMANN, J. História das religiões e religiosidades. In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (Orgs.). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- IEPSEN, E. O agrimensor que media de menos: os conflitos agrários na Colônia de São Lourenço. In: TEDESCO, J. C. e NEUMANN, R. M. (Orgs.) **Colonos, Colônias e Colonizadoras: aspectos da territorialização agrária no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2013.
- IEPSEN, A. F.; SILVA, R. P. Memória, Tradição e Identidade: O canto coral em São Lourenço do Sul – RS. **Momento**, v. 25, n. 2, p. 129-144, jul./dez. 2016.
- KLUMB, G.P. Acultura dos imigrantes pomeranos como atrativo do turismo rural em São Lourenço do Sul/RS. V **ENECULT Quinto Encontro de Estudos Disciplinares de Cultura**. 2009, Salvador.
- LAGO, P. M.; *et al* (coords.) **Pediatria baseada em evidências**. Sociedade de Pediatria do RS. Barueri: Manole, 2016.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1994.
- LISBOA, K. M. Olhares alemães sobre a imigração no Brasil: imperialismo, identidade nacional e imperialismo. **Espaço Plural**. Ano IX, n. 19, 2º sem. 2008.
- LOPES, F. A.; CAMPOS JR, D (org). **Tratado de Pediatria**. Sociedade Brasileira de Pediatria. Barueri: Manole, 2007.

- MALTZAHN, G. M. **Família, ritual e ciclos de vida**: Estudo Etnográfico sobre narrativas pomeranas em Pelotas (RS). Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.
- MANOEL, I. A. História, religião e religiosidade. **Revista de Cultura Teológica**. v. 15, n. 59, p. 105-128, abr./jun. 2007.
- MICHAELIS Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015.
- MILZA, P. **Napoléon III**. Paris, Perrin/Tempus, 2006.
- MOTTA, M. M. M. História, Memória e tempo presente. In: Cardoso, C. F.; VAINFAS, R.(orgs.). In: **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- NOGUEIRA, O. **Constituições Brasileiras – 1824**. Brasília: Senado Federal, 2012.
- NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- OBERACKER, K. H. **Na terra ensolarada do Brasil /** Imagens e perfis. Experiências no Sul do Brasil. São Leopoldo: Oikos, 2020.
- OLIVEIRA, R. G. **Blackbook Pediatria**. Medicamentos e rotinas médicas. 4 ed. Mangabeiras:Blackbook ed., 2011.
- OLIVEIRA, J. M. Breve panorama das relações internacionais europeias: dos sistemas bismarckianos ao sistema Delcassé. **Revista Ágora**. N. 23, p. 269-290, 2016.
- PANDOLFI, D. (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- REETZ, M. **Mulher Pomerana**: Cultura e saúde. Vitória: Dissertação (mestrado). Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia, 2016.
- RIETH, R. W. Dois modelos de Igreja Luterana: IECLB e IELB. In: Dreher, M. (org.). **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja**. Porto Alegre/São Leopoldo: EST/Sinodal,1990.
- RODRIGUES, F. L. Uma breve história sobre o cinema documentário brasileiro. **CES revista**, v. 24, 2010.
- ROHM, T. “Coisas da Quinta Coluna”: teatro e política na capital paraense durante a Segunda Guerra Mundial (1942 – 1943). **Contemporânea**, UFF, n. 8, p. 1-27, 2015.
- RÖLKE, H. **Raízes da Imigração Alemã**: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.
- ROMIG, K. L. K. **O Rito da confirmação Luterana e o processo escolar dos pomeranos na Serra dos Tapes – RS (1938-1971)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.
- SALAMONI, G. (org.). **Os pomeranos: valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul – Pelotas e São Lourenço do Sul**. Pelotas: Universitária, 1995.
- SALAMONI, G. A imigração alemã no Rio Grande do Sul – o caso da comunidade pomerana de Pelotas. **História em Revista**. v. 7, p. 25-42, dez. 2001.

- SANT'ANNA, J. C. C. **A crença religiosa em Dan Sperber**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2019.
- SANTOS, A. F. P. R.; AZEVEDO, R. S. O processo histórico de (RE) conhecimento da identidade dos pomeranos como povo tradicional no Brasil. **Quaestio Iuris**. V. 10, nº 4, p. 2482-2500, 2017.
- SEIBEL, I. Imigrante no século do Isolamento: 1870 – 1970. **Relatório** (Pós Doutorado). Escola Superior de Teologia/PPG, São Leopoldo, 2010.
- SEIBEL, I. Os Pomeranos pelo mundo. In: SEIBEL, I. (Org.). **O povo pomerano no Brasil**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2016.
- SEYFERTH, G. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, D. (Org.) **REPENSANDO o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- SEYFERTH, G. A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira. In: FIORI, N. **Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres**. Florianópolis: Editora da UFSC; Tubarão: Editora Unisul, 2003.
- SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2017.
- SIRIANI, S. C. L. Os descaminhos da Imigração alemã para São Paulo no século XIX – aspectos políticos. **Almanack braziliense**. n. 02, nov. 2005.
- THUM, C. Povos e Comunidades Tradicionais: aspectos históricos, conceituais e estratégias de visibilidade. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient**. Edição especial XIX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, p. 162-179, jun. 2017.
- TOMAIN, C. S. O documentário como chave para a nossa memória afetiva. **Intercom**. V. 32, n. 2, p. 53-69, jul./dez. 2009.
- WATCHEL, N. Aculturação. In: LE GOFF, J. NORA, P. **História: Novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- WEBER, R.; BOSENBECKER, P. Disputas pela memória em São Lourenço do Sul: uma visão histórica de representações étnicas. **Cadernos do CEOM**. Ano 23, n. 32, 2010.
- WEIDUSCHADT, P. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: identidade e cultura escolar**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.
- WEIMER, G. **Arquitetura da Imigração Alemã: Um estudo sobre a adaptação da arquitetura Centro-Europeia ao meio rural do Rio Grande do Sul**. São Paulo: Nobel, 1983.
- WEINGÄRTNER, N. **Mundo da Superstição: orientação para a vida de fé**. São Leopoldo: Sinodal, 2014.